

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, UNIFAP
MESTRADO INTEGRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Maria Cristina Saboia dos Santos Leão

**ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS ENVOLVIDOS COM O PROCESSO DE
PRODUÇÃO DO ARTESANATO DA BIOJÓIA NO ESTADO DO AMAPÁ**

Macapá,

2010

MARIA CRISTINA SABOIA DOS SANTOS LEÃO

**ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS ENVOLVIDOS COM O PROCESSO DE
PRODUÇÃO DO ARTESANATO DA BIOJÓIA NO ESTADO DO AMAPÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Integrado de Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ângelo Pereira de Lima.

Macapá,
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Leão, Maria Cristina Saboia dos Santos

Organização dos grupos sociais envolvidos com o processo de produção do artesanato da biojóia no Estado do Amapá / Maria Cristina Saboia dos Santos Leão; orientador Ricardo Ângelo Pereira de Lima. Macapá, 2010.

116 pg.

Dissertação (mestrado) ó Fundação Universidade Federal do Amapá, Curso de Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional.

1.Artesanato da biojóia no Brasil. 2. Abordagens epistemológicas e metodológicas da pesquisa. 3. Grupos Sociais envolvidos com a produção artesanal da biojóia no Estado do Amapá. 4. Gestão institucional para o artesanato local. I. Lima, Ricardo Ângelo Pereira de orient.. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD.

MARIA CRISTINA SABOIA DOS SANTOSLEÃO

**ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS ENVOLVIDOS COM O PROCESSO DE
PRODUÇÃO DO ARTESANATO DA BIOJÓIA NO ESTADO DO AMAPÁ**

Esta dissertação foi submetida à banca examinadora abaixo especificada, em 30/09/2010, sendo a mestranda considerada aprovada.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Ângelo Pereira Lima, Orientador, UNIFAP

Prof. Dr. André Luiz Lopez de Souza, 1º Membro, SUDAM

Prof. Dr. Antonio Sérgio Monteiro Filocreão, 2º Membro, UNIFAP

AGRADECIMENTOS

A ingratidão é um dos maiores defeitos do ser humano, a DEUS nada se pede, somente se agradece. Minha força e minha vida vêm desta fortaleza. Obrigada por tudo, meu DEUS!

À Minha família que é meu porto seguro, a base de minha vida espiritual e material. *In memoriam* a meus pais Odette e José, que com toda certeza estariam muito felizes de compartilhar comigo este momento.

A meus amores Leão (esposo), Ernan (filho) e Francisco (filho) que me ajudam a exercitar diariamente a essência de ser mãe e mulher concretizando a prática do impossível, este tornar-se real e possível.

Aos amigos de caminhada, em especial, Elke Rocha companheira de angústias, inquietações e doces conquistas. Ainda no campo das amizades, a amiga Neura e sua paciência no trato com toda essa gente tão solícita.

Ao meu orientador, Professor Ricardo Ângelo, que com diplomacia e cuidado consegue entender e conduzir pessoas de ciências e objetivos tão distintos, obrigada pela paciência.

Aos professores do mestrado multidisciplinar Marinalva, Arley, Tostes, Jadson, Filocreão e Manoel Pinto que no exercício de seu sacerdócio lapidam pedras brutas, mostrando a pontinha de uma pedra preciosa, acreditando que sempre podemos mais, obrigada, nós acreditamos nisso e aqui chegamos.

Aos colegas de turma e as trocas de experiências vividas em todos os momentos.

Aos responsáveis pela realidade escrita e registrada nesta dissertação, os sujeitos da pesquisa que se mostraram amigos e acima de tudo colaboradores com o trabalho concretizado, Aldenora e Carmita, presidente e tesoureira da Amarte e todas as associadas; Doraci e Erley, professores da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza; Rosângela, líder da Associação Quilombo Artes Tapuia e associados; Josseli, responsável pela gestão do artesanato no SEBRAE; Cristiano, designer do SEBRAE e Daniela, gestora do artesanato na SETE.

Aos colegas da Folha de pagamento da Secretaria da Administração do Estado, por durante dois anos, nunca terem me cobrado nada em função de minha ausência constante.

Aqueles que solidariamente instrumentalizaram o caminho que seria praticamente impossível de atingirmos, aquelas luzes do fim do túnel foram acesas por Mágnó Távora, Marialva Ramalho, Cláudia Chelala e Paulo Silva. Sinto-me realizada em poder agradecer a todos, muito obrigada!

As organizações são feitas de
pessoas e não de forças.
Drucker (1981)

RESUMO

Antes dos processos industrializados, a produção dos objetos de consumo era artesanal. Consequentemente, os espaços de produção dos artesãos sofrem influências de ordem econômica, social e política, em função destes também estarem sujeitos às regras de um mercado de consumo envolto num universo de tendências geradoras de demandas. Assim, o território fortalece este enfoque econômico e social, possibilitando aos cidadãos por ordem de suas demandas, alternativas que o mundo do capital através das engrenagens da indústria, exclui e segrega. Neste sentido as pessoas que se reúnem com objetivos comuns através de uma atividade artesanal compartilham dificuldades que não conseguem superar sozinhas, procurando em primeira instância o apoio governamental. Todavia o artesanato brasileiro amazônico neste novo século, diferentemente do passado, dinamiza economias e necessita, portanto, de políticas públicas eficazes. Contudo o sistema de cooperação no conjunto da organização dos grupos faz-se necessário, devendo ser parte integrante deste os governos, as empresas locais e as instituições de ensino, representando os atores que sistematicamente, ao se envolverem, podem significar a ação gerada pelo capital social. Na presente dissertação, o estudo sobre o modo como as pessoas se organizam, a fim de favorecer uma atividade de produção artesanal através das biojóias sob uma abordagem conjunta e integrada, mostra que isso pode construir a ideia de que um sistema em redes aumenta as possibilidades de eficácia da ação das pessoas. Observou-se que o movimento da reprodução do conjunto sociedade e espaço ocupado, é relevante em função de realidades possíveis para comunidades e grupos que trabalham com o artesanato local utilizando as sementes da natureza, levando-se em consideração aspectos culturais e ambiente natural. Assim o estudo feito mostra ainda que o exercício de praticar administrativamente o território frente à sua visão econômica e social propõe, dentro do sistema contemporâneo do capital, modelos alternativos de dinamizar o referido território em conformidade com sua vocação, definindo aquilo que lhe é próprio, através do protagonismo local, norteados na pesquisa pelos municípios de Laranjal do Jarí, Macapá e Santana no Estado do Amapá, baseados na cooperação a favor dos interesses conjunto dos seus atores, fortalecidos por aspectos típicos de sua localização.

PALAVRAS-CHAVE: território, rede, organizações, economia e artesanato

ABSTRACT

Before the industrialized processes, the production of consumption objects was artisan. Consequentemente, the spaces of production of the craftsmen suffer to influences from economic, social order and politics, in function of these also to be citizens to the rules of a consumption market envolto in a universe of generating trends of demands. Thus, the territory fortifies this economic and social approach, making possible to the citizens for order of its demands, alternatives that the world of the capital through the gears of the industry, excludes and segregates. In this direction the people who if congregate with common objectives through an artisan activity share difficulties that they do not obtain to surpass alone, looking in lower court the governmental support. However the Amazonian Brazilian artesanato in this new century, differently the past, dinamiza economies and needs, therefore, of efficient public politics. However the system of cooperation in the set of the organization of the groups becomes necessary, having to be integrant part of this the governments, the local companies and the education institutions, representing the actors who systematically, to if involving, can mean the action generated for the capital stock. In the present dissertação, the study on the way as the people if they organize, in order to favor an activity of artisan production through the biojóias under a joint and integrated boarding, sample that this can construct the idea of that a system in nets increases the possibilities of effectiveness of the action of the people. It was observed that the movement of the reproduction of the joint society and busy space, is excellent in function of possible realities for communities and groups that work with the local artesanato using the seeds of the nature, taking itself in consideration cultural aspects and natural environment. Thus the done study sample despite the exercise to practise the territory administratively front to its economic and social vision considers, inside of the system contemporary of the capital, alternative models of dinamizar the cited territory in compliance with its vocation, defining what it he is proper, through local protagonism, guided in the research for the cities of Orange grove of the Jarí, Macapá and Santana in the State of the Amapá, based in the cooperation in favor of the interests joint of its actors, fortified for typical aspects of its localization.

KEYWORDS: *territory, net, organizations, economy and artesanato*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAB	Arte do artesanato Brasileiro
ADAP	Agência de Desenvolvimento do Amapá
AMARTE	Associação de Mulheres Artesãs do Vale do Jarí
APL	Arranjo Produtivo Local
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEM	Centro de Excelência da Mulher
CODEVASF	Companhia de desenvolvimento dos Vales de São Francisco e de Parnaíba
CPF	Cadastro de Pessoa Física
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
FEIARTE	Feira Internacional de Artesanato
FEROM	Federação Rondoniense de Mulher
FUNDECAP	Fundação Estadual de Cultura do Amapá
GEA	Governo do Estado do Amapá
GTP	Grupo da Trabalho Permanente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infra Estrutura Aeroportuária
MDIC	Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior
MMA	Ministério do Meio Ambiente
OTCA	Organização do Tratado de Cooperação Amazônica
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PDI	Programa de Desenvolvimento Institucional
PNDA	Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato
SAA	Sala Andes Amazônia
SEAMA	Sistema de Ensino da Amazônia
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas
SECULT	Secretaria de Estado da Cultura do Amapá
SEPLOR	Secretaria de Estado de Planejamento Orçamento e Tesouro
SETE	Secretaria Estadual de Trabalho e Empreendedorismo
SETEPS	Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social do Pará
SETRACI	Secretaria de trabalho e cidadania
TNT	Tecido não tecido
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFRA	Universidade Federal Rural do Amazonas
UNB	Universidade Federal de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Biojóias produzidas no Amapá, com grafismos Maracá e Cunani	28
Figura 02	Sementes coletadas no Estado do Amapá e sementes de açaí branco de Manaus, usadas na produção de biojóias pelos grupos pesquisados	28
Figura 03	Sede da Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jari (Amarte), interior da Sede e associadas trabalhando	35
Figura 04	Localização geográfica de Vitória do Jari e bacia hidrográfica, onde está localizado o município	36
Figura 05	Município de Vitória do Jari	37
Figura 06	Localização geográfica da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, onde funciona o projeto ponte para o futuro	38
Figura 07	Mapa do Amapá, onde estão caracterizadas as regiões em que se desenvolveram as principais fazes do povoamento do Estado	47
Figura 08	Peças produzidas com o bagaço do açaí transformado em resina pelas associadas da Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia	62
Figura 09	Integrante da Associação de Artesãos Quilombo de Artes Tapuia, peças de biojóias, alguns produtos decorativos produzido pelo grupo e <i>banner</i> de identificação do grupo	63
Figura 10	Associadas da Amarte oferecendo suas biojóias nos intervalos do Fórum Social mundial que aconteceu em Belém em 2009	66
Figura 11	Peças da coleção <i>Palmae</i> produzidas pelo grupo Amarte	67
Figura 12	Máquinas usadas no beneficiamento das sementes pelo grupo Amarte	68
Figura 13	Logomarca da Amarte	69
Figura 14	Local de lixamento das sementes do grupo Amarte	71
Figura 15	Mesa com panela de lixamento de sementes e lixas usadas no processo de produção das biojóias da Amarte	72
Figura 16	Inversor que garante a transformação da eletricidade na casa de lixamento e o funcionamento do maquinário para o beneficiamento das sementes da Amarte	73
Figura 17	Perfuração das sementes	73

Figura 18	Sementes de aturiá, olho de boi e caranã in natura, usadas pela Amarte	74
Figura 19	Sementes de açaí branco, paxiuba e Jatobá in natura, usadas pela Amarte	74
Figura 20	Processo de secagem de sementes em frente a sede da Associação da Amarte	75
Figura 21	Panela de lixamento e polimento, esfera de madeira sem a lixa e variedade de sementes após o polimento e tingimento das sementes	76
Figura 22	Associadas trabalhando na produção das biojóias na Amarte	76
Figura 23	Outros materiais que compõe as biojóias: madeirinha, casca de coco e fios para tecer a biojóia	77
Figura 24	Embalagem produzida pelo grupo Amarte e biojóias em exposição na feira do empreendedor em novembro de 2009 no Sebrae	78
Figura 25	Escola onde funciona o projeto, professores coordenadores do projeto com os alunos perfurando sementes	
Figura 26	Alunos da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, na oficina de biojóias, exposição de peças e embalagens produzidas pelo grupo do projeto	80
Figura 27	Sala da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, onde ocorrem as oficinas de biojóias e alunos nas redondezas da escola realizando o estudo do meio	81
Figura 28	Escorredor ou peneira de açaí, gabarito para uniformizar as sementes, sementes de açaí local sem corante e sementes de açaí tingidas, após secagem	82
Figura 29	Panela de lixamento, máquina de Rola-rola e ferramentas usadas para beneficiar sementes no Projeto Ponte para o Futuro	83
Figura 30	Casa do artesão em Macapá, localizada no Complexo Beira Rio na Orla de Macapá	86
Figura 31	Grafismos Maracá e Cunani	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ARTESANATO DA BIOJÓIA NO BRASIL	17
1.1 BIOJÓIA NA AMAZÔNIA	20
1.2 BIOJÓIA NO AMAPÁ	25
2 ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA	33
2.1 ORGANIZAÇÕES	33
2.2 SISTEMAS ORGANIZACIONAIS DOS GRUPOS SOCIAIS	34
2.3 SOCIEDADES E REDES	39
2.4 CAPITAL SOCIAL COMO SISTEMA DE COOPERAÇÃO	41
2.5 ANÁLISE DO SIGNIFICADO DE TERRITÓRIO	46
2.5.1 Territórios e Redes	48
2.6 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL	50
2.6.1 Condicionantes para o Sistema de Arranjos Produtivos Locais	52
2.7 O ARTESANATO COMO PERSPECTIVA DE SOBREVIVÊNCIA AOS GRUPOS SOCIAIS	55
2.8 ABORDAGENS TEÓRICO METODOLÓGICAS	57
2.8.1 A Pesquisa e seu Contexto	57
2.8.2 A Técnica de Pesquisa e Sujeitos da Pesquisa	57
2.8.3 Método de Pesquisa	59
3 GRUPOS SOCIAIS ENVOLVIDOS COM A PRODUÇÃO ARTESANAL DA BIOJÓIA NO ESTADO DO AMAPÁ	60
3.1 ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DO QUILOMBO DE ARTES TAPUIA	60
3.2 ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DO VALE DO JARI - AMARTE	64
3.2.1 Processo de produção artesanal das biojoias da Associação de Mulheres Artesãs do Vale do Jarí	70
a) Beneficiamento das sementes	70
b) Polimento das sementes	75
c) Montagem de peças	76
d) Processo de venda	77
3.3 PROJETO PONTE PARA O FUTURO DA ESCOLA ESTADUAL IGARAPÉ DA FORTALEZA	79
3.3.1 Processo de produção artesanal das biojóias do Projeto Ponte para o Futuro	81

a) Lavagem das sementes	82
b) Lixamento das sementes	83
c) Seleção de sementes e tingimento das semente	84
4 GESTÃO INSTITUCIONAL PARA O ARTESANATO LOCAL	85
4.1 GESTÃO DO PRODUTO DO ARTESANATO NO SISTEMA BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE/AP	87
4.1.1 Trabalho de design do SEBRAE/AP com ênfase no artesanato local	92
4.2 GESTÃO DO PRODUTO DO ARTESANATO NA SECRETARIA ESTADUAL DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO - SETE	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	112
ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

Inicialmente o espaço local apropriado pelos grupos sociais contém um sentido representativo de pertencimento sujeito às regras próprias das subjetividades dos indivíduos que dele fazem parte. Esta apropriação abstrata remete aos indivíduos dinâmicas inerentes às suas ações, em um ambiente propício e acolhedor ao seu aprendizado e sobrevivência no lugar. Assim o território diferentemente do espaço, visto sob a ótica de alguns autores, representa um campo de forças. Sob esta ótica a denominação de território neste sentido consiste em conjuntos representativos da sociedade, sujeito a uma visão relacional, identificada pelas relações sociais existentes em um determinado território.

Tradicionalmente os modelos políticos estabelecidos na sociedade constroem-se através de padrões de crescimento econômico baseado em estruturas piramidais onde a fluidez de diretrizes e políticas advém de um processo antidemocrático, excludente e hegemônico. Portanto, o território, também analisado por um sistema de rede, deve gerar supostamente uma fluidez de suas nodosidades ou pontos fixos, possibilitando sistemáticas sociais mais democráticas. Desta forma o tecido social existente no território configura-se através de uma realidade vivida pela relação sócio-espacial que os indivíduos travam frente às suas demandas almejando a gestão de um território que lhes possibilite uma ação favorável de sobrevivência.

Oportunamente a associação da atividade artesanal de um grupo social a uma atividade econômica com finalidade de sobrevivência dependerá, primeiramente, de como este grupo encontra-se organizado no seu espaço. Neste contexto, os grupos sociais¹ envolvidos com o artesanato² das sementes ofertadas pela natureza, oriundo de um processo natural de organização, são vistos sob a ótica de uma produção artesanal³ que surge pela criatividade e subsistência de uma determinada sociedade⁴. Nesta dissertação, a ênfase dada à produção artesanal toma dimensões sociais e econômicas em função de analisar um processo de gestão local junto aos grupos sociais envolvidos com o artesanato da biojóia⁵ no Estado do Amapá.

¹ Conjunto de indivíduos associados por relações interativas (CASTRO, 2002).

² A palavra "artesanato" surgiu com a Revolução Industrial com o sentido de "feito à mão" que se opunha à noção de produzido "em e por uma máquina". Desde então, o artesanato, invariavelmente é considerado seja por sua utilidade (material ou figurativa) seja pelo valor econômico que agrega. Por meio desses valores é que se mostra como expressão da cultura imaterial (a do saber fazer) e da cultura material (a própria feita por si mesma) de um povo (MDIC/PAB/2008).

³ A produção artesanal se refere ao tipo de produção por meio de trabalhadores qualificados e ferramentas simples e flexíveis para fabricar o que o consumidor deseja: um item de cada vez (LACOMBE, 2004).

⁴ A sociedade possui a infra-estrutura constituída pelas forças econômicas, e a superestrutura, que são as idéias, os costumes e as instituições (CASTRO, 2002).

⁵ Trabalho com ligas de metais que utiliza o ouro e a prata, acrescentando alpaca, pedras, gemas, sementes, fibras, madrepérola, osso, chifre ou similares, fabricando jóias e peças de fantasia (MDIC/PAB/2008).

Para este estudo a respeito da produção⁶ e criação de peças artesanais com sementes da natureza realizado pelas ação dos grupos envolvidos e identificado na pesquisa como produtos de biojóias, foram pesquisados grupos heterogêneos que desempenham as mesmas atividades e possuem objetivos semelhantes, ter uma fonte de sobrevivência e uma atividade que lhes garanta sustento. Desta forma o artesanato da biojoia é uma prática social que exprime cultura, criatividade, troca, percepções, identidade e ações sistematizadas. Neste sentido as políticas públicas a favor do trabalho artesanal no Brasil devem propor, através de organismos governamentais, diretrizes de capacitação e fomento, pois este segmento responde por um movimento econômico expressivo na vida do brasileiro pelo país afora.

Como elemento norteador de análise o objeto de estudo baseado no artesanato da biojóia, originou o caminho metodológico da pesquisa, direcionado pelo seguinte problema: **como a atividade do artesanato da biojóia no Estado do Amapá está organizada sob o prisma da finalidade de proporcionar sobrevivência aos grupos sociais envolvidos?** A metodologia foi construída com base nas teorias encontradas em bibliografias sobre o tema, sites, periódicos e instrumentos governamentais, bem como debates e simpósios, particularmente o I Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder e a IV Conferência de Arranjo Produtivo Local, com o tema Novas formas de olhar o espaço produtivo e grupos de análise os quais levantaram discussões acerca do estudo das organizações, do território e suas abordagens; das generalidades culturais regionais e dos sistemas produtivos locais sob a abordagem de Arranjo Produtivo Local e estudos referentes aos sistemas econômicos e históricos que envolvem o Estado do Amapá na Região Amazônica.

Da mesma forma o objetivo geral da pesquisa deteve-se em realizar uma análise das etapas de criação adotadas pelos grupos sociais, seu processo de confecção e oferta de produtos artesanais da biojóia que possibilite o estudo do processo de gestão da atividade artesanal existente na organização de cada núcleo em seus espaços vividos. As hipóteses levantadas para o problema, dizem preliminarmente que **o artesanato da biojóia no Estado do Amapá é uma atividade pulverizada em virtude da ausência de políticas públicas que diante da inexistência de um plano de ação com programas sistematizados para atender demandas provenientes deste setor, inviabiliza perspectivas de melhores condições de vida às comunidades envolvidas e que a ausência de iniciativa dos artesãos envolvidos com a atividade artesanal da biojóia não gerando perspectivas de melhoria de sua**

⁶ Atividades que estão vinculadas à transformação e à montagem dos insumos nos produtos ou aos serviços que a empresa ofereça aos clientes; Criação de um bem ou serviço para satisfazer necessidade (LACOMBE,2004).

condição social, possibilitada pela referida atividade, pois se estivessem conscientes de suas potencialidades no uso das sementes utilizadas na produção de biojóia, obteriam melhores resultados. Neste sentido, estes são os eixos norteadores da pesquisa

Para redigir o presente estudo, a dissertação está assim organizada:

Na seção **I**, o artesanato da biojóia é caracterizado sob o contexto estadual e regional; o seu desdobramento econômico de possibilidades de sobrevivência nos grupos e suas formas de confecção e tipologias⁷ adotadas conforme o ambiente natural da região amazônica.

Na seção **II** são estudadas e analisadas as formas de estruturação das organizações, bem como a pesquisa e seu caminho de descoberta descritos sob o método de estudo de caso. Respectivamente, as abordagens epistemológicas foram baseadas nas categorias conceituais de redes e territórios sob os aspectos econômicos e sociais apontados por um sistema de cooperação sustentado pela ótica do capital social com ênfase no modelo de arranjo produtivo local. Prosseguindo ao arcabouço teórico, são estudados os autores que se referem aos instrumentos metodológicos que subsidiaram a pesquisa favorecendo a compreensão do fenômeno estudado sob a perspectiva dos membros dos grupos e das organizações pertencentes ao universo dos sujeitos da pesquisa, resultando nas análises, discussão e resultados da pesquisa.

Na seção **III** os grupos de sujeitos da pesquisa são descritos, bem como suas naturezas de organizações estabelecidas de acordo com os propósitos definidos. São identificadas e analisadas as formas de organização e a produção do trabalho artesanal das biojóias, o sistema de aprendizado e colaboração existente em cada grupo e o processo de coleta e aquisição das sementes.

Na seção **IV**, a gestão do artesanato local pelas instituições públicas governamentais é apresentada através das diretrizes estabelecidas por cada órgão, principalmente no que diz respeito à capacitação e critérios de prioridades do que deve ser realizado a favor da produção do artesanato da biojóia no Estado do Amapá, tomando por base os artesãos registrados em seus bancos de dados, bem como as demandas de cada grupo.

Finalizando, essa pesquisa elenca todos os pontos de aprendizagem e elucidações consideradas no estudo levantado sob a ótica das formas de organização dos grupos envolvidos com o artesanato da biojóia no Estado do Amapá e sua sobrevivência.

⁷ Denominação dada ao segmento da produção artesanal, que determina a classificação por gênero, utilizando como referência à matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade (MDIC/PAB/2008).

1 ARTESANATO DA BIOJOIA NO BRASIL

Geograficamente o artesanato brasileiro é regionalizado, tendo como caráter social, o resgate cultural através de valores e costumes, representando ainda o (re)conhecimento da identidade territorial dos municípios do país. Sob seu caráter econômico, o artesanato através da produção dos artigos provenientes das tipologias que movimentam os grupos de artesãos funcionam como indutores do turismo local. Respectivamente, as demandas dos artigos artesanais buscam tomar conhecimento das histórias que envolvem culturas associadas às civilizações perdidas, resgatando ao mesmo tempo valores e saberes de um povo.

Sob estes aspectos a pauta de diretrizes políticas nacionais que são desenvolvidas para o fomento do artesanato no Brasil é capitaneada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior através do Programa do Artesanato Brasileiro com a finalidade de fortalecer este setor da economia, estimulando emprego e renda, aproveitamento das vocações regionais, preservação da cultura popular, representando ainda um dos maiores patrimônios do país (AAB, 2002).

No que se referem às sementes da natureza, o artesanato brasileiro significa a possibilidade de colher do ambiente natural a matéria-prima geradora de muitos produtos de uso pessoal, principalmente acessórios da moda brasileira, responsáveis pelos desejos de consumo representados por uma variedade de artigos ganhando popularidade pelo Brasil. Dada as devidas proporções de comercialização das jóias com sementes da natureza originou-se o termo biojóia a fim de gerar valor comercial para os mercados de sua comercialização por todo o Brasil, neste sentido a marca do produto genérico sementes da natureza precisou de um nome que fosse comercialmente mais atrativo.

Através da probabilidade de obter aceitação melhor no comércio interno e conseqüentemente no comércio externo, os acessórios da biojóia, sem que sejam encontrados registros temporais a respeito da adoção do referido nome, foi reconhecido voluntariamente e popularmente no universo dos artesãos que desempenham atividades de criação dos mencionados acessórios no Brasil.

Visto que os territórios através de suas bases nacionais representados pelos países deslocaram-se sobremaneira ultimamente mais para a economia do consumo, significando que ficou primordial aumentar o campo da materialidade do consumo para o campo da subjetividade e do desejo, fazendo com que alguns produtos possuam uma denominação

associada ao seu posicionamento⁸, sendo assim um artigo precisa de um nome comercialmente associado ao desejo que destaque suas qualidades na mente do consumidor ligado a uma marca por exemplo.

Contudo, é primordial entender que conceitos de consumo⁹ associados a promessa de satisfações inerentes a vaidade humana, principalmente quando se trata de artigos de uso pessoal e que envolva o artigo da moda, essencialmente precisam de um nome para serem identificados. Como peça artesanal a biojoia passou a ter identidade nacional, porém com características próprias de cada Estado brasileiro, levando-se em consideração as sementes colhidas em cada local associadas às técnicas desenvolvidas pelos artesãos responsáveis pela sua criação.

Neste sentido os colares, pulseiras, brincos e tantos outros adornos com sementes, deixaram de ser somente objetos de uso indígena, sendo usados por homens e mulheres com representatividade nacional e internacional, pois assim como os índios passaram a ser adotados pelas culturas brasileiras o uso de adornos com artigos de origem natural da flora brasileira no país. Nesta ordem a comercialização dos produtos brasileiros do artesanato torna-se tão importante, quanto a sua divulgação para o mundo todo, representando a cultura do Brasil. Não obstante a tudo isso e apesar da popularização das biojóias no país, deve ser levado em consideração também a importância de como estas sementes devem ser tratadas para que não comprometam o trabalho artesanal que muitas das vezes é realizado com profissionalismo pelos artesãos brasileiros.

No sentido de perceber a divulgação acerca do artesanato brasileiro, toma-se como ponto de partida as feiras que acontecem nos circuitos nacionais em todas as regiões brasileiras, conduzidas pelos mais diversos centros de culturas, como os sistemas de serviços brasileiros, prefeituras municipais, associações e fóruns. Estes encontros geram uma dinâmica do conjunto de variadas tipologias, promovidas geralmente pelo quadro dos atores que fazem parte deste universo dos saberes e fazeres artesanais.

Neste contexto, o Programa do Artesanato Brasileiro se organizou como forma de incentivo ao artesanato brasileiro e tem como elementos estratégicos a missão¹⁰ de estabelecer ações conjuntas no sentido de enfrentar os desafios e potencializar as muitas oportunidades

⁸ É a arte de configurar a imagem da empresa e o valor oferecido do produto em cada segmento de mercado, de forma que os clientes possam entender e apreciar o que a empresa proporciona em relação à concorrência (PORTER, 2002).

⁹ Para Perez (2004), este contexto de consumo exige marcas que assumam destaque nas relações de compra e venda indo além da idéia de meras facilitadoras das transações comerciais para transformar-se em grandes signos de posicionamento social e de ser no mundo.

¹⁰ MDIC (www.desenvolvimento.gov.br) acesso em 05/08/2010.

existentes para o desenvolvimento do setor artesanal, gerando oportunidades de trabalho e renda, bem como estimular o aproveitamento das vocações regionais, levando à preservação das culturas locais e à formação de uma mentalidade empreendedora, por meio da preparação das organizações e de seus artesãos para o mercado competitivo.

Como visão¹¹ de futuro, Induzir e promover políticas públicas em prol do artesanato em todo o território brasileiro e no Exterior, coordenando e desenvolvendo atividades para a valorização do artesão. Nesta ordem o Programa do Artesanato Brasileiro - PAB está vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, conforme Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995¹². O PAB atua na elaboração de políticas públicas envolvendo órgãos das esferas federal, estadual e municipal, além de entidades privadas, priorizando a geração de ocupação e renda, e o desenvolvimento de ações que valorizem o artesão brasileiro, majorando seu nível cultural, profissional, social e econômico.

Totalizando as ações do PAB no Brasil em razão das biojóias, estão cadastrados no site do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Brasileiro, o calendário das feiras artesanais de biojóias, o Estado brasileiro que aparece com maior destaque é São Paulo, com uma programação de feiras anualmente de caráter nacional e internacional nos meses de março, abril, maio, agosto, outubro e novembro denominadas de BIOJÓIAS SP; Abril Fashion 2010 e ALJOIAS. Desta forma os outros estados brasileiros não possuem um calendário específico para tratar com exclusividade as biojoias.

Diferentemente de São Paulo, o Estado de Sergipe através da Companhia de desenvolvimento dos Vales de São Francisco e de Parnaíba (CODEVASF)¹³, pela ação do Arranjo Produtivo Local conhecido pelo caso de sucesso denominado Projeto Amanhã composto por um grupo de jovens artesãos do Baixo São Francisco nos municípios de Neópolis, Pacatuba e Ilha das Flores destaca-se pelo alcance que o artesanato da biojóias tem na vida destas pessoas.

Nesta ordem os jovens artesãos foram capacitados na confecção de biojóias, a partir de sementes de plantas nativas da região, gerando uma opção de trabalho e renda. A dinâmica desenvolvida pelo grupo após a capacitação, resulta na coleta da semente, secagem e beneficiamento, sequencialmente originando em diversos produtos artesanais, dentre eles pulseiras, colares, brincos, cintos, bolsas, chaveiros e outros. Antes da transformação em biojóias, as sementes passam por uma seleção. Aquelas que se encontram em condições

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ (MDIC,2006).

apropriadas de germinação são destinadas ao viveiro de mudas, que também é conduzido pelos jovens.

Para estimar a capacidade de produção do grupo é importante observar a demanda das diversas associações da região. As peças são comercializadas no atacado e no varejo, inclusive exportadas. Nesta ordem o êxito do Grupo demonstra o alcance social nas ações da CODEVASF por meio do Projeto Amanhã nas bacias hidrográficas do São Francisco e do Parnaíba, por intermédio das sete Superintendências Regionais da Companhia. Como o objetivo do projeto é capacitar os jovens rurais, na faixa etária de 14 a 26 anos, em ações de apoio aos APLs, é fundamental como proposta atender os filhos de pequenos agricultores inseridos nos Perímetros de Irrigação e áreas adjacentes, visando a sua permanência no local de origem e sua inserção no mercado de trabalho, em conformidade com os programas sociais do governo federal ali existentes¹⁴.

Particularmente a cada estado brasileiro os artesãos que manipulam as sementes desenvolvem dinâmicas próprias, sem perder de vista que o artesanato no país precisa de incentivos de toda ordem em razão de receberem o conhecimento específico de técnicas adequadas a sua prática diária, desde a criação, beneficiamento e comercialização sendo que este último significa a maior barreira dos profissionais deste segmento, necessário se faz a criação de ambientes propícios, contínuos e dinâmicos pelo Brasil afora. Todavia o artesanato brasileiro da biojóia já possui um ambiente econômico e social certificado, como expectativas futuras aos artesãos devidamente organizados e registrados com a finalidade de serem direcionados os devidos encaminhamentos fomentadores da referida atividade, sendo necessário abordar de forma mais pontual e geográfica a seguir.

1.1 BIOJÓIA NA AMAZÔNIA

Primordialmente nesta sequencia de fatos, a Amazônia é um ambiente natural favorável à oferta de sementes, desta forma muitas delas são aproveitadas com fins artesanais, levando-se em consideração a representatividade que a atividade de coleta das referidas sementes tem nas comunidades e grupos de pessoas que aprenderam a conhecer e entender a forma de aproveitar as variedades das sementes da natureza em seus espaços vividos. Contudo a produção de biojóias, tem como propósito chamar a atenção principalmente por sua beleza, criatividade, arte e cultura, resultando em peças com forte apelo comercial e grande aceitação

¹⁴ Idem.

nacional, necessariamente tão importante também é o caráter regional que requer alguns cuidados que devem ser tomados em função da natureza do ambiente em que estas sementes são coletadas.

Sendo considerável relevantes cuidados a serem tomados:

A preocupação com as comunidades coletoras, com o manejo da floresta e a correta comercialização dos produtos levaram o Sebrae Nacional a criar o Grupo de Trabalho de Certificação de Sementes e Produtos Artesanais, em março deste ano. Se não houver manejo adequado em ambiente controlado, há risco de extinção de algumas espécies. A capacidade regenerativa da floresta pode estar comprometida, afirma Jorge Rincón, coordenador do grupo de trabalho que até o momento é composto por representantes do Sebrae no Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, da Embrapa, da Universidade Federal Rural do Amazonas (UFRA), do Museu Goeldi, do Museu S.J. Liberto, da Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social do Pará (SETEPS), IBGE e do Centro de Educação Tecnológico e de Negócios de Rondônia (CETENE). (SEBRAE/2006).

Com essas premissas de ordem ambiental, indispensável se faz o devido cuidado por parte dos organismos fiscalizadores dos recursos naturais, não eximindo a responsabilidade das comunidades coletoras de sementes com finalidades de produção das biojóias possibilitando-lhes sustento e condições melhores de vida. Culturalmente e nesta ordem a cultura artesanal na Amazônia é representada primeiramente pelos povos indígenas das florestas que ao longo da história da colonização brasileira, os primeiros habitantes encontrados pelos europeus na Amazônia foram os índios, que receberam a denominação de *gentios*¹⁵ por aqueles colonizadores. Contudo a Região Amazônica brasileira baseia-se numa fusão cultural indígena-americana e portuguesa formada no decorrer dos últimos três séculos, representado por um modo de vida distintamente tropical¹⁶.

Importante destacar sobre a temática histórica¹⁷, sociológica e ambiental quanto à civilização indígena antes da descoberta do Brasil a respeito da Teoria do Determinismo Ecológico. Sua abordagem segue uma análise crítica sobre a referida teoria que se deu pelo interesse americano em explorar mercados subdesenvolvidos como o Brasil. Nesta ordem os princípios da teoria do determinismo ecológico estabelecem que a pobreza de recursos ambientais na Amazônia limitou o desenvolvimento das sociedades indígenas, impedindo, assim, a concentração e o crescimento populacional e a intensificação econômica, fatores esses considerados pré-requisitos para o desenvolvimento da complexidade cultural, como afirma a autora a seguir.

¹⁵ (WAGLEY, 2008).

¹⁶ Idem.

¹⁷ (ROSSEVELT, 1991).

o reconhecimento dos erros da teoria do determinismo ecológico tem graves implicações para os antropólogos e para os cientistas naturais, o que requer uma reavaliação tanto na antropologia quanto da ecologia na Amazônia e uma revisão de nossas noções sobre causalidade desenvolvimentista na região (ROSSEVELT, 1991, p. 107)

O modo de vida na Região Amazônica desde a época da descoberta do Brasil pelos europeus, culminando com o encontro do homem branco com o indígena representando à época o povo brasileiro, é envolvido por uma série de costumes que sua própria cultura de nascituro lhes contemplava. As vestes que eram poucas ou nenhuma, a forma de se comunicar, os adornos, pintura e formas de constituição familiar com base em suas origens ao longo do tempo foram sendo descaracterizadas por esse choque cultural na Amazônia.

Entretanto a cultura indígena através de uma herança de tradições e costumes aos povos do Brasil, influenciou e influencia através de sua história todos povos da Amazônia, seja pela alimentação, vestes ou ainda as formas de utilizar adornos e se enfeitar. Em se tratando de Amazônia ressalta-se a inclusão de adornos feitos de elementos da flora, da fauna e do reino mineral, representado por trançados, cordões, tecidos e plumários compreendendo em peças de vestuário, arranjos de decoro, objetos para cuidados pessoais, usados nos tornozelos, orelha, pescoço, lábios, abaixo dos joelhos ou na cintura¹⁸.

Com a evolução da civilização brasileira desde os tempos da colonização até então, percebeu-se que as biojóias na Amazônia tem um histórico de origem indígena muito peculiar, o grafismo indígena exerce um fascínio na sociedade ocidental, seja por sua beleza, pela habilidade expressa na execução de seus elementos detalhados, ou ainda pelos mistérios que possui seu significado (SEBRAE, 2006, p. 92). Assim, os índios Yanomani, típicos da Amazônia através de seus costumes no uso dos adornos corporais são destacados como um ponto importante de referência cultural na região.

Exemplificando a ordem de fatores, os registros a que se tem conhecimento versam que as mulheres ficam nuas, com um cordão ao redor dos quadris, onde penduram alguns tipos de adornos. Tanto homens quanto mulheres cortam o cabelo de forma circular no alto da cabeça. Realizam pintura corporal e facial, a qual consiste em desenhos geométricos ou circulares, geralmente vermelhos ou pretos. Entre os dois e quatro anos de idade as crianças tem o lóbulo da orelha furado. As meninas, quando chegam aos 8 ou 9 anos, tem o septo nasal furado, assim como as comissuras da boca, onde levam adornos de plumas ou hastes fins

confeccionadas com cana. São produzidos como artesanato: cestarias, colares, cocares, adornos de braço e brincos de penas ou hastes¹⁹.

Desta maneira o texto de Tafuri (2007) destaca as formas representativas que a referida etnia indígena desenvolve em função de sua cultura tribal. Este decoro corporal e suas formas de expressão podem ser vistos sob o aspecto da vaidade do homem frente aos seus rituais de congregação e reuniões com os grupos no sentido de ter uma aceitação por parte dos demais componentes de sua tribo. Popularmente na atualidade a denominação tribo também pode significar uma forma de pertencer a um determinado grupo de pessoas que apostam em sentimentos semelhantes e compartilhados entre si.

Esta influência de origem indígena usando recursos da flora brasileira para usar adornos, na moda atual ganhou cenário de uso nacional e internacional. O artesanato das sementes e o meio de colheita sugere para as comunidades passarem a ver esta atividade de produção de acessórios pessoais no caso das biojóias de maneira mais promissora, em função de entender toda uma forma de organização em olhar seus ambientes internos e externos lhes favorecendo e favorecendo também o ambiente da natureza.

Perante a referida análise, necessário se faz voltar às abordagens sobre o fracasso do determinismo ecológico simplista em prever a evolução indígena em função do ambiente natural em que os índios viviam na Amazônia que não lhes era favorável a sua sobrevivência. Complementando ainda da injustiça cometida de como é visto o povo indígena, denominados de selvagens afortunados, adaptados à floresta tropical, ao invés de um povo ecologicamente, economicamente e politicamente marginal que ao longo do tempo perde o controle sobre o seu habitats e modos de vida²⁰.

Atualmente a Região Amazônica é vista como um cenário de possibilidades pelos Estados de sua composição no que se refere a cultura do artesanato local, porém o destaque que se deseja elencar refere-se às sementes do lugar como uso artesanal para a produção de biojóias. Exemplificando a situação, faz-se necessário destacar o Estado do Acre e as sementes da vida do povo da floresta, assim definida por Shanley e Medina (2005), nesta ordem destacando as sementes que são usadas para variados fins, seja para fins medicinais, enriquecimento nutricional, para o aumento da renda familiar, produção de artesanato, fabricação de utensílios domésticos. Além, é claro, de outros aspectos relacionados à cultura e rituais que envolvem as referidas espécies.

¹⁸ Ribeiro (1988).

¹⁹ Texto: Povos indígenas Yanomami. Tafuri, Silva (2007): Antropóloga da Funai / <http://portal.mj.gov.br>. acesso, 07/05/2010.

Algumas sementes utilizadas no Estado do Acre dentre elas açai (*Euterpe precatória*), bacaba (*Oenocarpus bacaba Mart*), buriti (*Mauritia flexuosa L*), paxiúba (*Iriarteia sp.*), jarina (*Phytelephas macrocarpa*), amarelão (*Aspidosperma vargasii*), ipê amarelo (*Tabebuia serratifolia*), cedro (*Cedrela odorata Vell*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), jutaí (*Copaífera sp*), castanheira (*Bertholletia excelsa*), são comumente encontradas no Estado do Amapá. Para Shanley e Medina (*id*) estas sementes no estado do Acre retratam sua importância na vida dos povos da floresta como os índios, ribeirinhos, seringueiros, colonos e do povo da cidade.

No Estado de Rondônia, a Federação Rondoniense de Mulher (FEROM), congrega 80 (oitenta) mulheres com sedes sindicais no interior do Estado. A demanda por sementes através destas mulheres surge em virtude da realização dos cursos de biojóias que a entidade promove e que são ofertados gratuitamente pela Federação²¹. Cada curso realizado pela FEROM tem duração de 40 horas, durante uma semana e capacita cerca de 25 a 30 pessoas por curso. Os cursos são dirigidos às pessoas desempregadas, onde 90% do material são sementes devendo ser ampliado para 100%, inclusive com a produção de feixes das bijouterias. Em diversos municípios do Estado, a coleta é feita pelas mulheres associadas, no interior, dependerá da demanda de cada sindicato. Não é regular e a associação não dispõe das informações concentradas.

Dentre as sementes utilizadas pelos Estados da Amazônia para a confecção de biojóias, há de se fazer o referido destaque para a semente da Jarina (*Phytelephas macrocarpa*), considerada a semente mais nobre no uso de biojóias da Amazônia sendo encontrada nos Estados do Amazonas, Rondônia e Acre. As sementes da Jarina são conhecidas como o marfim vegetal da região, associada à sua resistência que são propriedades que identificam a referida qualidade²².

Contudo a semente mais comercializada na Amazônia é o açai e a mais valorizada é a jarina, muito similar ao marfim animal e é vendida como marfim vegetal, com apelo de um produto ecologicamente correto e ao mesmo tempo contribuindo para a proteção contra a caça ilegal de elefante (VALLE, 2008).

²⁰ (ROSSEVELT,1991).

²¹ (MANAUS, 2005).

²² (COSTA, et al,2007).

1.2 BIOJÓIA NO AMAPÁ

Constitucionalmente o estado do Amapá segundo Porto (2007), passou a adquirir autonomia e capacidade de se auto-organizar em 1988. Inicialmente após a natureza jurídica que o Amapá passou a ter, seria necessário que o novo Estado passasse a buscar seu desenvolvimento através de políticas regionalizadas sem perder de vista o contexto estadual e na mesma ordem gerenciar as potencialidades existentes no Estado com a finalidade de mitigar as distorções sociais, sendo que o turismo seria uma forma de retomar o crescimento econômico e equilibrando socialmente a vida da população, conforme a visão de Porto (*id*) ao analisar as propostas dos planos primeiramente após a criação do Estado.

Passados mais de vinte anos de sua criação o turismo no Estado do Amapá ainda não representa um dinamismo na economia local e tampouco contribuiu para amenizar as distorções sociais daquela época até então. Quanto aos planos de Governos peremptórios da constituição do Estado até o tempo presente, inexistem a representação de sua abrangência em resultados esperados pelos segmentos da sociedade local.

Para exemplificar a situação sob a abordagem de Porto (*ibidem*) é fundamental conhecer que os programas implantados em seguida a estadualização do Amapá, como o Plano de Ação Governamental (1992-1995), assim como o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (1994-1998)-PDSA, não apresentaram respectivamente resultados práticos e ainda passaram por resistências políticas em função de forças opostas e de discursos dissonantes à época de sua aplicabilidade, este último mais especificamente.

Particularmente e com caráter mais focado a um Estado pertencente à Região Amazônica, o PDSA para o Amapá trazia em suas resoluções questões ambientais e sociais, acolhendo de certa forma uma tentativa de participação da sociedade, devido às proposituras de envolvimento dos movimentos sociais e sua atuação nas diretrizes e decisões administrativas locais, propondo um modelo de governo com intenções de horizontalizar sua gestão ao conjunto da sociedade.

A oferta do PDSA era no mínimo de inovação, em função de pairar no imaginário coletivo da população o sistema hierárquico tradicional oriundo dos governos anteriores a sua aplicabilidade, ao qual o PDSA, se imagina não soube usar o tempo a seu favor a fim de disseminar o referido conceito, de forma que uma mudança de abordagem tão profunda como foi aquela que seria adotada precisaria de no mínimo gerenciamentos mais eficazes de multiplicação.

Portanto as políticas públicas que possuem o caráter de dar suporte às pequenas economias de sobrevivência em razão dos recursos naturais do Estado ainda são pontuais, inexpressivas e sem que se tenham resultados funcionais. Com propostas de caráter social e econômico para o Estado, o Plano de Desenvolvimento integrado Amapá Produtivo tem como objetivo selecionar as atividades produtivas, georeferenciadas, capazes de induzir a constituição de Pólos de Desenvolvimento, que deverão receber estímulos e apoios focados visando alavancar a economia do Estado do Amapá.²³

Destarte o Amapá Produtivo referencia como o turismo no Estado deve estar preparado para dinamizar a economia local, inicialmente é importante destacar qual o segmento turístico a ser adotado, dentre eles o ecoturismo ou turismo de evento, sendo que o conselho estadual de turismo deve deliberar as diretrizes para o setor, em conformidade com o conselho municipal de turismo, assim como a retomada da construção do aeroporto, diretamente ligado ao contingente circulatório de pessoas no Estado.

Necessariamente e sob a leitura de cenários realizada pelas abordagens do Programa Amapá Produtivo, a implantação de uma agência de turismo receptivo deverá ter a tônica comercial consubstanciada para acolher e ordenar a dinâmica turística no Amapá. Porém é fundamental destacar o quão é importante a infra-estrutura para movimentar o turismo local. Nesta ordem o artesanato como atividade intersetorial do turismo seria o desdobramento ideal para acolher o trabalho artesanal dos grupos de artesãos do Estado do Amapá.

Evidenciando a proposta do Amapá Produtivo para o Estado, a existência de diretrizes aos municípios versam sobre as análises efetivadas em cada município, bem como as atividades prioritárias encaminhadas aos mesmos através de suas demandas identificadas nos Fóruns de Desenvolvimento Local Sustentado (DLIS), entretanto no bojo das ações não constam caminhos para a dinâmica do turismo como atividade intersetorial de desenvolvimento econômico, visto que seria necessário sob a abordagem do plano, primeiramente a infra-estrutura adequada para tal.

Porém a realidade existente em relação aos municípios do Estado do Amapá possuem em sua ordem econômica características próprias e em grande parte necessitam movimentar-se com as transferências estaduais e municipais, contando com infra-estrutura social em relação à saúde e à educação de forma mínima e precária para acolher as demandas populacionais. No que se refere à economia local de cada município, pode-se analisar segundo

²³ (GEA,2005)

os dados da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Tesouro (SEPLOT,2005), que o cultivo da mandioca é dominante na produção agrícola das cidades, sendo que o município de Oiapoque ocupa a primeira posição seguido do Município de Tartarugalzinho, ficando Cutias com a última posição.

Quanto à produção pecuária em razão dos principais rebanhos, o município do Amapá, desponta na primeira posição, seguido por Macapá, capital do Estado e por último Serra do Navio. Nesta ordem percebe-se que principalmente com a constatação dos dados em sequencia, que a produção agrícola dos municípios em pauta não possuem uma variedade representativa em seu cultivo, sendo esta em grande parte como uma economia de subsistência, indicando que os municípios pesquisados para a realização da pesquisa nesta ordem não significam em suas atividades artesanais uma ameaça à preservação das espécies das sementes do lugar.

Historicamente o Município de Vitória do Jarí aparece como o município mais novo do Estado do Amapá, criado em 08 de Setembro de 1994, através da Lei nº 0171 quando de sua emancipação e desmembramento de Laranjal do Jarí. Macapá como a capital do Estado, é o município mais populoso, com um contingente de 344.153 habitantes, nesta ordem criada pela Lei nº 0281 em 06 de Setembro de 1856, seguida pelo segundo município de maior população do Estado do Amapá, Santana possui 92.098 habitantes e foi criada em 12 de Dezembro de 1987²⁴. Os três municípios citados foram geograficamente representados na pesquisa de campo que contemplou o referido estudo.

Todavia a realidade de ações de organismos públicos locais possuem programas específicos para as dinâmicas municipais em razão do artesanato, e nesta ordem o Sistema Brasileiro de Micros e Pequenas Empresas Amapá, desde de 2006 vem organizando o artesanato local juntamente com algumas entidades públicas como a Secretaria de trabalho e Empreendedorismo do Estado.

As ações pertinentes quanto a estruturar o artesanato local para o artesão do lugar passaram por ordens de identificar a cultura local associada a identidade do Estado através de legados históricos como Maracá e Cunani, definindo assim as iconografias e grafismos que registrarão a produção artesanal no Estado, seja ela de qualquer configuração representativa, assim como biojóias, cerâmicas, madeira dentre outros.

²⁴ (SEPLOT,2005)



Figura 1: Biojóias produzidas no Amapá, com grafismos Maracá e Cunani. Fonte: SEBRAE/AP (2007).

Em conformidade com os registros da Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (SETE), a casa do artesão foi criada em novembro de 1981, com apoio técnico financeiro do Ministério do Trabalho, sendo criado o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA), atualmente Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), que é vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Pela percepção do Governo do Estado, o Amapá poderia ganhar projeção nacional e com isto criou o Núcleo de Produção Artesanal, que futuramente passou a se chamar Casa do Artesão, com sede e foro em Macapá e área de atuação em todo o Estado, através da perspectiva de concentrar a exposição e principalmente a comercialização da produção artesanal do Estado com a finalidade de fortalecer a classe de artesãos em âmbitos local e nacional, através de participações em feiras nacionais e internacionais, gerando viabilidade econômica para a produção de objetos de significado artístico-cultural do Amapá.

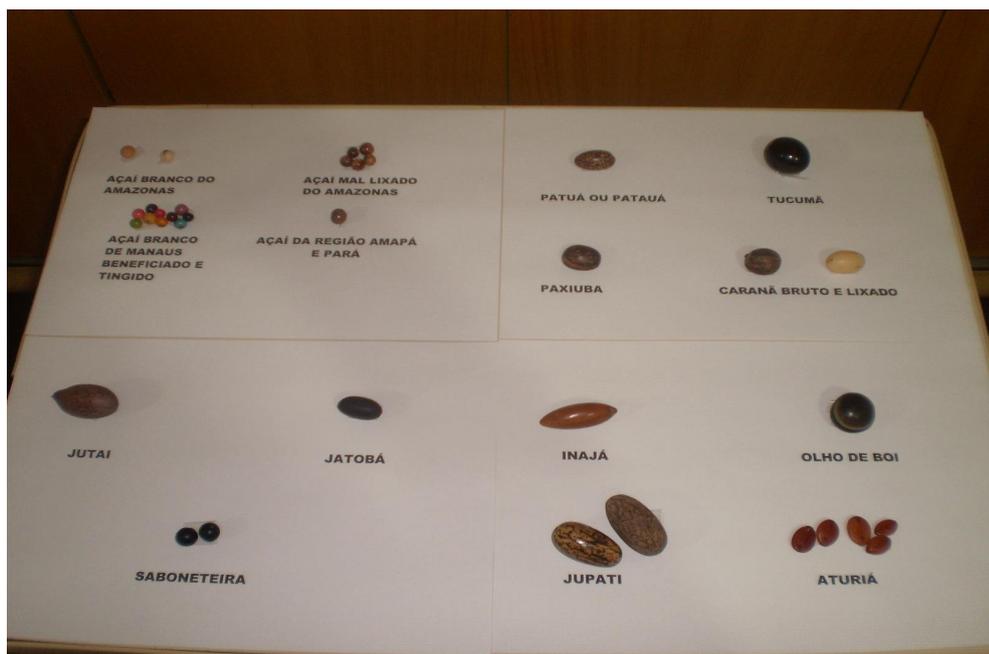


Figura 2: Sementes coletadas no Estado do Amapá e sementes de açaí branco de Manaus, usadas na produção de biojóias pelos grupos pesquisados. Fonte: Leão, Cristina (2009).

Sistematicamente os órgãos representativos da gestão do artesanato local da biojóia como o SEBRAE/AP e a SETE através de seus gestores identificados na pesquisa também como sujeitos, ao discorrerem sobre os grupos que constam nos seus registros dentre eles a associação de Vitória do Jarí e a associação da Vila do Coração procederam análises sobre estes observando suas dificuldades, objetivos, aprendizado e formas de organização relatando suas visões a respeito da forma de como é conduzida a prática do artesão para o artesanato do Estado.

Na Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo constam 33 (trinta e três) artesãos cadastrados que produzem artesanato com sementes regionais, porém nos registros constantes não há a especificação de quem trabalha diretamente com biojóiaa. Dos grupos estudados na pesquisa foram escolhidos a Associação de Mulheres do Vale do Jarí- Amarte e Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia ó Aquidart. O grupo da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza não consta nos registros da SETE como artesãos. Ao todo, são 32 (trinta e dois) grupos de Macapá e apenas 1 (um) de Vitória do Jarí. Contudo procurou-se por estudar os referidos grupos devido às peculiaridades de produção em razão da continuidade, descontinuidade e introdução do artesanato da biojóia em cada grupo de sujeitos pesquisados no Estado do Amapá.

Constatando-se referidos encaminhamentos, analisou-se que os dois universos de sujeitos representados pelos grupos de artesãos bem como os responsáveis pelos órgãos de governos, expressam claramente suas intenções em razão da possibilidade de obter e promover seus sustentos com a produção artesanal da biojóia. Contudo, na visão dos representantes dos respectivos órgãos, os artesãos esperam por parte dos órgãos gestores as diretrizes políticas no que diz respeito a fomentar a sua atividade artesanal, e em contrapartida os gestores esperam mais empenho dos artesãos em responder às ações que existem para o artesanato naquele órgão, ao afirmarem que os artesãos ainda não vêem o artesanato como atividade principal, e sim apenas como passamento.

Necessariamente o conjunto dos grupos sociais²⁵ seguem regras próprias para desenvolver o processo de produção de suas peças no Estado, importante se faz analisar quais os fatores levados em consideração para que a organização do grupo se estabeleça e tenha sua continuidade em função dos elementos que influenciam suas atividades dentro e fora de seus ambientes. Esta ideia leva em consideração o fato de que as situações são criadas pelos

²⁵ O conjunto dos grupos sociais define que os atores sociais são ãcondenadosõ a interpretar de forma contínua o que se passa no contexto social local onde atuam, bem como a dar um sentido aos atos dos outros que respondem por ele (LAPASSADE, 2005).

membros, com a convicção de que eles naturalmente precisam se organizar independente de forças externas que impactam com seu ambiente organizacional interno e ainda se o governo local terá ou não diretrizes ordenadas para a produção de seu artesanato.

Com a finalidade de revitalização do artesanato do lugar, a Casa do artesão foi reinaugurada em 30 de dezembro de 2006 contendo uma nova estrutura organizacional e física com o propósito de possibilitar ao artesão um espaço para a exposição de suas obras e a possibilidade de valorizar a cultura local. Atualmente os produtos em exposição na casa do artesão são representados pela cerâmica através de peças utilitárias e decorativas, assim como a fibra²⁶ que é uma matéria-prima regional gerando produtos de uso pessoal e doméstico, madeira das matas amazônicas proporcionando uma variedade de artigos como quadros rústicos (suportes que servem para expor trabalhos em geral), entalhes, esculturas (obra de arte, em três dimensões MDIC/PAB/2008) e marchetaria.

Dentre outros artigos destacam-se ainda os produtos alimentícios típicos como bombons e biscoitos de frutas regionais, e sementes com a produção de biojóias das sementes regionais como o açaí (*Euterpe oleraceae*), bacaba (*Oenocarpus distichus*), jutai (*Hymenaeia*), jupati (*Rhapis excelsa*), paxiúba (*Socratea exorrhiza*), inajá (*Maximiliana maripa*), tucumã (*Astrocaryum vulgare*), olho de boi (*Dioclea violácea*), côco (*Acocomia aculeatta*), tento Carolina (*Adenantha pavomina*) dentre outras.

Para expor os produtos na Casa do Artesão em Macapá, os grupos pesquisados necessitam estar devidamente registrados na Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo. Devendo desta forma fazer com que os artesãos superem as dificuldades de comercialização das biojóias, pois as peças tem mais aceitação pelas pessoas de fora do Estado, no caso o turista que procura o local para fazer compras sendo necessário ainda a ação do turismo receptivo. Da mesma forma que a biojóia é artigo de moda e os produtos industrializados do segmento seguem numa velocidade de cobertura mercantil maior, é fundamental que haja incentivo governamental para um canal de distribuição melhor para os referidos produtos artesanais.

Meio a estas dificuldades enfrentadas pelos grupos outra é praticamente comum, dentre eles, a busca por uma técnica que conserve as sementes longe do fungo, principalmente no período invernososo no Estado. Esta dificuldade imprime nos grupos a busca constante de formas de conservação das sementes que envolve manipulações criativas feitas com óleos da

²⁶ Fibra é a denominação genérica de qualquer estrutura filamentosa, geralmente sob forma de feixe, encontrada nos tecidos animais e vegetais ou em algumas substâncias minerais. São matérias-primas moles e flexíveis e que, trançadas, possui diversos usos, principalmente na manufatura de cestarias e móveis (PAB,2008)

região, elementos químicos, raízes e outros meios caseiros e curiosos.

Desta forma as sementes do açaí local são rejeitadas por alguns grupos, porque tem uma cor natural escura, e não absorvem uma pigmentação eficaz no tingimento que se deseja alcançar a fim de possibilitar a montagem de peças de cores e combinações variadas, mesmo depois de lixadas permanecem da mesma cor. Portanto o grupo da Amarte não usa as sementes do açaí do Estado do Amapá para sua produção, as associadas compram as sementes de açaí do Estado do Amazonas, que denominam de açaí branco, termo usado pelas associadas e resultando em uma biojóia melhor, segundo elas. As associadas não vêem como substituir a aquisição das sementes de açaí do Estado do Amazonas pelas sementes do Estado do Amapá, segundo elas, esta atitude irá comprometer o resultado da peça.

Neste sentido a Amarte não coleta as sementes para a produção de biojóias. Há um acordo com os agricultores do Município de Vitória do Jarí que trazem semanalmente as sementes para as mulheres do grupo, que as compram em latas de um litro variando entre R\$ 1,00 (um real) para sementes maiores e R\$ 2,00 (dois) para sementes menores, isto significa que o tamanho das sementes influencia na sua quantidade. Existe ainda o preço de R\$ 20,00 (vinte reais) para uma lata de tamanho grande de cinco quilos de sementes sortidas. A coleta do caroço de açaí não tem mais a finalidade de produção das biojóias para a Associação dos Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia, que foi substituída por uma mistura do bagaço do caroço do açaí transformado numa massa criada pelas mulheres do grupo, servindo para modelar máscaras e artigos de decoração.

Acertadamente a equipe de alunos e professores do Projeto Ponte para o Futuro da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza em Santana, fez, informalmente, um acordo com as batedeiras de açaí às proximidades da escola que forneceram ao grupo informações a respeito das batidas diárias do açaí, com a finalidade dos alunos da escola pegarem, logo em seguida às batidas, as sementes de açaí. Segundo os professores do projeto, as melhores sementes de açaí para a produção de biojóias do grupo são aquelas coletadas imediatamente após a batida do açaí, as sementes deixadas há muitos dias expostas no tempo não resultam em boas peças.

Pensando assim o grupo do Projeto Ponte para o Futuro da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, através do trabalho dos professores envolvidos, reconhecem que as sementes do açaí local não dão um bom resultado na peça da biojóia, porém mesmo assim usam as sementes das batedeiras para fazer as biojóias, por conseguinte as sementes que eram compradas em Belém do Pará para o projeto saiam muito caras. Os professores da escola estabeleceram que não vão desistir do trabalho com as sementes de açaí local, até que descubram uma forma de beneficiá-la da melhor maneira possível.

Preferencialmente o grupo que mais se destaca na produção de biojóias no Estado é o grupo da Amarte, que logo no início de sua criação, já decidiu o que queria como atividade artesanal e sempre está a procura por capacitações através de várias parcerias. O grupo do Projeto Ponte para o futuro não trabalha somente com a atividade artesanal de biojóias, porém, as oficinas de biojóias, aplicadas no projeto, foi a que mais deu resultado e despertou maior interesse nos alunos do ensino médio na escola. Desde de 2008, até então, a Escola, através do projeto já capacitou em média 200 alunos do ensino médio com um curso de 40hs por grupo composto de 16 (dezesseis) jovens. O grupo da Associação de Artesãos do Quilombo Artes Tapuia, após a descoberta da resina proveniente do bagaço do caroço do açaí, deixou a produção de biojóias para um segundo plano.

Quanto a comercialização das peças, a Amarte por conta do aprendizado adquirido ao longo de cinco anos produz peças com maior perfeição de detalhes e acabamento e consequentemente vende mais em função de também contar com um número maior de associadas que se mobilizam no Brasil todo, participando de feiras e eventos que envolvam artesanato, sendo seu deslocamento financiado algumas vezes por recursos próprios ou ainda por alguns órgão governamentais.

Em maio de 2010, houve uma parceria com a Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (SETE) que resultou na exposição dos trabalhos do grupo do Projeto ponte para o futuro no Parque de exposições da Expofeira em evento denominado ãArraiá no meio do mundoö, sendo um canal de oferta dos produtos gerados do projeto, uma vez que a produção do grupo do projeto era vendida apenas para uma empresa multinacional que comprava a um preço bem inferior para exportar a sua terra natal nos Estados Unidos.

2 ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

2.1 ORGANIZAÇÕES

Historicamente, as organizações humanas representadas por grupos sociais²⁷ e impregnadas de complexidade e desafios, perseguem a realização de seus objetivos. As necessidades dos indivíduos se coadunam com esta possibilidade de se organizar em sociedade, através das variadas estruturas organizativas viabilizando um canal com poderes públicos de acesso às suas perspectivas. Para Abramovay (2001) os conselhos representam uma inovação institucional de acesso às políticas públicas no Brasil, enfatizando a existência da forma precária de participação social enfrentada por estas novas estruturas organizativas, sujeitas à submissão de poderes locais dominantes.

A legalidade das estruturas organizativas, previstas na sociedade, funciona como um instrumento de acesso aos recursos públicos estabelecidos no sistema político-administrativo governamental. Nesta perspectiva, Matias (2009), diz que a gestão pública é mais complexa do que a gestão de negócios, focada nos clientes e na competição de mercado. Com base na referida visão, Kickert e Stilmann (1999), argumentam que a gestão pública não é simplesmente uma questão de eficiência e eficácia, mas passa também por uma questão de legalidade e legitimidade e tantos outros valores que transcendem os padrões restritivos dos negócios, de forma e entendimento que não somente os fatores internos devem ser levados em conta, mas também a gestão externa de um contexto sociopolítico complexo.

O contexto social, visto sob o caráter político baseado na complexidade existente da relação sociedade e da gestão político-administrativa, pode favorecer uma descontinuidade de ações à sociedade, como é o caso existente nas transições governamentais ocorridas nos estados brasileiros. Esta relação de descontinuidade caracteriza a existência de uma busca por mudança que segundo Castro (2002) é perseguida por aqueles que procuram por uma estrutura que lhes traga benefícios presentes e esperanças futuras. Castro (2002) levanta esta discussão ao estabelecer que aqueles que estão satisfeitos com os modelos estruturais adotados na sua realidade vivida por conta de um poder exercido, não pretendem mudar o que está definido e estabelecido, ao contrário daqueles que não compartilham do mesmo poder de mudar sua realidade.

²⁷ A base conceitual que se quer destacar enfatiza a visão sociológica das relações sociais. Para Castro (2002) Grupo social é um conjunto de indivíduos associados por relações interativas.

Esta mudança de realidade pelos que não possuem o poder de fazê-lo, sugeriu o caminho da pesquisa, foco desta dissertação, baseado no seguinte problema: como a **atividade do artesanato da biojóia no Estado do Amapá está organizada para proporcionar sobrevivência aos grupos sociais envolvidos? O problema em questão pautou-se nas hipóteses levantadas quanto a afirmar que o artesanato da biojóia em Macapá é uma atividade pulverizada em virtude da ausência de políticas públicas que diante da inexistência de um plano de ação com programas sistematizados para atender demandas provenientes deste setor, inviabiliza perspectivas de melhores condições de vida às comunidades envolvidas** bem como indagou-se a **ausência de iniciativa dos artesãos envolvidos com a atividade artesanal da biojóia não gerando perspectivas de melhoria de sua condição social, possibilitada pela referida atividade, pois se estivessem conscientes de suas potencialidades no uso das sementes utilizadas na produção de biojóia, obteriam melhores resultados.**

O problema estabelecido registrou realidades vividas pelos atores da pesquisa e dispostos em estruturas organizativas distintas e peculiares aos seus objetivos comuns. Nesta perspectiva, encontram-se, três grupos sociais inicialmente representados sob a estrutura de Associação²⁸ e Projeto²⁹ escolar, denominados respectivamente de Associação dos Artesãos do Quilombo Artes Tapuia conhecida ainda com nome de Aquidart na Vila do Coração em Macapá (AP), Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jarí conhecida como Amarte em Vitória do Jarí (AP) e o Projeto Ponte para o Futuro da Escola Igarapé da Fortaleza em Santana (AP). Neste sentido para melhor entender as premissas acadêmicas deste trabalho, necessário se faz, a descrição e análise de algumas categorias importantes que fundamentam esta pesquisa.

2.2 SISTEMAS ORGANIZACIONAIS DOS GRUPOS SOCIAIS.

Os sistemas de organizações dos grupos sociais estabelecem, naturalmente, referências com seus espaços de origem. Deleage (1997) estima que o recente aparecimento de novos movimentos sociais, para além das fronteiras, invoca a ciência ecológica como fundamento

²⁸ Instituição de direito privado, sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados (MDIC/PAB,2008).

²⁹ A abordagem sobre projeto sugere uma terminologia usada na ciência da Administração e parte integrante do planejamento. Vargas (2006) define projeto como um empreendimento não repetitivo, caracterizado por uma sequência clara e lógica de eventos, com início, meio e fim, que se destina a atingir um objetivo claro e definido, sendo conduzido por pessoas dentro de parâmetros predefinidos de tempo, custo, recursos envolvidos e qualidade.

racional dessa nova relação das sociedades com a natureza, na medida em que convém lutar em todas as frentes, não apenas pela natureza, mas também pela própria sociedade.

Na relação natureza e espaço vivido nas sociedades, Morin (1997) defende que esta natureza é também composta de todas as potências organizacionais inconscientes, presentes ao mesmo tempo no interior e no exterior da sociedade que se encontra ameaçada pela multiplicidade de técnicas industriais que se conhecem. A relação natureza e sociedade pôde ser analisada através do grupo social denominado de AMARTE, Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jarí, criada em 2005, através de um projeto da Fundação Orsa, que é um segmento do Grupo Orsa³⁰.



Figura 3: Sede da Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jarí (Amarte), interior da Sede e associadas trabalhando. Fonte: Leão, Maria, (2010).

A AMARTE, Associação de Mulheres Artesãs do Vale do Jarí é um grupo social oficialmente registrado através de estatuto reconhecido como uma entidade civil de direito privado sem fins lucrativos, de caráter social, no dia 05 de julho de 2005. Constituída somente por mulheres com idade entre 23 e 48 anos, localiza-se no município de Vitória do Jarí (AP), caracterizado pela bacia hidrográfica do Rio Jarí, nos limites do Pará com o Amapá, compreendendo os municípios de Almeirim (PA) e Laranjal do Jarí (AP).

Segundo depoimento de suas representantes, na condição de presidente e tesoureira, tem um compromisso com o desenvolvimento sustentável pela implementação de um negócio economicamente viável e voltado à inclusão de mulheres artesãs, dispostas a agregar valor a sementes e fibras naturais, transformando-as em artesanatos, gerando renda para suas famílias e fortalecendo o trabalho social da organização. A associação tem-se destacado com a produção de biojoias, desde a sua fundação.

³⁰ Empresa Social do Grupo Orsa criada em 1994. Corporação brasileira no setor de madeira, celulose, papel e

Rede hidrográfica da área de estudo

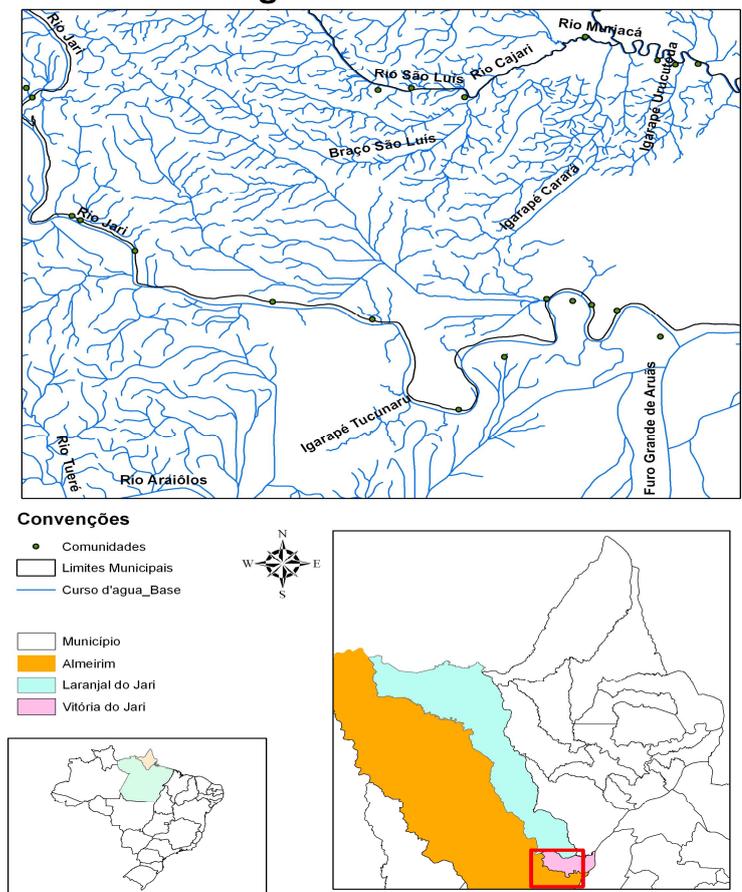


Figura 4: Localização geográfica de Vitória do Jari e bacia hidrográfica, onde está localizado o município. Organizado por Leão, Maria e Leite, Uédio, GERCO-AP(2010). Fonte: Base espacial do IBGE e do Estado do Amapá. Geoprocessamento.

O surgimento do aglomerado populacional de Vitória do Jari se deu em função da concentração desordenada de pessoas na margem direita do rio Jari, em busca de trabalho em virtude da instalação da fábrica da Jari Celulose e a Caulim da Amazônia S.A. (CADAM) e de outras empresas que prestam serviços a estas. No município de Vitória do Jari a maior parte da população é constituída de pessoas vindas de outras unidades da federação. Desta forma, a estrutura social do Município mantém características similares, e condições ainda mais precárias em quase todos os aspectos de desenvolvimento sócio-econômico e de estruturação urbana.

A economia do Município de Vitória do Jari, excetuando-se a mão-de-obra empregada nas fábricas, se assenta, principalmente, no extrativismo vegetal, devido a sua abundância de recursos florestais, sendo que essa atividade se desenvolve principalmente na região do

Cajari. Praticamente toda a área do Município é coberta por florestas densas dos baixos platôs, as espécies existentes são altamente comercializáveis, dentre as quais figuram espécimes nobres, como, castanha-do-Pará (*Bertholetia excelsa*)³¹, seringueira (*Hevea brasiliensis*)³², essências florestais e vastos açazais (GEA/SEPLOT, 2005).

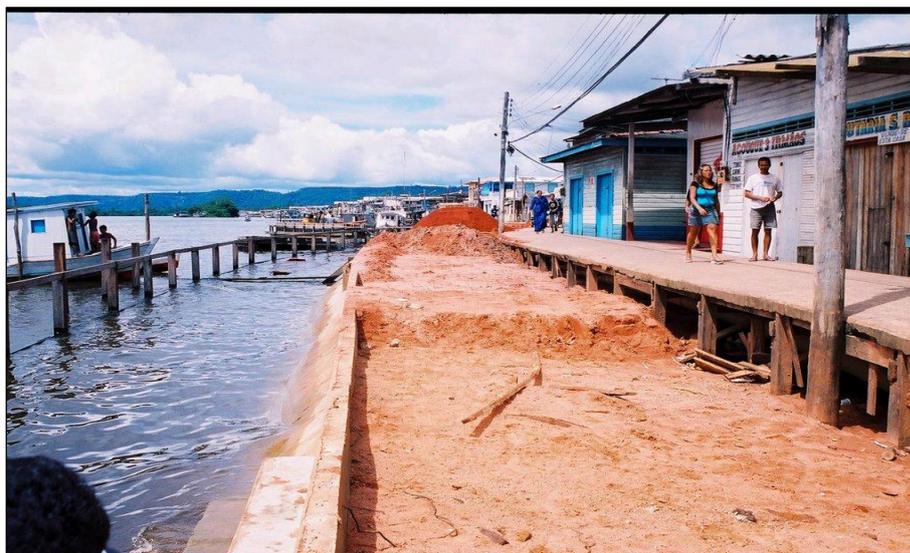


Figura 5: Município de Vitória do Jarí. Fonte: SEPLOT (2005).

Para Morin (1997), a sociedade não é somente uma organização constituída de um estado, comunas, prefeituras e um sistema administrativo centralizado, mas é também um meio onde ocorrem as inúmeras interações espontâneas. É nesta perspectiva de Morin que se analisa um terceiro grupo social localizado às proximidades do Igarapé da Fortaleza, que foi idealizado de uma instrumentalização administrativa denominada de Projeto.

O Projeto Ponte para o Futuro da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, cujo nome faz referência à ponte que separa os municípios de Macapá e Santana e passa sobre o Igarapé da Fortaleza, foi idealizado em 2006, após diagnóstico de algumas problemáticas encontradas na escola e na comunidade, a saber: índice elevado de evasão e abandono de alunos da escola, matriculados no Ensino Médio; alto índice de violência; consumo de drogas e desemprego na comunidade.

Os integrantes do referido Projeto, são uma professora idealizadora, licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP e especialista em Educação Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, Modalidade de Educação de Jovens e adultos/ CEFET/PA; e um professor licenciado em Matemática pela Universidade

³¹ Catálogo de árvore do Brasil (1996).

³² Catálogo de árvore do Brasil (1996).

Federal do Amapá é UNIFAP e especialista em Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio pela SEAMA/AP, reuniram-se e organizaram o evento que acontece na Escola Estadual Igarapé da Fortaleza desde 2006.

Localização da área de estudo - Coração e Igarapé Fortaleza

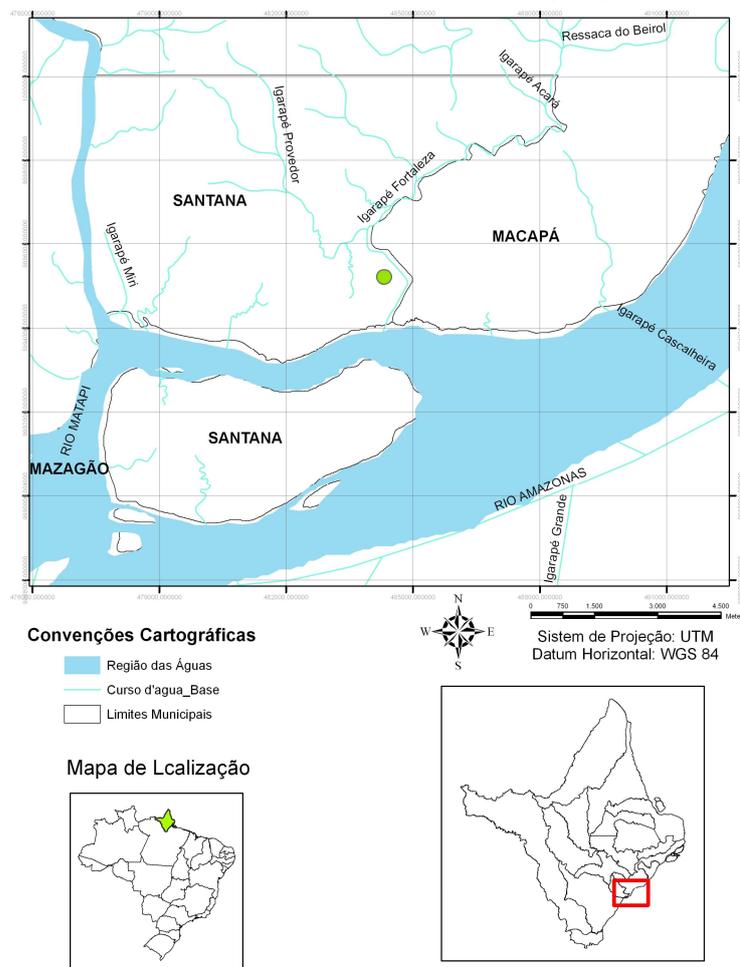


Figura 6: Localização geográfica da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, onde funciona o projeto ponte para o futuro. , organizado por Leão, Maria e Leite, Uédio GERCO-ap (2010). Fonte: base espacial do IBGE e do Estado do Amapá. Geoprocessamento.

Os professores do projeto se pronunciam: "Nós acreditamos que a arte tem o poder de transformar as pessoas, faz interface com todas as disciplinas, além de ser um importante instrumento na formação cidadã dos alunos. Neste sentido o Projeto ponte para o futuro, além do artesanato com as sementes locais para a produção da biojóia, também tem como foco de ação a socialização com os jovens através de atividades associadas ao projeto como dança, teatro dentre outras.

Caracterizado ambiente social descrito promove a relação existente entre a escola, a

comunidade, o entorno e aqueles entes que na condição de parceiros instrumentalizam relações de caráter horizontalizado resultando em práticas que ocorrem destas interações entre os atores identificados acima, supostamente representando um universo social de comunicação participativa, mais democrática e viável entre os referidos atores de uma dada sociedade.

2.3 SOCIEDADES E REDES

Identificou-se, no trabalho de campo desta dissertação, que os grupos sociais pesquisados no que diz respeito à apropriação da natureza, geram uma dinâmica peculiar destas formas espaciais encontradas nos espaços por eles ocupados, tanto em Santana quanto em Laranjal do Jarí e na Vila do Coração. Desta forma as dinâmicas visíveis se formatam através dos processos de comunicações identificados na interação destes atores e como cada conjunto percebe sua relação espacial como ponto de referência, assim como, as possibilidades que podem ser geradas da forma social que se relacionam e sobrevivem em função de suas articulações, que supostamente deverão existir com outros atores (governos, iniciativa privada etc.).

Partindo-se do princípio das relações interativas, pode-se perceber um movimento sinérgico que favoreça os conjuntos de uma referida sociedade, tal e qual analisada por Spósito (2008), que a sinergia gerada entre os atores sociais em um sistema de redes é viabilizada através dos volumes de informação transmitida e os valores do trabalho e das mercadorias, além da forma como as pessoas se organizam para produzir. Nesta ótica as relações de interdependência entre os grupos pesquisados, ocorrem com maior evidência entre os atores sociais mais próximos de seus espaços locais, como, agricultores, batedores de açai e a própria comunidade, relações estas que influenciam diretamente as formas de produzir seu artesanato.

Necessariamente supõe-se que a relação dos sujeitos, focos desta dissertação e suas interações com atores próximos dos/aos seus espaços, direciona, segundo Santos (2008) a uma noção de redes social e política, representada pelas pessoas, mensagens e valores que a frequentam. Sem esta essência e a despeito da materialidade com que se impõem aos sentidos, a rede, é na verdade, uma mera abstração. Santos (*idem*) levanta, ainda, as matrizes necessárias para sustentar uma rede que deve estar representada por uma realidade material e seu registro social.

No entanto a materialidade entendida para a sustentação da rede enquanto abstração

pode assim ser analisada através de um território com construção subjetiva segundo Paula (2004), porém dependente da ação de um sujeito que institui este território, sendo que esta construção subjetiva pode ser exógena (efetivada a partir de agentes externos) e endógena (efetivada a partir de agentes locais). Percebe-se logo que uma relação não pode prescindir da outra a fim de concretizar uma materialidade mais próxima dos objetivos de uma sociedade em um sistema de rede.

Nesta ótica e de acordo com a visão de Becker (2001) estudar o território em um nível de análise que se refere aos modelos espaciais propriamente ditos, sugere a representação do padrão das relações externas e exógenas, como um modelo básico utilizado que é o das redes de articulação externa, constituídas por vias de circulação e seus nós, núcleos que asseguram a produção e sua concentração para exportação. Já o padrão endógeno é necessariamente baseado em áreas relativamente extensas e isoladas, dependentes que são de populações que vivem de produtos naturais locais. Certamente para Becker (2001) redes e áreas sempre se combinam.

Nas palavras de Becker (*id*) a forma de combinação efetiva entre redes e áreas vai de encontro às relações econômicas impostas pelo complexo processo de globalização, sendo que na análise de Paula (2004) a globalização não é um fenômeno unilateral, uma vez que a reação à economia global, existe uma tendência de afirmação do local para responder a exclusão, ou ainda uma tentativa de integração não subordinada. Necessariamente analisa-se que a coerência em entender um processo global não se exclui as particularidades do local, por força e ordem do movimento endógeno dos agentes locais.

Consequentemente o domínio da globalização não deve ser aceito como sentido imperial e dominador sobre as particularidades de cada território. Desta forma analisam-se as visões do imperialismo evidentemente representado por Abramovay (2001) e ainda visto por Santos (2008) onde a fluidez das idéias, mensagens, produtos ou dinheiro neste poderio instalado, interessa somente aos atores hegemônicos que sob o domínio das estruturas verticais de poder ditam as regras através de um sistema coercitivo absoluto. Logo, este sistema de fluidez segrega estruturas sociais organizativas menos expressivas para o mundo do capital, e que poderiam usufruir de um sistema de redes mais próximo a sua realidade socioespacial de ação sugerida por Becker e Paula sugerida por um sistema organizacional horizontalizado.

Segundo Santos (2003) as horizontalidades estão assim estabelecidas:

“Trata-se, aqui, da produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, cuja natureza é tanto econômica, social e cultural como propriamente geográfica. A sobrevivência do conjunto - não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes - depende desse exercício da solidariedade indispensável ao trabalho e que gera a visibilidade do interesse comum. As horizontalidades, pois além das racionalidades típicas das verticalidades que as atravessam, admitem a presença de outras racionalidades (chamadas de irracionalidades pelos que desejariam ver como única a racionalidade hegemônica)” (SANTOS, 2003, p.109-110).

A horizontalidade na visão de Santos (2003) é uma resultante da adoção das redes, e estas para Spósito (2008), não surgem por acaso, elas são resultado do trabalho de numerosos atores, em diferentes lugares e momentos, com capacidades distintas de ação, que exerceram ou exercem seu papel como sujeitos da história. Referida relação entre atores destaca a integração solidária horizontal interna. Porém, Santos (2008) destaca que não existe homogeneidade do espaço, conseqüentemente não existindo homogeneidade das redes. Logo a desigualdade de articulação social dos atores no espaço social vivido não encaminha para uma uniformidade.

A ausência de uniformidade preconizada por Santos (2008), vai de encontro ao sistema de redes e das horizontalidades, entretanto, estas horizontalidades não devem prescindir da essência de integração solidária interna constante no grupo de atores de um sistema de redes. Uma integração horizontalizada nas organizações formadas pelos grupos sociais desenvolve uma dinâmica de trabalho peculiar aos seus objetivos. Estas organizações, segundo Abramovay (2001), respondem pela mudança no ambiente institucional, gerando com isto uma coordenação própria, que não corresponde a um mecanismo automatizado, como o do mercado perfeito. É exatamente por isso, segundo Abramovay (2001), que cada instituição desenvolve nos indivíduos e nos grupos sociais um certo tipo de habilidade, não cooptando com um ambiente de imperialismo de escravidão mercantil mecanizada.

2.4 CAPITAL SOCIAL COMO SISTEMA DE COOPERAÇÃO

No caminho da análise organizacional, uma organização³³ pode ser entendida como a coordenação de participantes individuais e suas aptidões tácitas com fins de gerar ações planejadas com o ambiente que lhes cerca. Tais peculiaridades organizacionais geram a

³³ A definição que se pretende trabalhar de organização neste momento é com ênfase na função. A organização é a função administrativa relacionada com a atribuição de tarefas, agrupamento de tarefas em equipes ou

organização informal³⁴, onde indivíduos, em meio a um convívio social, traçam relações rotineiras formando unidades sociais com interesses e necessidades semelhantes.

Efetivamente as realidades destas unidades sociais a favor de interesses comuns, idealizam um sistema interativo entre seus componentes e destes com o ambiente que os cerca convergindo para um sistema de cooperação involuntária. Nesta ordem independente e em conformidade com os estudos de Bordieu (1980), na condição de precursor de capital social segundo Higgins (2005), ao definir que uma rede duradoura de relações de familiaridade ou reconhecimento mais ou menos institucionalizadas com a posse de recursos próprios, pode conter o entendimento de capital social.

Em razão dos referidos direcionamentos no que concerne ao sentido de capital social entende-se que as análises adotadas no estudo elaborado junto aos grupos da pesquisa encaminha ao encontro das percepções dos referidos sujeitos a adoção do capital social com base nos procedimentos adotados em cada grupo nos momentos de pensar, criar, confeccionar e obter uma peça que surge de um conjunto de ações que desintencionalmente envolve um processo de produção organizado e elaborado por regras naturais de acordo com os objetivos comuns.

Acredita-se, portanto, que a forma de multiplicação de aprendizado adotada pelos grupos pesquisados perpassa pela visão de Lapassade (2005), posto que este a concebe como a distribuição social do aprendizado que integra parte do estoque de conhecimentos à disposição das pessoas no grupo. Ou seja, se alguém é confrontado com um problema que desconhece, terá a certeza de que pode encontrar outro alguém com aptidão (e vontade) para/de ajudá-lo.

Concomitantemente o conjunto dos grupos de sujeitos da pesquisa, através dos componentes da Amarte, Associação de Artesãos do Quilombo Artes Tapuia e Projeto Ponte para o Futuro constituem a importância em analisar uma ação conjunta e seus resultados, visto não somente sob o universo de suas próprias ações a favor de seus objetivos, mas também através da participação de outros atores de seu espaço social com suas ações convergindo também para este conjunto, resultando no filão não explorado. Este contexto pode ser *integrante* do denominado capital social definido por Higgins (2005). Os três grupos pesquisados realizam ações comuns e solitárias concomitantemente, dentre elas a descoberta

departamentos e alocação dos recursos necessários nas equipes e nos departamentos. (CHIAVENATO,1999).

³⁴ Rede de relacionamentos espontâneos entre pessoas de uma organização, que se forma em função de interesses comuns das pessoas gerando grupos informais na organização (LACOMBE, 2004).

eficaz de encontrar possíveis respostas que sejam um método de proteção das sementes contra fungos e brocas.

Deste modo para Higgins (2005) existe uma associação entre entorno institucional, redes sociais e compromisso cívico na formação de uma nova perspectiva, e um conjunto de fatores-chaves para a sustentabilidade dos programas de desenvolvimento. Para este autor, os economistas, cientistas políticos e formuladores de políticas públicas têm a tarefa de explorar, ao máximo a sociabilidade como um antídoto contra o individualismo, a ineficiência burocrática, a corrupção e os custos de transação. Todo este somatório resulta em um filão não explorado, identificado como capital social existente no conjunto social de uma dada sociedade.

Esta situação é bastante evidente para Putnam (2002), onde se deve contar com a cooperação e o altruísmo universal para as ações e teorias sociais, desta forma, os atores devem assumir compromissos com a coletividade, caso contrário, deverão renunciar aos benefícios de proveito mútuo. Neste sentido os grupos sociais constituídos são um exemplo de organização³⁵ sistemática e desenvolvem, assim, uma consciência de cooperação natural, inicialmente por motivos próprios e de sobrevivência, reconhecendo que, de maneira isolada, seus membros não conseguirão atingir resultados satisfatórios, a não ser de forma conjunta.

Contudo a forma conjunta para Putnam (2002) diz respeito a características da organização social, como confiança; normas; organização; instituições e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas, perfazendo um conjunto de elementos que compõem a estrutura social cultural. Um exemplo disso são as normas de reciprocidade; os padrões de associativismo; os hábitos de confiança entre as pessoas; as redes que ligam segmentos variados da comunidade.

Referido conjunto social envolvido na realização de um processo produtivo composto de etapas de tarefas de trabalho, segundo Schütz (1981), *apud* Lapassade (2005) pode descrever o mundo social tal como é considerado por aqueles que nele vivem. Este mundo social segundo North (1990-1994,p.73), *apud* Abramoway (2001), traz à tona uma compreensão acerca das organizações no contexto social vivido como entidades dotadas de um propósito designado por seus criadores para maximizar riqueza, renda ou outros objetivos definidos pelas oportunidades oferecidas pela estrutura institucional da sociedade.

³⁵ Nesta ótica, procura-se desenvolver a análise do referido conceito como uma unidade. Etzioni (1974) descreve a organização como unidades sociais (ou agrupamentos humanos) intencionalmente construídas, a fim de atingir objetivos específicos.

Da mesma forma a distribuição social do conhecimento em conformidade com as abordagens de Lapassade, apud Arns (2005) sugere, a forma de se atuar em uma comunidade, onde os atores, quer dizer, as pessoas que ocupam uma determinada área de abrangência, determinam o espaço social da comunidade, e esta comunidade se constitui através de um sistema de atores que dela fazem parte, atuando nos processos, atividades e ações contínuas através de suas potencialidade humanas, técnicas e científicas dentro da área de abrangência desta comunidade, orientando um espaço territorial como estrutura física.

Nesta dissertação, os caminhos percorridos pelos sujeitos instigaram o questionamento e percepções de uma realidade vivida longe de mecanismos que acionam políticas públicas favoráveis aos seus objetivos. Percebe-se a real importância de uma dose de capital social oriunda do entorno institucional, redes sociais e compromisso cívico no conjunto destas organizações sociais produtoras de objetos, como no caso em estudo, possibilitado por uma atividade artesanal gerada de seu entorno e ambiente natural (HIGGINS,2005).

Fundamentalmente, a percepção de um sistema estruturado de forma organizada horizontalmente a fim de possibilitar o exercício do capital social entre o conjunto das referidas organizações faz-se necessário. Portanto a funcionalidade estruturada para Coleman (1988) retrata o capital social de forma que todos os elementos de uma estrutura social cumpram a função de servir como recursos para que os atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses.

Segundo Coleman (1988), as estruturas sociais são reconhecidamente distintas, pois obedecem a distintos motivos, dentre eles as necessidades concretas que levam as pessoas a interagir com outras; a existência de fontes alternativas de recursos; o grau de influência dos recursos; a capacidade de gestão para obter ajuda; a coesão das redes sociais e a logística³⁶ para contatos sociais.

Portanto, as interações entre entes públicos e as organizações sociais podem assim representar um sistema de acesso mais eficaz no que diz respeito às ações destes para com aqueles. Nesta ordem Pase e Santos (2008) exemplificam o caso italiano possibilitado pelo capital social que viabilizou o engajamento cívico e a participação social e política, que por sua vez, constituiu instituições democráticas e um sistema de governo também democrático, bem como impulsionou o desenvolvimento econômico.

³⁶ As ações e práticas operacionais que planejam, administram e controlam o movimento de materiais, equipamentos, produtos e serviços ao longo de uma cadeia produtiva, desde as matérias-primas sem beneficiamento até a entrega ao consumidor final (LACOMBE,2004).

Contextualmente falando Higgins (2005) levanta uma discussão que transita pela ambígua fronteira entre o econômico e o social e não dissocia este discurso quando fala de capital social, ao justificar a ambiguidade proposta por ele, dizendo ser o novo ponto de encontro entre as ciências sociais e econômicas que gera uma conectividade entre todos os representantes deste contexto.

Na ambiguidade proposta por Higgins (2005) observa-se que o papel do poder público pode sugerir uma possibilidade de amenizar ou propor ações que gerem um movimento endógeno da sociedade representada pelos atores hegemonzados, ora excluídos de possibilidades de vida melhor, ou ora visto como que deslocados da sociedade que fazem parte aguardando por benefícios governamentais paliativos de sobrevivência gerados pelo próprio poder público.

No contexto social dos grupos pesquisados em função de ambos perseguirem horizontes reais de perspectivas econômicas como resultado do artesanato produzido, as possibilidades de viver da atividade artesanal ainda se encontram distantes da natureza das horizontalidades propostas pela sistemática de redes que o capital social propõe. Necessariamente a natureza do conjunto que poderá envolver estes grupos ainda soa como políticas de governo com programas agendados a exemplo do Amapá Produtivo³⁷ para o Estado do Amapá em relação ao turismo.

No entanto a ação ensejada só se dará quando o compromisso político ultrapassar os fatores impeditivos, como a burocracia, os interesses particulares e a gestão centralizada que vai de encontro às práticas do capital social. Certamente o desempenho de todas as instituições sociais, desde os mercados de crédito e os governos regionais, segundo Putnam (2002) são fatores fundamentais para aplicabilidade do capital social, implicando ainda a informação precisa e as ações de execução como ponto fundamental para se efetivar a cooperação na sociedade.

Referida relação facilita a ação do capital social na cooperação espontânea. Assim, para Putnam (*id*) o capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Essencialmente a cooperação estabelecida no capital social coaduna-se com a noção de redes encaminhando um processo estruturado de forma horizontal com a finalidade de melhor fluidez territorial.

2.5 ANÁLISE DO SIGNIFICADO DE TERRITÓRIO

Em conformidade com a análise do significado conceptual de território foram abordadas as percepções variadas de estudar e entender a aplicabilidade desta categoria de estudo. Santos (2008) visualiza, o território como um todo tornando-se um dado da harmonia existente de interdependência interativa entre lugares e agentes nele instalados, onde a informação funciona como centro motor.

Paralelamente a esta análise, Santos e Silveira (*ibidem*) estabelecem uma relação de desigualdade no caráter informacional territorial, quando definem que o meio técnico-científico informacional não se impõe igualmente sobre o território. Sistemáticamente percebe-se que em razão de uma temporalidade e abrangência, o território brasileiro, respectivamente junto dos elementos de um contexto territorial e os períodos históricos vividos e superados, produziram significados científicos originados por estudiosos sobre os aspectos materiais e abstratos do território. Albagli (2004), analisa que cada território é produto da intervenção e do trabalho de um ou mais atores sobre determinado espaço. Este espaço é visto por Haesbaert (2005), como uma problemática relacionada a sociedade, sendo como um dos principais conceitos que o estudo do território tenta responder.

Naturalmente as ações intervencionistas do conjunto de atores irá depender sobremaneira de suas possibilidades e formas de participação no próprio território e ainda assim analisar o contexto espacial vivido. Contudo a relação sociedade e espaço, foi percebida na forte interação existente entre os grupos pesquisados em seus espaços naturais vividos, onde, cada conjunto leva em consideração aspectos relevantes, como ambiente natural, identidade cultural e contexto social. Esta visão é corroborada por Raffestin (1993) quando define o território como produto dos atores sociais, pois são eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço.

Necessariamente o espaço de uma realidade de atores sociais na análise do estudo do território remete a uma concepção territorial na noção de Haesbaert (2007,p.40), em uma vertente ãcultural ou simbólico-cultural, priorizando a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Referida análise remete ao entendimento de que relações sociais são estabelecidas pela configuração das simbologias adotadas pelas pessoas em seus espaços materializados.

³⁷ Plano de Desenvolvimento Integrado, capazes de induzir a constituição de pólos de desenvolvimento

Neste contexto, para Santos (2008) as relações sociais promovem a existência real e material própria do território. Resultando em uma configuração territorial que se dará pelas obras da sociedade, diante de toda uma materialidade por ela desenvolvida e resultante de uma produção histórica, tendendo a uma negação da natureza natural dando lugar a natureza humanizada.

No entanto e sob este contexto tornou-se fundamental associar o artesanato local com algo que o tornasse como uma espécie de marca identificadora. Para exemplificar a associação, constatou-se o estudo de um designer contratado no ano de 2002 pelo Sebrae/AP que oportunamente utilizou os estudos realizados pela entidade acerca do legado histórico que representa o povoado do Estado do Amapá, com a finalidade de construir uma identidade própria e que representasse o artesanato local, resultando na marca Maracá³⁸ e Cunani³⁹, que reproduz a herança cultural e civilização do Amapá.

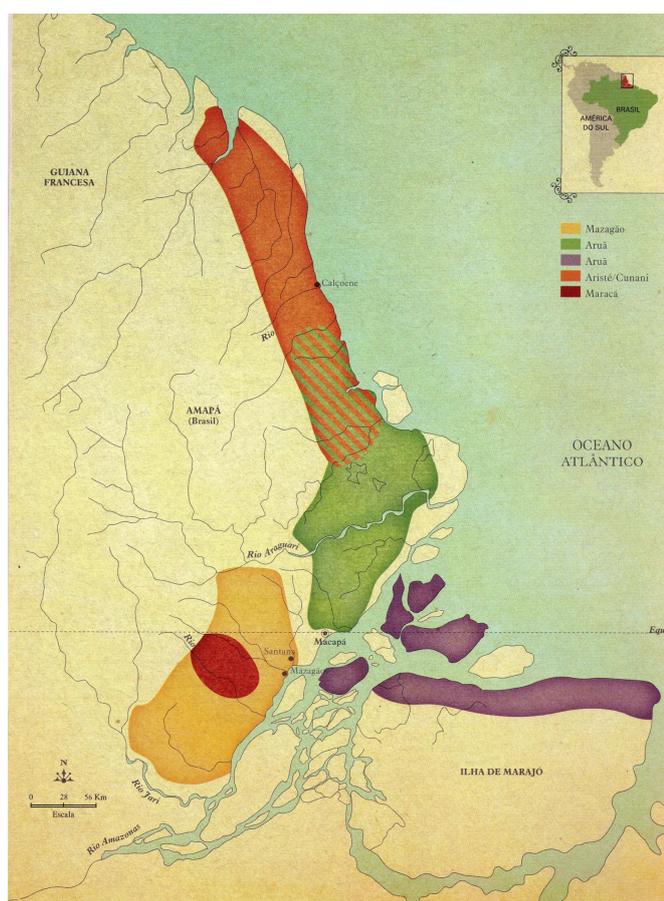


Figura 7: Mapa do Amapá, onde estão caracterizadas as regiões em que se desenvolveram as principais fazes do povoamento do Estado. Fonte: SEBRAE/AP (2006).

(GEA,2005).

³⁸ Rio do Estado do Amapá, pequeno afluente da margem esquerda do Rio Amazonas, localizado na Região Sudeste do Estado do Amapá, no Município de Mazagão; fases de povoamento no Estado do Amapá que corresponde a uma sequencia cronológica. (SEBRAE/AP 2006)

³⁹ Vila localizada no Município de Calçoene no Norte do Amapá, que possui importância histórica significativa para o Estado (SEBRAE/AP 2006).

Entretanto necessariamente se faz, enveredar pelos caminhos da visão culturalista, de Haesbaert (2007) quanto a priorizar dimensões simbólicas e conseqüentemente mais subjetivas, onde referido território é analisado primordialmente como produto de apropriação feita pelo imaginário e/ou identidade social sobre o espaço. Referida relação é eficaz para que sejam analisadas as ações dos grupos sociais pertencentes a cada contexto social vivido e seu espaço de referência.

2.5.1 Territórios e redes

Inicialmente é importante destacar a multiterritorialidade em conformidade com a visão de Haesbaert (2007), quanto a abordar a lógica política sob a análise de território-zona, bem como sua lógica econômica através da análise de território-rede. Sob a perspectiva de Haesbaert (*id*) de que a rede é o elemento fundamental na formação dos territórios, é importante então compreender como estes são construídos.

Respectivamente relevante se faz entender a importância da abordagem relacional sob a visão de Rafestin (1993) em função das nodosidades territoriais ou pontos representados pela localização dos indivíduos em seus *locus* espaciais, sejam elas definidas como aldeias, cidades, capitais ou metrópoles gigantes.

As relações de fluidez ressaltam um território segundo Le Berre (1992), apud Albagli (2004, p.26) como um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que se projetam no espaço, remete a uma análise de contextos e escalas, dentre estes, os municípios, estados, região e planeta. A divisão escalar está sujeita ainda, aos fatores que podem influenciar no acesso aos serviços que favoreçam a sociedade que habita em cada escala territorial, dentre eles a educação que venha favorecer o desenvolvimento de determinado território.

Necessariamente, atores e território e a sociedade legitimada por suas demandas locais representam variadas parcelas de carências descobertas que o Estado apesar de sua soberania não consegue promover, motivado por uma ausência de políticas públicas mais eficazes. Daí a necessidade de se ter a comunidade representada pelo conjunto de participantes que tem como condição legítima suas normas sociais e valores culturais, que variam no tempo e no contexto de sua localização.

É válido ressaltar segundo Pereira (2009) que:

o o sucesso dos mercados e dos governos é interdependente, visto que o equilíbrio entre eles não é orientado por doutrinas, mas pela cultura e pelas relações existentes entre o governo e os indivíduos de uma sociedade. Assim, quanto maior o grau de confiança da sociedade no governo, maior é o tamanho do setor público (PEREIRA, 2009,p.17).

À medida que o território se torna fluído segundo Santos e Silveira (2006) as atividades econômicas modernas se difundem, e uma cooperação entre as empresas se impõe. Assim, as políticas que envolvem a cooperação e o associativismo com possibilidades de gerir grupos de pessoas movidos por objetivos comuns, podem encontrar nesta modalidade uma saída para suas pretensões econômicas. Estas formas de organização nasceram de uma relação existente das práticas mercantilistas no mundo do capital que em sua lógica dialética, inclui e exclui, promove e desarticula. Pode-se assim entender que o socialismo cooperativo proposto por George Lassere contribui para a democratização do acesso aos meios de produção.

O socialismo cooperativo é a ordem dentro da qual a propriedade eminente dos principais meios de produção econômica pertence, de direito pleno, à coletividade dos consumidores e no qual a gestão dos meios de produção está a cargo dos delegados diretos e indiretos de consumidores e produtores associados, assim como do Estado. Em síntese, a ordem cooperativa é aquela em que os consumidores, objeto e fim de toda a produção, gozam de influência preponderante (LASSERE, 1980,p.43).

Provavelmente o referido movimento de gestão organizacional pode ser uma via de aplicabilidade de modelos governamentais multidimensionais como é o caso também da economia solidária que para Singer (2002) poderá ser uma resposta a inoperância do sistema capitalista de integrar em sua economia todos os membros da sociedade necessitados de trabalho. Em uma economia eminentemente globalizada, o desemprego estrutural e involuntário é uma realidade que precisará de respostas mais eficazes aos que se encontram às margens da educação por conta da falta de acesso ao conhecimento e desfavorecidos dos indicadores de crescimento econômico.

2.6 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Fundamentalmente se faz entender que a representatividade local através de uma atividade economicamente viável é provedora de relações sociais, comerciais e de interação entre as partes envolvidas no processo. Importa compreender o termo local como lugar, no aspecto de sociedade. Logo, percebe-se a materialidade dialética sócio-espacial analisada por Soja (1991) coadunando-se com a de Haesbaert (2006), ao destacar que a transformação da realidade primeiramente e unicamente se dá a partir da modificação das condições materiais, concretas de reprodução dos grupos sociais.

Neste sentido, Albagli (2004, p.51) reforça tais concepções, ratificando que o lugar não deve ser compreendido apenas como espaço em que se realizam as práticas diárias, mas também como aquele no qual se dão as transformações e a reprodução das relações sociais de longo prazo, bem como a construção física e material da vida em sociedade. Logicamente há de se compreender a possibilidade de um espaço provedor devidamente reconhecido pelo tecido social nele vivido e ocupado.

Naturalmente para Haesbaert (*op. cit.*) a noção de espaço junto ao território, sob a perspectiva econômica, é a preferida em função do fator locacional como base produtiva, caracterizado pela força produtiva. Nesta ótica no segmento artesanal, a técnica, a criatividade e qualificação das pessoas associadas aos recursos disponíveis, são bases formadoras do processo de produção, o qual resultará em um cenário econômico social mais real, através das dinâmicas em sistemas de redes geradas pelo movimento dos grupos sociais envolvidos com a cultura do artesanato local.

Na análise de desenvolvimento assim estabelecida, não significa que existem padrões universais de modelos que de forma única deverão ser adotados em todos os territórios. Paula (2004) destaca o desenvolvimento do território sob a ótica local. Em virtude desta temática, encaminha-se o território em uma busca da afirmação de uma identidade de elementos distintivos, de uma reputação própria, de características singulares, que diferenciem o local dentro do universo da globalização.

Sob este contexto, Coriolano et al, (2009) destacam, historicamente, o marco inicial da nova estratégia que surgiu na década de 1970, cujas experiências de desenvolvimento local se constituíam em alternativa às formas de organização clássica - estas baseadas no sistema piramidal de gestão. Sustentada pela experiência italiana (de apoio das aglomerações territoriais de pequenas empresas organizadas em função de sua especialização flexível) a

nova estratégia proporcionou uma imbricada relação em rede com concorrência e cooperação impulsionadas por inovações contínuas e pela fabricação de produtos de alta complexidade, conformando o ambiente que abria oportunidade de superação do baixo desenvolvimento que historicamente acometia a região (PIORE & SABEL, 1984).

Portanto o referido modelo, na época, foi um ponto de referência às economias de outras nações. Nesta ótica, o desenvolvimento para Paula (2004) resulta das relações humanas, no sentido de envolvimento de um desejo comum e da vontade da adesão, das decisões e das escolhas das pessoas, Paula (*idem*) descreve esta relação como protagonismo local. Analiticamente o protagonismo local, com o poder de mobilização a favor de um movimento endógeno, sugere o desenvolvimento local, que precisará de uma ação conjunta dos agentes locais. Estes, muitas vezes, são desacreditados dos planejadores e tomadores de decisão de um sistema estruturado piramidal instalado na sociedade. Sobre a necessidade de se ter uma economia que, além de forte, seja justa e com a participação dos atores sociais, Przeworski afirma que:

"O sistema econômico mais racional e humanitário é aquele que depende da existência de mercados regulados para a alocação de recursos e da presença do Estado para garantir um bem-estar material básico para todos. [...] Para que as instituições democráticas suscitem adesão e se consolidem, precisam ser em certa medida, justas e, além disso, eficazes." (PRZEWORSKI, 1994).

Os Arranjos Produtivos Locais surgem a partir de uma abordagem sistêmica e interativa de relações diretamente voltadas para o desenvolvimento do território. Contudo o desenvolvimento do território depende da construção e multiplicação de redes de atores locais, redes de cidadãos, redes de protagonistas das mudanças políticas, econômicas e sociais (PAULA, *op. cit.*).

Sinteticamente analisando torna-se basicamente reconhecer a:

A lógica do apoio aos APLs parte do pressuposto de que diferentes atores locais empresários individuais, sindicatos, associações, entidades de capacitação, de educação, de crédito, de tecnologia, agências de desenvolvimento, entre outras - podem mobilizar-se e, de forma coordenada, identificar suas demandas coletivas, por iniciativa própria ou por indução de entidades envolvidas com o segmento (MDIC-GTP-APL, 2006, p.18).

Há de se perceber a importante relação dos atores que deverá existir em determinado território para a adoção do APL. Evidentemente o território, visto sob a perspectiva de redes, é fruto de uma sociedade cada vez mais resificada segundo Haesbaert (2006), transformada

pelos fluxos de forma dinâmica, esta determinada pela forma constante de deslocamentos de um mundo tradicional para um mundo mais global. Este mundo mais global para Santos (2003) está arquitetado sob algumas perversidades e exclusões diante da morte do Estado, que na verdade, busca o fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. Esta teia que se forma em torno da globalização do capital e a liberalização econômica sustenta apenas os elos de uma cadeia padronizada, representada por atores hegemônicos que detêm o poder de troca com o Estado.

Na década de 1980 na análise de Castro (2001) experimentou-se de forma mais visível, uma ruptura no nível dos paradigmas da ação do Estado brasileiro que passou a ser não somente regulador, mas que se tornou também um agente de intervenção no cenário econômico e social. O que revigorou ao longo deste período como ideias de universalidade, centralidade, integração e intervenção são paulatinamente substituídas pelas de pluralidade social, multiplicidade social, multiplicidade de pontos de referência, coordenação múltipla de atores e participação em redes e parcerias.

2.6.1 Condicionantes para o sistema de arranjos produtivos locais

Ao conjunto para a ação da instrumentalização dos sistemas produtivos locais irá depender grande parte das diretrizes políticas emanadas do sistema de governo adotado com vistas ao desenvolvimento do território e suas potencialidades locais. Necessariamente o governo federal através do termo de referência nacional para a política nacional de apoio aos arranjos produtivos locais, toma como princípio a realização de ações integradas de políticas públicas a favor do APL no Brasil, partindo da base conceitual do sistema onde um número significativo de empreendimentos, atuando em uma atividade produtiva, compartilhem formas percebidas de cooperação e algum mecanismo de governança (GTI, 2004).

Contudo as referidas diretrizes para o APL no Brasil têm como desafio mudar a lógica individualizada por parte de órgãos governamentais e não governamentais em razão do desenvolvimento local e regional, bem como os seus diferentes níveis de abordagem. Como elemento direcionador, o grupo de trabalho teve que adotar elementos norteadores conceituais de entendimento com a finalidade de condução desta proposta de desenvolvimento do território. Importa destacar sobre as concepções de APL, a seguinte visão:

Observa-se, ainda, que a forma de conceituar e caracterizar o que estamos chamando de APL, neste termo de referência, foi evoluindo da simples indicação de concentração industrial geográfica de pequenos e médios produtores, para abarcar outras dimensões tais como territorialidade e especialização definidas em termos de cultura local, existência de cooperação entre MPME e organização institucional, formas de governança, aprendizagem coletiva, potencial de promover inovações e presença de fornecedores locais (GTI,2004).

Nesta ordem para Casarotto e Pires (2001), o desenvolvimento regional pode ser uma alternativa para o país buscar a superação de problemas sociais crônicos como a distribuição de renda. Portanto o caminho pode ser viabilizado pelos sistemas econômicos locais ditos competitivos. Sob esta ótica Casarotto e Pires (*id*), veem o vetor da regionalização social como atenuante de desigualdades. Coriolano et al., (2009) destacam que trabalhar a/na escala regional não significa isolar-se da escala global, uma vez que o regional não se aplica por ele mesmo, e, sobretudo, insere-se de forma atuante no espaço nacional, gerando desta forma uma articulação entre região município, comunidades ao nacional e global ao mesmo tempo em que abre espaço para o fortalecimento de organizações locais.

Destaca-se que a abordagem de APL, em conformidade com o GTI (2004), valoriza a cooperação, o aprendizado coletivo, o conhecimento tácito e a capacidade inovativa das empresas e instituições locais como questões centrais e como funções interdependentes para o aumento da competitividade sustentável, fortalecendo os mecanismos de governança. Acima disso, é na localidade que se faz notar a interdependência entre crescimento econômico, gerador de externalidades positivas em seu entorno, e vantagens locacionais relevantes para a melhoria de processos e produtos das organizações.

Prioritariamente a ação coletiva é fundamental segundo Putnam (2002), pois para garantir a dose de capital social necessária, é primordial a medida pelas características da organização social, como a confiança, as normas e sistemas existentes, contribuindo diretamente para o/no aumento da eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Portanto o capital social, como ponto de partida para o desenvolvimento da sociedade pela ação das comunidades organizadas, facilita a cooperação espontânea dos indivíduos frente aos seus objetivos.

Percebe-se então que o capital social visto no sistema de cooperação, associa-se à noção de redes sob o foco da participação conjunta dos componentes de uma abordagem em redes, ao sugerir ações que podem efetivamente transformar uma realidade mais próxima do contexto social contemporâneo. Nesta direção, os atores vivem num sistema adotado sob uma nova ótica econômica, como por exemplo, a realidade do arranjo produtivo local. Para Casaroto e Pires (2001, p.21), ãos sistemas econômicos locais competitivos são o fruto de um

planejamento regional em que se busca ter aglomerações econômicas (os chamados *Clusters*) competitivas, com o adicional da componente social/comunitária.

Esta análise dual sustenta uma relação que terá resultados através de uma ação mais endógena e fortalecedora da regionalidade segundo Cassiolato e Lastre (2002) condicionada à existência de uma comunidade e forte identidade local ou regional que favoreçam à cooperação, solidariedade e reciprocidade. Logo, a ênfase convergente ao local de acordo com Cassiolato e Lastres (*idem*) segue quatro linhas de trabalho: inicialmente com base na economia neoclássica e crescimento; seguida pela gestão de empresas e competitividade local; em terceiro lugar pela ciência regional com ênfase nos distritos industriais e, finalmente; nos sistemas de inovação.

Algumas variáveis são fundamentais para o reconhecimento de APL em uma região conforme identificado pelo GTI (2004) como: a concentração setorial de empreendimentos no território, representado pela quantidade de empreendimentos predominantemente de micro, pequeno e médio porte, que seja relevante para o contexto econômico local ou regional; a concentração de indivíduos ocupados em atividades produtivas relacionadas ao setor de referência do APL; cooperação entre os atores participantes do arranjo (empreendedores e demais participantes), em busca de maior competitividade; existência de mecanismos de governança.

Respectivamente as referidas variáveis podem contribuir para o protagonismo local tendo como ponto fortalecedor o capital social entre os agentes locais no território. Segundo Paula (2004) os referidos agentes devem se envolver em processos de mudanças desde sua forma de conduta, acreditando e reconhecendo que, como protagonistas de um processo autônomo de produção coletiva, podem dar conta de seu próprio desenvolvimento. Porém para dar vigor aos agentes locais e assim promover o protagonismo na visão de Paula (2004), há de se processar alterações nas condições de acesso ao conhecimento, do poder e da riqueza. Portanto, promover o desenvolvimento significa promover mudanças políticas, econômicas e sociais.

Em conformidade aos conhecimentos que são adquiridos ao longo do tempo pelas comunidades, representando tacitamente suas potencialidades, associa-se o conhecimento formal. Vale destacar que a contribuição da educação para uma nova sociedade transpassa os impactos da economia, diminui as desigualdades existentes nas nações. A ideia de capital social, segundo Putnam (2002), deve contar com a cooperação e o altruísmo universal para as ações e teorias sociais, pois os atores devem assumir compromissos com a coletividade, caso contrário deverão renunciar aos benefícios de proveito mútuo.

2.7 O ARTESANATO COMO PERSPECTIVA DE SOBREVIVÊNCIA AOS GRUPOS SOCIAIS

Fundamentalmente o artesanato brasileiro tem se firmado com predominância em vários setores da estrutura econômica no país, dentre eles o turismo, a exportação, a gastronomia e a moda que são exemplos de possibilidades de reconhecimento da atividade de cada região representada por suas culturas e identidades. Neste direcionamento artesanato é o processo contrário da globalização no que diz respeito às máquinas da indústria e seus procedimentos produtivos em séries, o que não justifica sua exclusão de uma dinâmica nacional ou global de inserção econômica.

Frente a estes aspectos, o local tem se evidenciado e ganhado papel expressivo, na organização de estratégias de sobrevivência ao sistema do capital contemporâneo. Assim, mesmo para as grandes corporações, a produtividade e a competitividade passaram a ser atributos de lugares, e não mais diretamente vinculadas e definidas pela própria estrutura organizacional corporativa. (CORIOLANO, et al., *apud* SANTOS, 1999).

Determinada tônica local para a produção artesanal funciona como característica predominantemente focada na potencialidade de um determinado território, promovendo ao mesmo tempo o resgate da cultura e a identidade regional. Necessário se faz associar ao protagonismo local do território adotado por Paula (2004), à noção de territorialidade defendida por Haesbaert (2007) dada a importância do simbolismo cultural que pode predominar no envolvimento dos grupos com seus espaços de produção artesanal em função de possibilidades dos indivíduos e suas relações em grupos sociais em espaços vividos. Nesta perspectiva, destaca-se a concepção de Albagli:

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas ó uma localidade, uma região ou um país ó e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico (ALBAGLI, 2004, p.28).

Importa ressaltar, a partir desta perspectiva, que a concepção surge devido à representatividade que o artesanato possui em função do lugar. Nesta ótica, o MDIC/PAB (2008, p.4) afirma que o artesanato, fora do sistema industrial tem como o seu forte a manifestação de valor cultural e a identidade local que é formada por processos sociais por manter uma identidade coletiva e pertencer a uma comunidade.

Escoar os produtos que são produzidos é fator de grande desafio à atividade artesanal, uma vez que, isoladamente, a produção artesanal dos grupos não desenvolverá condições de se aperfeiçoar e participar de forma efetiva, bem como não terá perspectivas de sobreviver da referida atividade em função da tipologia⁴⁰ escolhida para desenvolver uma atividade artesanal. Necessariamente é primordial que os grupos envolvidos na atividade artesanal estejam em contato com conhecimentos que fortaleçam sua produção, como: o *design* das peças, embalagens e reconhecimento de uma necessidade de consumo. A criação de uma peça bem elaborada não significa sua aceitação no mercado, se a mesma não for pensada adequadamente, sob o foco de satisfazer as necessidades de um determinado consumo.

Nesta ordem o aprendizado dos grupos representa um ponto forte para o crescimento do artesanato local viabilizado por novos conhecimentos de técnicas. O poder com base no conhecimento da sociedade poderá ser compartilhado de maneira mais horizontalizada através da fluidez das informações sugeridas pelo sistema em rede. Este, segundo Castels (2004), sustenta-se na criação de bases sólidas para o desenvolvimento das nações, que de maneira associativa constrói processos de produção que emergem da relação proveniente entre o conhecimento e o capital.

Claramente a construção do sistema em rede sugerida por Castels (*idem*) sob o binômio conhecimento e capital como geradores de processos de produção, poderá associar-se aos sistemas produtivos locais sob o viés do desenvolvimento de um determinado território não mais, e somente pelas suas relações verticalizadas de estruturas de poder. A análise de Paula (2004) sugere a possibilidade de pensar, em contraponto a estes sistemas verticalizados, sob a ótica das relações sociais, de equidade política, de solidariedade econômica, de inclusão social, ou naquelas baseadas em estruturas horizontais de poder.

Como base econômica de estruturas de poder, o APL adota em sua essência a metodologia de estruturas organizacionais em redes com abordagem da participação dos atores envolvidos no processo, dentre eles, segundo Cassiolato e Lastres (2002), grupos de pequenas empresas, associações, instituições de suporte, ensino e pesquisa, destacando ainda as características comuns entre os atores, estabelecida através da identidade cultural entre os agentes; fluxo intenso de informações; relações de confiança entre os agentes; mão-de-obra qualificada dentre outros. De acordo com a política de apoio ao desenvolvimento de arranjos produtivos locais, o APL do artesanato em Macapá através do SEBRAE, encontra-se

⁴⁰ Denominação dada ao segmento da produção artesanal, que determina a classificação por gênero, utilizando como referência a matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade (MDIC/PAB,2008).

cadastrado como possibilidade e diretrizes do governo Federal⁴¹ através do projeto ãAmapá Feito a Mãoã adotado pela metodologia de projetos finalísticos.

2.8 ABORDAGENS TEÓRICO METODOLÓGICAS

2.8.1 A pesquisa e seu contexto

Os sujeitos da pesquisa estão organizados pela atividade artesanal com sementes, representada pela produção de biojóias. Geograficamente, os grupos pesquisados estão localizados no Estado do Amapá, nos municípios de Santana, Macapá e Vitória do Jarí. Cada grupo se organizou com a finalidade inicial de se reunir entre pessoas que compartilhavam de objetivos comuns que significa a garantia de seu sustento através e por ordem de uma produção artesanal, sem deixar de lado a socialização de conhecimentos e o sentido de compartilhar com o outro possibilidades de uma vida melhor.

2.8.2 Técnica de pesquisa e sujeitos da pesquisa

No que diz respeito a procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de campo exploraram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema. (RICHARDON, 2008, p.82). O universo da pesquisa correspondeu ao número de artesãos cadastrados na SETE e no SEBRAE representados pela Associação dos Artesãos do Quilombo Artes Tapuia composta de 23 (vinte e três) integrantes, 18 (dezoito) alunos do ensino médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza e 25 (vinte e cinco) mulheres da Amarte Associação de Mulheres do Vale do Jarí composto de mulheres.

Periodicamente a coleta de dados foi realizada no período de 1(um) ano junto aos grupos em horários e etapas diferenciadas e definidos pelos grupos no momento da execução das atividades artesanais em cada grupo. Essencialmente o cronograma estabelecido possibilitou uma análise mais criteriosa em comparar cada grupo de artesãos conforme a natureza e envolvimento de suas ações dentro e fora de seus ambientes. No universo de sujeitos pesquisados, fizeram parte ainda, 3 (três) representantes responsáveis pela gestão da

⁴¹ Manual Operacional para as Instituições Parceiras no desenvolvimento de arranjos produtivos locais. (GTP/2004).

entidade como a SETE e o SEBRAE, onde a coleta de dados se deu através de entrevista semi-estruturada quanto a permitir uma investigação mais próxima das diretrizes que foram traçadas aos grupos em questão, uma vez que estes organismos atuam como agentes fomentadores do artesanato local.

Preferencialmente o método e a técnica de pesquisa dependeram da natureza do problema investigado e do objeto que se desejava conhecer e estudar. Assim a pesquisa social crítica (pesquisa qualitativa) conforme descrita por Richardson (2008), sustentou a análise subjetiva adotada nos processos que instrumentalizaram o presente estudo representados pela entrevista semi-estruturada e a observação participante, que foram adotadas junto aos grupos sociais e representantes das entidades governamentais pesquisadas.

Considerando as visitas efetivadas inicialmente em várias entidades, a Secretaria Estadual de Trabalho e Empreendedorismo (SETE), foi definida como a instituição a ser pesquisada em função de constar o registro de várias categorias de artesãos de acordo com a tipologia preterida. Entretanto o foco da pesquisa foi voltado para os artesãos que trabalham com sementes sob o recorte da biojóia. Nesta ordem o Sistema Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas - SEBRAE destacou-se também como instituição pesquisada em função de possuir programas de capacitação aos artesãos que estão distribuídos em territórios, denominação designada pela instituição.

Diante da observação participante que permitiu fazer parte temporariamente da vida dos grupos pesquisados, esta técnica assim recomendada por Gil (2009), e respaldada por Ludke e André (1986) refletiu no acompanhamento *in loco* das experiências diárias dos sujeitos, resultando no conhecimento da heterogeneidade de cada grupo, porém com algumas dificuldades semelhantes, dentre elas o tratamento das sementes, venda dos produtos, treinamento e capacitação, fomento à atividade artesanal, espaços de comercialização e a continuidade de sua produção sem perder o comprometimento do grupo face às dificuldades vividas.

Nesta ordem a entrevista semi-estruturada recomendada por Ludke e André (1986), que tem como base norteadora a captação imediata e corrente da informação desejada, se fez eficaz especificamente nos momentos do estudo adotado junto aos gestores do artesanato em cada órgão público identificados respectivamente pelo SEBRA/AP e SETE. Neste sentido os representantes de cada órgão passaram a descrever suas experiências quanto a comandar diretrizes aos determinados grupos, dentre eles a Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jarí e a Associação de Artesãos de Quilombo Artes Tapuia, excetuando-se o Projeto Ponte Para o Futuro da Escola Igarapé da Fortaleza por não compor registro nas referidas entidades.

Referida técnica de pesquisa que se desenrolou a partir de um esquema básico permitindo adaptações, foi uma forma de manter o objetivo quanto a sinalizar uma realidade mais próxima do que se pretendia conhecer da realidade pesquisada. Neste sentido percebeu-se a diferença que os gestores de ambos os órgãos SEBRAE/AP e SETE registram para identificar o comportamento de um grupo em relação ao outro e destes em relação a atividade artesanal das biojóias no Estado do Amapá.

2.8.3 Método de pesquisa

Para Richardson (2008, p.79), a diferença entre o método qualitativo e quantitativo evidencia-se por uma análise estatística, o método qualitativo difere, em, princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.

Contudo com a finalidade de estruturar a prática do estudo de caso é importante o desdobramento em etapas (ANDRÉ 2005). Inicialmente na fase exploratória, a busca de informações a respeito dos grupos envolvidos na produção de biojóias foi concentrada nos registros constantes na SETE e no SEBRAE com a finalidade de localizá-los em seus locais de trabalho e produção das peças, bem como os representantes da entidade no exercício de sua gestão.

Seguidamente a fase de delimitação do estudo de coleta de dados que se deu em função de estabelecer o artesanato com ênfase no estudo das sementes naturais e a forma de como utilizá-la como objeto de adorno representado pelo artigo da biojóia, bem como o processo de sua produção pelos grupos sociais envolvidos, e sucessivamente a terceira e última etapa do estudo de caso identificada como a fase de análise sistemática dos dados e da elaboração do relatório, recomendada esquematicamente por André (2005).

Referido método de estudo de caso, preterido para a condução da pesquisa encaminhou para uma realidade contemporânea com a finalidade de proporcionar uma visão mais clara da realidade e de fenômenos poucos conhecidos, Gil (2004) descreve a possibilidade desta realidade contribuir para a descrição de grupos, organizações e comunidades, que foi base norteadora para se conhecer a realidade do conjunto de cada grupo envolvido com o artesanato da biojóia

Tais características particulares foram fundamentais no método de pesquisa, que segundo Gil (2009) defende que é importante na definição do estudo de caso quanto a afirmar

que é um delineamento de pesquisa, preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado, investiga um fenômeno contemporâneo, não separa o fenômeno de seu contexto, é um estudo em profundidade, requerendo a utilização de múltiplos procedimentos de coleta de dados. Toda esta análise possibilitou o conhecimento das estruturas organizacionais de cada grupo pesquisado.

3 GRUPOS SOCIAIS ENVOLVIDOS COM A PRODUÇÃO ARTESANAL DA BIOJÓIA NO ESTADO DO AMAPÁ

Na busca pela descoberta do fenômeno da gestão organizacional que gira em torno do artesanato da biojóia, procurou-se caminhar no universo de cada grupo estudado e conhecer realidades distintas com perspectivas semelhantes em função do caráter organizacional em cada grupo, formado em sua maioria por mulheres jovens, jovens senhoras e jovens adolescentes em idade escolar, na periferia dos seus municípios e próximos de ambientes naturais com oferta de sementes no entorno de suas localizações, em escola e associações.

Verificou-se que os grupos pesquisados utilizam técnicas caseiras para proteger as sementes dos fungos, dentre elas, deixar as sementes de molho em água com gotículas de alho socado, ou ainda, na soda cáustica, passar óleos vegetais encontrados nos comércios locais para proteger as sementes e assim possibilitar-lhes um tratamento e brilho mais atrativo comercialmente. Claramente entendeu-se que há um distanciamento destas pessoas frente a um cenário de possibilidades de acesso a um conhecimento mais técnico e de inovação que supostamente venha somar com sua atividade artesanal.

3.1 ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DO QUILOMBO DE ARTES TAPUIA

A constante abordagem se refere ao conjunto dos integrantes da Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia, conhecida ainda como Aquidart (informação obtida pelo SEBRAE/AP) que compõe um dos grupos de sujeitos do presente estudo, sendo uma realidade do contexto pesquisado. Efetivamente o grupo está localizado entre Macapá e Santana na Vila do Coração. Existe, de modo informal, desde 2004 constituído como associação que se organizou através de uma atividade artesanal para a confecção de peças artesanais com sementes.

Culturalmente o grupo em questão tem uma forte relação com o artesanato associado a valores tradicionais em razão de preservar seus costumes e cultura local. Esta relação cultural

na associação foi identificada pelos estudos do *designer* contratado pelo SEBRAE em 2002, que registrou na associação, o artesanato de raiz. Isto significa, segundo ele, *um artesanato cuja história identifica e se confunde com a comunidade que o desenvolve*.

Contudo o sistema organizacional da referida associação, antes com dezessete mulheres que compunham a referida Associação, atualmente constitui-se de vinte e três integrantes cuja forma de ação está alicerçada em uma organização baseada no trabalho conjunto e programado de acordo com a disponibilidade dos componentes do grupo, visto que todos são moradores das proximidades da sede da associação na Vila do Coração que funciona na residência da líder da associação, onde são desenvolvidas as atividades artesanais com sementes locais.

Como prática adotada pelo grupo, o cuidado com as sementes é fundamental. Por conseguinte produzir uma peça artesanal que possa ser oferecida com segurança e de boa apresentação aos compradores deve ser uma constante, a vista disso os artigos produzidos terão como finalidade serem usados como adornos nas pessoas no caso das biojóias; ou ainda como objetos de decoração. Nesta ordem necessariamente, as sementes devem receber determinados cuidados, para não criar fungos que comprometa a aparência dos artigos produzidos se deteriorando com facilidade. Todos estes cuidados, segundo informações dos associados, aumentou a preocupação do grupo principalmente no que diz respeito a obter conhecimentos e técnicas que favoreçam a conservação e a oferta das biojóias.

O equivalente cuidado com a produção das peças; a manutenção e conservação das sementes foram aumentando ao longo do tempo e, concomitantemente, isso gerou (e gera) insatisfações nos componentes do grupo no que tange a não terem ainda desenvolvido técnicas e estratégias que possam manter a integridade das sementes coletadas para a produção artesanal das peças. No entanto a produção de biojóias nos esclarecimentos da líder grupo é a que mais ficou prejudicada devido as sementes ficarem mofadas, principalmente no período invernososo no Estado do Amapá.

Inicialmente percebeu-se nos encontros com os componentes da associação um baixo envolvimento com a produção de biojóias que anteriormente segundo a presidente da associação, no passado representou um instrumento de ganhos favoráveis para o grupo que foi ficando ao longo do tempo prejudicada pela contaminação de fungos das sementes que passou a ser uma constante e proporcionalmente desestimulou ao mesmo tempo os associados em continuar com a produção de biojóias. Para os integrantes ficou difícil comercializar peças que em curto espaço de tempo podem estragar e assim comprometer o nome da associação.

Prevalece entre os associados, a consciência de que o produto artesanal não tem a mesma aceitação que a dos produtos industrializados, logicamente estes respondem mais rapidamente ao mercado consumidor em cobertura. Porém, o processo industrial, fruto de um movimento mais dinâmico do mundo do capital, não envolve relações de identidade cultural, como o artesanato local pode envolver. Ou seja este se configura na (e pela) identidade do lugar, caracterizado, aqui, pelos componentes da associação como o artesanato afro naturalö.

Desta maneira a relação cultural entre os associados e o espaço vivido exercita o comportamento destas pessoas quanto a descobrir constantemente como aproveitar aquilo que a natureza rejeita. Assim foram criados pelo grupo corantes naturais de algumas sementes e uma massa obtida através do bagaço de sementes do açaí recolhido das bateadeiras da Vila do Coração. Após as batidas diárias das bateadeiras de açaí na Vila do Coração, próximas da associação é produzida uma massa que sobra das máquinas que processam o açaí *in natura*, que após gerar o líquido da fruta, o dejetos que sobra do caroço do açaí é jogado fora. Aquilo que é considerado o bagaço do açaí e desprezado pelos donos de bateadeiras é recolhido pelos integrantes da associação.

Após o recolhimento do referido bagaço, é feita a manipulação deste, pelos associados que resulta em uma massa podendo ser utilizada para modelar objetos de decoração, utilidades para o lar e outros artefatos que o grupo está descobrindo sob a orientação da presidente da associação que é a proprietária da sede onde funciona a associação. O invento da massa originada do bagaço do açaí foi instrumento de uma premiação nacional pelo SEBRAE através do Prêmio Inovação edição 2009, tendo como idealizadora da criação a presidente da associação. A *descoberta* da referida associada se processou durante a sua formação, pelo período de quatro anos, no curso de graduação em Design no Centro de Ensino Superior do Amapá (CEAP).



Figura 8: Peças produzidas com o bagaço do açaí transformado em resina pelas associadas da Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia. Fonte: Leão, Maria (2009).

Provavelmente a presidente e idealizadora da massa de modelagem difundiu e multiplicou, entre os associadas, esse conhecimento que foi acrescido àqueles conhecimentos advindos das práticas desenvolvidas, voluntariamente, pelos mesmos na condução de suas atividades artesanais com a comunidade do entorno juntamente com as famílias. Em função das relações sociais existentes na associação, percebeu-se um somatório de esforços que favorecem a cultura local. Os valores culturais são levados em consideração pela comunidade da associação que tem como base geradora de suas idéias procedimentos e ações junto à condução do grupo.

Percebeu-se que o ambiente natural do entorno da Associação atua como um recurso utilizado de maneira responsável pela comunidade, já que é a fonte geradora fundamental para o sustento da atividade artesanal desenvolvida pelo grupo. Esta consciência é compartilhada entre os integrantes do grupo e suas famílias, através do olhar *comum* dos seus membros. A referida postura se reflete nos cuidados que devem ser tomados na coleta das sementes na mata, que deverão estar ali naquele lugar para as futuras gerações, segundo os relatos dos associados.

O espaço da associação para os integrantes do grupo representa uma referência local, onde se observam inúmeras possibilidades associadas a vários fatores, a saber: oferta de matéria-prima da natureza; o convívio da família com o ambiente natural e a praticidade de estar presente, o que possibilita um tempo ganho para a comunidade. Sob estes direcionamentos o grupo dos artesãos em hipótese alguma dissociam-se do ambiente natural para a confecção de seu artesanato.



Figura 9: Integrante da Associação de Artesãos Quilombo de Artes Tapuia, peças de biojóias, alguns produtos decorativos produzido pelo grupo e *banner* de identificação do grupo. Fonte: Leão, Maria (2009).

Ao longo do processo de observação não pode-se registrar a produção de biojóias, percebeu-se que, o que existia das peças produzidas com sementes estavam a algum tempo em uma mesa, dentre elas, pulseiras, colares e brincos. Alguns ornamentos decorativos que também são parte da produção artesanal feitos com sementes a exemplo de pequenas arvores de natal e bonequinhas de semente compunham as prateleiras da associação. Com o passar do tempo e em razão da ausência de disponibilidade da presidente da associação em permitir adentrar em sua residência onde funciona a associação, não houve mais a possibilidade de continuar com os processos de observação.

3.2 ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DO VALE DO JARÍ

Inicialmente Associação de Mulheres Mães Artesãs de Vitória do Jari, assim denominada desde a data de sua fundação em julho de 2005, passou a se chamar Associação de Mulheres Artesãs de Vitória do Jarí (AP) em 10 (dez) de fevereiro de 2009, através de decisão em assembléia extraordinária, devido ao apelo da comunidade de mulheres moradoras de Vitória do Jarí.

Desta forma a mudança residiu no fato de que muitas moradoras do município procuravam associar-se ao grupo e não eram mães, gerando assim uma insatisfação na comunidade feminina de Vitória do Jari. Porém, de acordo com as informações das integrantes do grupo da Amarte, este fator não impedia a adesão de uma futura associada sem filhos. A associação foi criada com a finalidade das mulheres da comunidade do município, principalmente as donas de casa de obter uma profissão e ganhar um sustento para judar a manter suas famílias, que culminou através de uma ação cooperativa do Grupo Orsa sediado no município de Vitória do Jarí.

O procedimento de adesão das moradoras de Vitória do Jarí na associação é efetivado oficialmente pelo pagamento mensal de R\$ 10,00 (dez reais). O trabalho desenvolvido, mensalmente, pelas associadas gera uma receita para os rendimentos anuais da associação, que ao final de cada ano, divide entre elas os ganhos obtidos. O sistema de divisão anual, segundo a presidente da associação, é realizado com base nos critérios de tempo de entrada da associada na entidade, bem como sua produção individual. Este acordo já gerou grandes conflitos entre as mulheres da Amarte, porém ficou assim estabelecido como uma das regras de conduta da/na Amarte.

No início da associação em julho de 2005, a produção era independente, cada componente do grupo, produzia suas peças e ganhava individualmente com isso. Quando

havia a programação de uma feira, as associadas eram comunicadas pela presidente da Amarte, que haveria o referido evento e logo as associadas já se organizavam para fazer suas produções. Dependendo do número de peças que ia ser levado às feiras, cada uma tinha um percentual de produção.

Esta metodologia mudou em 2007 quando as sementes passaram a ser beneficiadas pela associação, mudando também a forma de divisão do trabalho porque, segundo a presidente, a antiga forma não se caracterizava mais como associação que, agora, adota o procedimento de dividir entre o grupo, ainda que, *quem produza menos, receba um pouco menos*. A presidente destaca que este procedimento serve de incentivo, visto que cada associada que produzir menos, irá de certa forma repensar sua atividade no grupo e envolver um esforço maior a favor da produção total.

Visivelmente a associação tem-se destacado com a produção de biojóias desde sua fundação em julho de 2005. Dentre os eventos que a associação participou com a confecção de biojóias está o 1º Show Room do Comércio Brasil realizado no Sebrae Amapá em setembro de 2009, onde foram comercializadas 24 peças de biojóias, e algumas enviadas para serem ofertadas em Natal/RN. A associação esteve presente também em janeiro de 2009 no Fórum Social Mundial em Belém do Pará contando com o apoio da Fundação Orsa, com a finalidade de trocar experiências com outros grupos sociais que vivem a mesma experiência, e ainda tomar conhecimento das políticas sociais nacionais e internacionais discutidas a favor da sociedade.

As integrantes da AMARTE aproveitaram a presença no evento do Fórum Social no Pará, para apresentar as biojóias ao público presente. As peças levadas foram bastante apreciadas e as *empreendedoras* das biojóias venderam quase tudo, restando tão-somente 20 peças que retornaram para Vitória do Jarí. O turista estrangeiro, segundo as integrantes, valoriza as peças mais rústicas, pois nestas, são percebidas por eles uma identidade amazônica com características peculiares da região. É como se estivessem levando consigo uma representatividade do local e da cultura de sua visita. Segundo o grupo da Amarte o diferencial na produção de suas biojóias é o fator responsável pelo volume expressivo das vendas, bem como a variedade de peças e modelos que denotam a criatividade e o acabamento da semente bem tratada.



Figura 10: Associadas da Amarte oferecendo suas biojóias nos intervalos do Fórum Social mundial que aconteceu em Belém em 2009. Fonte: Amarte (2009).

Ainda em parceria com a Fundação Orsa através de sua unidade do Vale do Jarí localizada entre os Estados do Pará e Amapá, a associação desenvolveu a coleção *Palmae* de jóias. A coleção *Palmae* teve seu nome associado à palmeira do fruto do açaí que é cientificamente conhecida pela família *Palmae*⁴² fruto característico de Vitória do Jarí. As peças produzidas surgiram através de uma capacitação com uma profissional de *designer* de São Paulo, trazida pela fundação Orsa. A capacitação resultou em 37 modelos com 300 biojóias, entre colares, brincos e pulseiras, feitas com sementes, prata e couro. A coleção foi levada à Expo Brasil Amazônia, evento que ocorreu em Nova York, nos Estados Unidos em 2008. As associadas não participaram do evento, somente a *designer* que desenhou a coleção.

Inicialmente a coleção foi exposta na Exposustentat, maior feira de produtos e serviços sustentáveis, que acontece no Transamérica ExpoCenter, em São Paulo. A coleção foi apresentada na Sala Andes Amazônia (SAA), integrada por 56 entidades e associações de Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador e Peru. A Sala Andes Amazônia foi organizada, entre outras entidades, pela Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), organismo internacional dos oito países amazônicos que tem sede em Brasília. Todo o processo de produção das biojóias, desde o beneficiamento da matéria-prima até a montagem e a confecção, aconteceu na sede da Amarte, em Vitória do Jarí (AP). A presidente da entidade, afirmou que o trabalho desenvolvido pela designer mudou o cotidiano das associadas "Todas as integrantes envolvidas surpreenderam-se com a produção das biojóias. Juntar ouro e prata ao trabalho artesanal era um sonho. Hoje a idéia é uma realidadeö."⁴³

⁴² Catálogo de árvores do Brasil (1996)

⁴³ <http://www.otca.org.br/salaandesamazonia/index/2008>, acesso em 25 jun.2010.



Figura 11: Peças da coleção Palmae produzidas pelo grupo Amarte. Fonte: Amarte (2008)

Torna-se fundamental a criatividade para idealizar o desenho das biojóias que surge principalmente da iniciativa da tesoureira da associação em associar às imagens vistas nos veículos visuais de comunicação, como revistas e televisão, aos modelos vistos como tendências de consumo feminino. Inicialmente em seus relatos a tesoureira não sabia montar ou criar qualquer peça de biojóia, e hoje se sente muito bem, porque superou esta fase. Anteriormente, as associadas da Amarte trabalhavam com outra técnica artesanal denominada de *patchwork*⁴⁴, porém descobriram que o foco da associação era a biojóia e daí passaram a se aprofundar na técnica e evoluir no processo de produção.

Em princípio, a produção era realizada somente com colares simples. Porém, atualmente, é diferente, as associadas procuram a cada peça fazer um acabamento mais cuidadoso, criar peças mais inovadoras que possam chamar melhor a atenção das pessoas no momento da comercialização. As peças criadas não reproduzem as mesmas copiadas, porém é um instrumento de orientação em função do desenho e combinação de cores, resultando em um modelo que partiu daquela peça original e que servirá de base para a produção do grupo. Compartilhar o aprendizado com todas as associadas é uma prática comum entre as integrantes da Amarte.

Segundo a tesoureira da Amarte, todos os momentos oportunos são usados para que ela possa registrar seu talento para criação, isto pode ocorrer até na hora de seu descanso noturno, fazendo-a despertar para que não perca aquele momento de inspiração em que pensou em uma nova peça. Segundo a associada se este momento não for aproveitado, a inspiração passa e a peça imaginada cai no esquecimento. Desta forma as demais associadas

⁴⁴ Tecido feito com retalhos retangulares de tecidos de cores ou estampados diferentes, cosidos entre si (Novo dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 1986).

reconhecem este talento da tesoureira no grupo, elegendo-a como a pessoa responsável pela aptidão de criação das peças.

Originalmente as componentes da Amarte vieram de um projeto social capitaneado pela Fundação Orsa que passou a desenvolver um trabalho social desde 2003, cujo objetivo principal, segundo a presidente da associação, foi trabalhar a auto-estima das mulheres da Vila do Jarí, sendo que as demais associadas originaram-se dos cursos promovidos pelo SEBRAE/AP. Elas receberam capacitação, como o aprendizado de técnicas de cestaria, *patchwork* e bijuterias. Além destas capacitações elas receberam também aprendizado sobre a gestão de organizações abordando o associativismo e cooperativismo.

Nesta ordem o aprendizado conjunto resultou na criação da Amarte através do projeto Pérolas do Jarí, proveniente do Centro de Excelência da Mulher (CEM), criado pela Fundação Orsa, que contribuiu na elaboração do estatuto da associação. A opção pela biojóia não foi logo de imediato, com o tempo elas souberam identificar que o foco da associação era a biojóia e até então não pararam mais. O grupo, composto exclusivamente por mulheres, expressa a vaidade feminina enfatizando as várias formas de compor visualmente a mulher. E, como cultura milenar, procura adornos de acordo com o que representar mais fidedignamente a personalidade feminina.

Para a compra das máquinas de beneficiamento das sementes a associação participou do projeto Comunidades Duráveis através da Agência de Desenvolvimento do Amapá (ADAP), tendo sido o mesmo aprovado. Quanto à construção da Sede, o grupo elaborou um projeto que foi aceito pela Petrobras resultando no financiamento.



Figura 12: Máquinas usadas no be (2010)

Em concordância, as integrantes, presidente e tesoureira, em seus relatos quanto aos questionamentos feitos se elas já conseguem viver da produção do grupo, disseram não ter

ainda um mercado fixo, mas um mercado pequeno em função de contar com um determinado valor mensalmente. Se, contudo, as componentes se tornarem mais dinâmicas, procurando conquistar seu espaço, com foco na atividade de forma mais empreendedora, com certeza irão conseguir vender e obter uma renda que possa subsidiar sua sobrevivência no mercado.

O *Projeto Pérolas do Jarí* teve sua respectiva marca - representada por *uma menina usando um colar no pescoço* - desenvolvida por um *designer* que veio de São Paulo ministrar uma capacitação. Segundo a presidente, isto pode ser uma marca identificadora e representante da associação. O turista toda vez ao se dirigir às sementes que são trabalhadas na associação, diz que é o ouro da Amazônia.



Figura 13: logomarca da Amarte. Fonte: Folder Amarte (2008)

Primordialmente a marca⁴⁵ é um símbolo representativo de uma determinada oferta, representando uma identificação singular a um produto. Com a finalidade de personalizar um produto, a marca subdivide-se em nome, ou assinatura, a expressão que pode ser verbalizada, e o símbolo ou, logomarca, que não é verbalizada, mas apresenta enorme poder de identificação⁴⁶. A atividade artesanal da Amarte está assim representada pela própria essência de seu nome, onde a figura de uma boneca representa a mulher e sua feminilidade. Assim, a mensagem que se constrói por meio desta simbologia da Amarte pode ser concebida como *sua identidade visual*.

Ordenadamente a etapa inicial do processo de produção de biojóias começa pelo beneficiamento das sementes na AMARTE. Nesta ordem, o beneficiamento é realizado em uma pequena casa localizada na parte de trás da sede da associação. O início do processo dá-se, primeiramente, com a etapa de lixamento, que se limita em tratar as sementes *in natura* colocando-as em uma grande panela sobre uma mesa de madeira que funciona através de eletricidade.

⁴⁵ A marca atua como uma conexão simbólica entre uma organização, sua oferta e o mundo do consumo (PEREZ,2004).

Quando acionada começa a processar e lixar uma grande quantidade de sementes em um determinado período de tempo. Apenas uma associada desempenha esta tarefa, as demais não têm aptidão para comandar o trabalho inicial de beneficiamento das sementes. A preocupação do grupo é trabalhar em um clima de cooperação com o propósito de superar esta deficiência nas demais componentes do grupo.

Nesta ordem a organização do trabalho gira em torno de vários fatores como: a mão-de-obra que é envolvida na execução da confecção da peça; o tempo gasto para a sua produção e o material utilizado. Existe uma ficha técnica destas peças, onde estão colocadas todas as informações pertinentes à produção de cada uma, como o quem produziu; o tempo envolvido; o material utilizado; o número de lixas e cola para beneficiar as sementes e, finalmente, o levantamento de todos os gastos para que a peça fique pronta já com o preço de venda, baseado na relação custo-produção e percentual adotado para estabelecer o preço final para comercialização.

3.2.1 Processo de produção artesanal de biojóias da Associação de Mulheres Artesãs do Vale do Jarí

a) Beneficiamento das sementes

As sementes em seu estado natural são inicialmente lixadas em uma pequena casa que fica nos fundos da sede da associação, mais ou menos a uma distância de oito metros. Neste sentido a local onde ocorre o beneficiamento é proposital, uma vez que o processo de lixamento levanta uma enorme quantidade de poeira. No momento em que as sementes são lixadas, as associadas evitam permanecer naquele ambiente empoeirado, e para isto estabeleceram um tempo de vinte e cinco a trinta minutos para cada batida de três milheiros de sementes por vez.

⁴⁶ (COSTA & CRESCITELI,2003).



Figura 14 ó Local de lixamento das sementes do grupo Amarte. Fonte: Leão, Maria (2010)

No local de beneficiamento existem as sementes em seu estado natural acondicionada em sacos e os materiais adequados para a elaboração do processo de beneficiamento que foi estabelecido pelo grupo. Nem todas as associadas tem a preferência pelo trabalho, identificado como uma atividade de maior rejeição pelas componentes do grupo, porém o de fundamental importância para o início do processo de montagem das biojóias.

Sequencialmente as lixas utilizadas nas sementes na panela de lixamento obedecem uma ordem de numeração inicialmente partindo-se da lixa de número 50 (cinquenta), que emite um lixamento de baixa intensidade, a de número 180 (cento e oitenta), com uma intensidade mediana, assim como a de número 220 (duzentos e vinte), de intensidade mais elevada é a de número 360 (trezentos e sessenta), procedendo uma intensidade alta. Esta graduação de números representando a intensidade das lixas, significa que dependendo das sementes, será adotada uma numeração de lixas que resultará no tratamento dado às sementes transformando-as em uma superfície lisa com a finalidade de receber um bom tingimento na coloração de sementes.



Figura 15: Mesa com panela de lixamento de sementes e lixas usadas no processo de produção das biojóias da Amarte. Fonte: Leão, Maria (2010)

Caso as sementes saiam do processo de lixamento com aspectos inadequados para seguir no próximo passo, que significa que as sementes ainda contém na sua superfície algumas imperfeições e não estão bem lisas para o tingimento, elas voltam novamente para uma nova seção de lixamento. Nesta ordem a máquina de lixar as sementes tem o formato de uma grande panela em forma de madeira acoplada numa mesa com um orifício redondo onde é encaixada. A panela possui espaço suficiente para receber uma esfera de madeira colada com as lixas conforme sua numeração e seguindo o tempo de lixamento definido pelas associadas.

Todo o processo é feito na eletricidade através de um aparelho denominado ãinversorõ que transforma a energia da rua em corrente bifásica com uma carga suficiente para funcionar os equipamentos utilizados no beneficiamento das sementes denominadas por elas de máquinas artesanais de produção de biojóias. As máquinas foram produzidas por um cidadão que mora em Belém do Pará por nome de Max Girard que foi apresentado ao grupo através de um voluntário da Paróquia de Santo Antonio do Vale do Jarí que veio da Itália em 2005 e passou a trabalhar como voluntário da Igreja e na oportunidade conheceu o trabalho das mulheres que na época era todo manual e sem a ajuda de máquinas. O voluntário por nome de Mário prometeu que iria ajudá-las, e assim foi até Belém, que ao conhecer o artesão das máquinas, fotografou todo o maquinário que viu e levou ao município de Vitória do Jarí, mostrando a novidade às associadas.



Figura 16: Inversor que garante a transformação da eletricidade na casa de lixamento e o funcionamento do maquinário para o beneficiamento das sementes da Amarte. Fonte: Leão, Maria (2010)

Preferencialmente a numeração das lixas e sua intensidade de tratamento no processo de beneficiamento das sementes influencia diretamente no acabamento das sementes, após a primeira etapa de lixamento que é feita pela lixa de número 50 (cinquenta), as sementes são furadas uma a uma. O processo de furar as sementes é realizado em outra máquina específica para este fim. Essencialmente a perfuração das sementes influencia diretamente na montagem das peças, que deve ser realizada com cuidado, segundo as associadas, levando-se em consideração que uma semente com uma perfuração mal feita, irá comprometer a qualidade e beleza da peça final e conseqüentemente seu acabamento.



Figura 17: Perfuração de sementes por uma associada da Amarte. Fonte: Leão, Maria (2010).

As sementes de caraná (*mauritia*⁴⁷), açáí branco de Manaus (*Euterpe oleraceae* Mart.), paxiuba (*Socratea exorrhiza* Mart.), jupati (*Rhapis excelsa* (Thunb.) A.Henry ex Rehder), patauá (*Oenocarpus bataua* Mart.), olho de boi (*Dioclea violácea* Mart.ex.Benth), tucumã

⁴⁷ Catálogo de árvore do Brasil (1996)

(*Astrocaryum vulgare* Mart.) e inajá (*Maximiliana maripa* (Aublet) Drube) passam pelos quatro processos de lixamento, devido serem muito rugosas, segundo as associadas. As sementes de saboneteira (*Sapindus saponaria* L.), jatobá (*Hymenaea courbaril* L.)⁴⁸, jutai (*Hymenaea*)⁴⁹ e aturiá⁵⁰ (*Macherium lunatum* Ducke) passam somente na lixa de número 360 (trezentos e sessenta), com uma intensidade elevada, pois são sementes que já tem uma superfície mais lisa e não tanto rugosa sem que seja necessário um trabalho maior para beneficiá-las a fim de ser utilizada na perfuração e tingimento, indo diretamente para a montagem das peças.



Figura 18: Sementes de aturiá, olho de boi e caraná in natura, usadas pela Amarte.
Fonte: Leão, Cristina (2010)



Figura 19: Sementes de açai branco, paxiuba e Jatobá in natura, usadas pela Amarte.
Fonte: Leão, Maria (2010)

⁴⁸ Valle (2008), Nogueira (2008).

⁴⁹ Catálogo de árvore do Brasil (1996).

⁵⁰ Costa e Silva (2001)

Após o processo de lixamento as sementes são tingidas em uma panela fervendo com tintol⁵¹ no fogão industrial localizado na cozinha da associação. Dependendo do tom de coloração que se deseja dar às sementes, aumenta-se a dose de tintol que é usada para 5(cinco) milheiros de sementes. A marca do tintol também influencia na coloração final das sementes.

Após o tingimento, as sementes são levadas para secar no sol, o período de 3 a 4 dias é suficiente para se ter a semente ideal para dar início ao trabalho de confecção das peças. Quando vai se tingir a semente, já se sabe quais são as cores a serem utilizadas, pois há toda uma técnica envolvida em função de um aprendizado adquirido, através das experiências obtidas das misturas das cores de tintas, trabalha-se com várias opções de cores.



Figura 20: Processo de secagem de sementes em frente a sede da Associação da Amarte. Fonte: Leão, Cristina (2010)

b) Polimento das sementes

As sementes após a secagem voltam para a pequena casa de lixamento, com o propósito de passar por um novo processo chamado de polimento ou brilho de sementes. Para se obter um aspecto próprio para a montagem das biojóias, as sementes voltam para a panela de lixamento, que é uma panela de madeira acoplada em uma mesa de madeira com uma circunferência central na mesa, que tem a medida adequada para o encaixe da panela. A panela recebe uma esfera nesta etapa do processo que não contém nenhuma lixa, pois o processo de polimento, das sementes já tingidas e furadas, recebem algumas gotas de cera de carnaúba dentro da panela para finalizar o beneficiamento. A cera de carnaúba, segundo informação das associadas deve ser colocada em gotículas de pequena quantidade dentro da panela, o que irá contribuir para um brilho eficaz na peça final.

⁵¹ É uma coloração em pó industrializada e vendida em potes de plástico muito usada para tingir roupas em água fervente usando o fogão convencional doméstico.



Figura 21: Painel de lixamento e polimento, esfera de madeira sem a lixa e variedade de sementes após o polimento e tingimento das sementes. Fonte: Leão, Maria (2010).

c) Montagem das peças

Dentre os aspectos relevantes para a confecção das peças que deve se ter bastante cuidado, é a combinação de cores. A presidente explica que no momento que se for fazer uma peça deve-se adotar uma sequência de cores em vez de trabalhar de forma aleatória. A sequência de cores pensada de forma acertada juntamente com o desenho das biojóias passa a ter um sentido, pois diferentemente de outras peças feitas de qualquer jeito sem combinar as cores, tendo pouca aceitação na hora de comercializar as biojóias.



Figura 22: Associadas trabalhando. Fonte: Leão, Maria (2010).

As associadas usam também outros acessórios para a montagem de peças das biojóias. Os acessórios, são industrializados em forma de esferas, argolas, botões, fios coloridos e feixes de metal. Além destes acessórios, são usadas também na montagem das biojóias, peças com casca de coco em formato de botões e desenhos geométricos em várias cores.



Figura 23: Outros materiais que compõe as biojóias: madeirinha, casca de coco e fios para tecer a biojóia. Fonte: Leão, Maria (2010)

d) Processo de venda

Necessariamente processo de venda requereu um treinamento específico para a sua realização, porém nem todas as associadas apresentaram-se com habilidade para vendas. Segundo a presidente as associadas devem se dedicar também ao papel de vendedora, pois existem associadas que não consegue realizar a venda. Para a presidente a maioria não tem uma força de vontade de fazer a venda, pois muitas associadas não tem a persistência em aprender a concretizar a venda.

Nesta ordem as associadas estão sempre procurando participar de eventos no Estado e fora do Estado, elas entendem que seus compradores não se encontram no município, por perceberem que as biojóias tem um apelo artesanal e representativo da cultura local, despertando muito mais o interesse por aquelas pessoas que visitam o município e a Amazônia. Contudo o aeroporto de Monte Dourado, no município de Almerim (PA), também representa um outro canal de venda onde as associadas possuem um quiosque com as suas biojóias.

No aeroporto de Monte Dourado a venda é realizada pela tesoureira que vai ao domingo a tarde, quintas, sextas e terças-feiras, a venda no aeroporto é dada como certa segundo a tesoureira. Para o seu deslocamento, a tesoureira conta com uma deferência dos funcionários da Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária (Infraero) para seu transporte de 15 (quinze) minutos de Monte Dourado até o aeroporto. Segundo as integrantes, é fundamental manter o quiosque no aeroporto, este canal de vendas é mais uma possibilidade de sustentar a produção e o grupo. Segundo as integrantes da Amarte, a venda ocorre mais quando tem vôo, geralmente quem compra mais são os passageiros, as pessoas de lá não tem costume de comprar as peças.

Para a apresentação e oferta das biojóias, o grupo pensou também na criação da embalagem para conter o produto. Assim foi pensada uma embalagem saco, em formato padrão estabelecido pelo grupo, medindo 8cm (oito centímetros) de altura por 10cm (dez centímetros) de largura, com material de um tecido chamado tecido não tecido (TNT). Para a composição total da embalagem é utilizado um fio com duas pequenas sementes amarradas na extremidade do fio que são envolvidos no saco de TNT, com a finalidade de fazer o fechamento da embalagem.

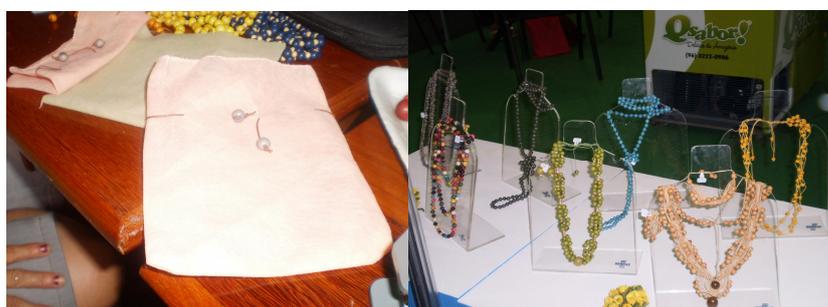


Figura 24: Embalagem produzida pelo grupo Amarte e biojóias em exposição na feira do empreendedor em novembro de 2009 no SEBRAE
Fonte: Leão, Maria (2010)

Apesar de todas as dificuldades vividas pelo grupo, as associadas sempre estão animadas com o trabalho que fazem e nunca pensaram em desistir. O aprendizado no grupo, surge de iniciativa própria, pois conjuntamente e diariamente é descoberta uma nova técnica, principalmente de acabamento, o grupo procura sempre se manter motivado em fazer isto. O acabamento é fundamental na peça. As pessoas deixam de levar a peça por causa de um acabamento mal feito, porém isto serve como uma crítica para o grupo, quando o cliente deixa de levar uma peça devido a um acabamento mal feito, deixando um caminho aberto para a concorrência explica a presidente.

Na visão do grupo os concorrentes são representados pelos outros artesãos e as lojas que vendem bijuterias industrializados. Não há temor da concorrência, pois o trabalho da associação é visto como de qualidade pelo grupo. A Fundação Orsa contratou o trabalho de pedagogas e psicólogas junto à Associação logo no início da criação da fundação, que faziam uma campanha junto a AMARTE quanto a trabalhar com a ideologia de que a Amarte só existiria se fosse desejo de todas. Este incentivo funcionou como um estímulo para a sobrevivência da associação.

Dentre as dificuldades relatadas pelo grupo em função do trabalho conjunto, a particularidade cotidiana da tesoureira do grupo serve de incentivo para as demais. A associação está sediada em Vitória do Jarí e a tesoureira mora em Laranjal do Jarí. Estes dois municípios estão geograficamente separados pelo rio Jarí. Diariamente, esta associada tem que se deslocar de um lugar ao outro, envolvendo um percurso desafiador de condução e custo com transporte, representado por catraia, moto taxi, balsa, ônibus e automóvel.

Na sequencia o trajeto segue o seguinte curso, inicialmente a tesoureira sai de sua residência, em busca de um táxi lotação, muito utilizado no município de Laranjal do Jarí, que é pago por pessoa. Ao chegar às margens do Rio Jarí, o próximo transporte é uma catraia, uma pequena embarcação muito utilizada para fazer a travessia das pessoas que residem no Laranjal do Jarí(AP) e que trabalham em Monte Dourado (PA). O percurso percorrido para travessia do Rio Jarí de catraia entre o Estado do Amapá e o Estado do Pará, tem a duração de 5(cinco) minutos. Chegando do lado do Pará em Monte Dourado, a tesoureira utiliza os serviços de um moto taxista que a leva até o terminal rodoviário, com a finalidade de pegar um ônibus que a conduza até Munguba (PA). Chegando às margens do Rio Munguba, será utilizada uma balsa cedida pelo governo do Estado do Amapá, para fazer o transporte das pessoas de Munguba (PA) até Vitória do Jarí (AP).

Dentre todas as adversidades vividas pela associação, muitos objetivos já foram alcançados, porém segundo a análise da presidente para que tenham o incentivo e fomento governamental será necessário realizar projetos que estejam organizados, õpois o próprio governo não vai dar nada para ninguém de graçaõ relata a presidente quando se refere ao aprendizado de elaborar projetos com a finalidade de conseguir recursos governamentais. Isto fez com que elas se organizassem. A troca de experiências no grupo gera também uma discussão existente que faz parte da organização do grupo, õpois se isto não existisse ficaria muito improdutivo trabalhar o conjuntoõ relatos comuns das associadas.

3.3 PROJETO PONTE PARA O FUTURO DA ESCOLA ESTADUAL DO IGARAPÉ DA FORTALEZA

A Escola Estadual Igarapé da Fortaleza (localizada às proximidades da ponte do Igarapé da Fortaleza, no município de Santana, segundo maior do Estado do Amapá, inaugurada em 2001) pertence à rede pública estadual e atende alunos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série), Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio. Portanto o projeto em pauta conta com apoio do Instituto Fundação Unibanco, um banco privado e tem como parceira a

Empresa Sambazon, uma empresa americana multinacional instalada no Igarapé da Fortaleza no município de Santana, que exporta açaí para os Estados Unidos da América (EUA). Na mesma ordem a Sambazon patrocinou a compra de algumas máquinas artesanais, que são utilizadas na confecção de biojóias nas atividades do projeto. Estrategicamente à localização geográfica da Escola, cujo entorno acolhe as bateadeiras de açaí e o fluxo das embarcações que vão e vêm com aviamentos e alimentos, propicia uma dinamização do comércio na região.



Figura 25: Escola onde funciona o projeto, professores coordenadores do projeto com os alunos e perfurando sementes. Fonte: Projeto Ponte Para o Futuro (2008)

Para que a metodologia de multiplicação do aprendizado, adotada no grupo em questão seja eficaz, faz-se necessário que o aluno adote a postura de monitor voluntário. Tornando-se importante a visão dos alunos em relação à produção de biojóias como sendo um trabalho de suporte à escola. Contudo a referida produção deve servir como estímulo para que estes jovens desenvolvam habilidades que lhes oportunizem uma forma de sustento. Segundo a abordagem dos professores envolvidos no projeto, para que esta possibilidade torne-se real, será essencial que os jovens construam seus objetivos, sob este foco, definindo, antes, o que pretendem como futuro para as suas vidas.



Figura 26: Alunos da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, na oficina de biojóias, exposição de peças e embalagens produzidas pelo grupo do projeto. Fonte: Projeto Ponte para o Futuro, (2008).

3.3.1 Processo de Produção artesanal das biojóias do Projeto Ponte para o Futuro

Sob o olhar da professora coordenadora do Projeto Ponte para o Futuro, o processo de produção estabelece uma relação de aprendizado conjunto, uma vez que o grupo de jovens envolvidos passa a exercitar habilidades de como se organizar para um empreendimento. Para a equipe do projeto, da escola foi importante se chegar a este processo de estruturação, que possibilitou aos professores e alunos do projeto a pensar e planejar ações com o propósito de tomar decisões e definir um processo de produção de biojóias iniciando pela coleta das sementes, beneficiamento e comercialização das peças.

O processo de beneficiamento de sementes para confecção de biojóias acontece nas instalações da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, local das atividades desenvolvidas no projeto. Inicialmente é realizada a coleta das sementes a qual é feita em grupo através de um estudo do meio⁵², assim definido pelos professores do projeto. Neste contexto o estudo do meio é realizado pelos alunos da escola no entorno da escola ou de forma individual, ocorre quando, os alunos entram em contato com os donos de bateadeira de açaí no próprio Bairro Igarapé da Fortaleza e solicitam a doação das sementes de açaí retiradas ao término da extração do sumo ou vinho de açaí, como é popularmente conhecido nas redondezas da comunidade próxima da escola.



Figura 27: Sala da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, onde ocorrem as oficinas de biojóias e alunos nas redondezas da escola realizando o estudo do meio. Fonte: Leão, Maria (2010) & Projeto Ponte para o Futuro (2009).

No decorrer do percurso dos alunos no estudo do meio é possível coletar diversas sementes de forma sustentável, assim vista pela professora coordenadora do projeto sem prejudicar o meio ambiente, pois as sementes são coletadas do chão ou às margens dos igarapés. Além da semente do açaí é possível coletar sementes de tucumã (*Astrocaryum*

⁵² Metodologia de pesquisa usada na escola para levar o aluno a fazer a coleta de dados primários no local a ser

vulgare Mart.), buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.), bacaba (*Oenocarpus bistichus*) e bacabi (*Oenocarpus bacaba*⁵³). As sementes de olho de boi (*Dioclea violácea* Mart. ex. Benth), patauá (*Oenocarpus bataua* Mart.), paxiúba (*Socratea exorrhiza* Mart.⁵⁴) e inajá (*Maximiliana maripa* (Aublet) Drube) são doadas por pais de alunos que viajam aos interiores do Estado do Amapá e trazem essas variedades de sementes para serem aproveitadas no projeto.

a) Lavagem e secagem das sementes de açaí

Posterior ao processo de coleta das sementes é realizado o processo lavagem e secagem, sendo que as sementes de açaí são as únicas sementes que são secas à sombra, pois se colocadas ao sol elas racham ou enrugam, e conseqüentemente resultando em sementes que não formarão um peça adequada para comercialização. A semente de açaí demora de dois a três dias para secar depois de coletada nas bateadeiras de açaí. Antes de secar à sombra as sementes são lavadas e passadas em uma espécie de escorredor ou peneira feita em tela para ser retirada a õborra de açaí. As demais sementes secam ao sol pelo mesmo período (dois a três dias).



Figura 28: Escorredor ou peneira de açaí, gabarito para uniformizar as sementes, sementes de açaí local sem corante e sementes de açaí tingidas, após secagem. Fonte: Leão, Maria (2010) & Projeto Ponte Para o Futuro (2009)

Desta forma as sementes de açaí, após a secagem são armazenadas em pequenos cestos feitos de cipó titica e em seguida passam por um processo de seleção por tamanhos, realizado em uma peneira retangular com a finalidade de contribuir para a separação das sementes maiores das menores, facilitando assim o trabalho dos alunos na hora de

estudado.

⁵³ Catálogo de árvore do Brasil (1996).

⁵⁴ Valle (2008), Nogueira (2008).

confeccionar as biojóias. Após a seleção por tamanho, as sementes retornam para os cestos para posteriormente passarem para a etapa de lixamento.

b) Lixamento das sementes

Em seguida o processo de lixamento ocorre em uma máquina chamada de rola-rola, sendo que o projeto possui máquinas pequenas que lixam cerca de 250 gramas de sementes em cada 5 minutos e uma máquina grande capaz de lixar 1kg de sementes em cada 5 minutos. Este processo causa excesso de pó, por isso os alunos e professores usam máscaras descartáveis. A sala do projeto não é adequada para a realização desta atividade, mas através de parceria com empresas locais, o projeto receberá uma nova sala ainda no primeiro semestre de 2011, informa a professora.



Figura 29: Painela de lixamento, máquina de Rola-rola e ferramentas usadas para beneficiar sementes no Projeto Ponte para o Futuro. Fonte: Leão, Maria (2010).

Há uma diferença entre as sementes de açaí para a confecção de biojóias que os componentes do projeto identificaram da seguinte forma, de açaí mal lixado e o bem lixado, sendo que as sementes utilizadas pelo grupo são as sementes do açaí regional conhecido como *Euterpe Olerácea* e que dá em touceiras de 4 à 8 estipes ou caules, ou seja, açaí típico da região de várzea da Amazônia. Desta forma o tingimento destas sementes não atinge um bom resultado, a tinta usada resseca muito as sementes, porém os coordenadores do projeto juntamente com os alunos estão realizando inúmeras experiências com o objetivo de possibilitar um efeito visual diferente e melhorado para as sementes do açaí regional.

c) Seleção e tingimento de sementes

Com base nestas especificidades, o tingimento do açaí conhecido como Jussara e do açaí rajado, que são as sementes típicas do Acre e encontradas com abundância nas feiras de artesanato em Belém e Manaus é bem mais fácil de ser feito, explica a coordenadora do projeto, por conseguinte as sementes podem ser secas ao sol e tingidas com tinto⁵⁵ nas cores mais variadas possíveis. Em todo caso a semente do açaí regional só atinge um melhor resultado se ficar em seu aspecto natural sendo apenas polida com a cera de carnaúba.

Geralmente as demais sementes não são tingidas com produtos industrializados, todavia o grupo tem como objetivo uma produção mais rústica e natural, apresentando uma característica própria, aproveitando ao máximo as sementes em seu estado natural. Como a produção de biojóias tornou-se um comércio bastante explorado em todos os Estados Brasileiros, é importante na visão da equipe de gestão do projeto estabelecer uma identidade visual e característica da semente em seu estado natural, portanto o grupo toma como princípio destacar nas peças um aspecto mais rústico com o propósito de se diferenciar das demais peças produzidas por outros grupos locais.

Desta forma as sementes que recebem tingimento passam por um novo processo de secagem e recebem posteriormente um tratamento com repelente a base de óleos essenciais, resultado de uma série de pesquisa do grupo através da internet e contatos com artesãos e *designers* de outros estados brasileiros. Os óleos utilizados pelo grupo são copaíba (*copaifera multijulga*), andiroba (*Carapa guianensis*)⁵⁶, citronela (*citriodora*) e eucalipto (*eucalyptus citriodora*)⁵⁷ devido a ação repelente desses óleos, a qual pode ampliar a durabilidade das biojóias, pois as sementes ficam protegidas de insetos broqueadores de sementes.

Em seguida as sementes que são mantidas em seu estado natural recebem o mesmo tratamento das sementes tingidas, passando pelo polimento em uma máquina específica, forrada com carpete. Nesta ordem o polimento é feito com cera de carnaúba, a qual é comprada pelo grupo em Belém, visto que não é encontrada no Amapá e quando é encontrada a mesma é vendida por um preço bastante elevado. Na análise da coordenadora do projeto, o tratamento das sementes é dispendioso, no entanto os óleos são encontrados em cabanas de umbanda ou de materiais místicos. Destaca como exemplo que um vidro de óleo de citronela contendo 10 ml custa cerca de R\$ 10,00 (dez reais) e dificilmente é encontrado em Macapá.

⁵⁵ Marca comercial conhecida de um pigmento industrializado ofertado com variadas configurações de cores que funcionam como tingimento de roupas e encontra-se a venda em vários estabelecimentos comerciais no país.

⁵⁶ Informativo Técnico Rede de Sementes da Amazônia (UFAM-2003).

Caso as sementes não sejam tratadas desta forma, elas criam brocas e se deterioram com facilidade. Desta forma o grupo afirma ser essa uma das dificuldades em se trabalhar com biojóias no Estado do Amapá, pois o custo de produção é alto e a maioria das pessoas não valorizam o trabalho, pois se baseiam nos preços das biojóias do Pará e Manaus, sendo bem mais atrativas junto ao consumo. Porém as pessoas desconhecem todo o processo de beneficiamento das sementes no Amapá, sem levar em consideração que cada Estado tem suas peculiaridades e que as peças se tornam mais caras quando são únicas (exclusivas), segundo os relatos da professora.

4 GESTÃO INSTITUCIONAL PARA O ARTESANATO LOCAL

Constatando-se referidos encaminhamentos, analisou-se que os dois universos de sujeitos representados pelos grupos de artesãos bem como os responsáveis pelos órgãos de governos, a intenção de ambos desejarem a possibilidade de obter e promover a possibilidade de um sustento com a produção artesanal da biojóia. Contudo os artesãos esperam por parte dos órgãos gestores as diretrizes políticas no que diz respeito a fomentar a sua atividade artesanal, e em contra partida os gestores esperam mais empenho dos artesãos em responder às ações que existem para os artesãos naquele órgão ao afirmarem que os artesãos ainda não vêem o artesanato como atividade principal, apenas como passamento.

A criação da Fundação Estadual de Cultura no Estado do Amapá (FUNDECAP), através da Lei de nº 0101, de 02 de setembro de 1993, publicada no Diário Oficial do Estado nº 0664, de 03.09.93 constituiu a gestão pública cultural na cidade de Macapá que viabilizou estruturar uma ordenação de diretrizes no que diz respeito aos segmentados culturais representados por entidades públicas locais para se difundir a cultura do Estado do Amapá.

Em 2007 por força do Decreto - lei nº 1.073 de 02 de abril de 2007 foi criada a Secretaria de Estado da Cultura do Amapá (SECULT), em substituição à Fundação Estadual de Cultura do Amapá (FUNDECAP), que segundo as diretrizes do governo à época, o órgão substituto traz a proposta de dinamizar as ações culturais no Estado, através de uma nova estrutura organizacional formuladora e organizadora da política cultural no Amapá.

A Casa do Artesão é um local onde são ofertados os produtos do artesanato local dos artesãos que são cadastrados na Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo de forma mais específica abriga e organiza a gestão da produção dos artesãos no Estado do Amapá. O

⁵⁷ Catálogo de árvore do Brasil (1996).

conjunto de peças artesanais que representam uma variedade de segmentos locais, da arte advinda do trabalho manual compõem-se de objetos de madeira (MDF, aglomerados e compensados), tecido, cipó titica, juta, linhas, sementes⁵⁸ e outros que estão em exposição na casa que encontra-se localizada em frente a Beira-Rio, local denominado pela gestão urbana municipal e assim conhecido pela população na frente da cidade de Macapá.



Figura 30: Casa do artesão em Macapá, localizada no Complexo Beira Rio na Orla de Macapá

Fonte: Apresentação slides pontos turísticos de Macapá (2009)

O Sistema Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE/AP), também adota uma política voltada para o desenvolvimento do artesanato local, seguindo as diretrizes do SEBRAE nacional. A gestão do artesanato no SEBRAE/AP, é direcionada pelo SEBRAE nacional por intermédio do sistema de gestão orientada para resultados, que utiliza uma metodologia própria denominada de projetos finalísticos, com um tempo de duração, um público-alvo a ser atingido e um território⁵⁹ de atuação, sendo trabalhada desde de 2008 com ênfase no artesanato local.

⁵⁸ **MDF:** Um painel de fibras de madeira de densidade média, sendo sua composição homogênea em toda a sua superfície como em seu interior. **Tecidos Químicos** ó são produzidos a partir de transformações químicas de materiais e são divididos em artificiais e sintéticos. **Artificiais** - produzidas a partir da celulose, substância fibrosa encontrada na pasta de madeira ou no linter de algodão, daí serem também conhecidas por fibras celulósicas. As fibras artificiais mais conhecidas são viscose, o rayon, acetato e triacetato. **Sintéticas** - São fibras obtidas através de síntese química a partir do petróleo, sendo as mais usuais: poliéster (tergal), polipropileno, a poliamida (nylon), acrílica (dracon), elastano (lycra); **Cipó titica:** *Araceae, Heteropsis* sp. Fibra fina, chata e forte usada para produção de paneiros, vassouras, aturá e jamaxi; **Juta:** Designação comum às plantas do gênero *Corchorus*, da família das tiliáceas, de que se extrai a fibra têxtil do mesmo nome. **Linhas:** Fio de fibras torcidas de tinho para costuras, bordados, rendas e etc. feitos por algodão. **Sementes:** Estrutura formada a partir do ovulo fecundado dos plantas. (MDIC/PAB/2008).

⁵⁹ A definição de território adotada é utilizada pelo SEBRAE com a finalidade de se referir à área em que será aplicado e desenvolvido o projeto finalístico.

4.1 GESTÃO DO PRODUTO DO ARTESANATO NO SISTEMA BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS Ó SEBRAE/AP

Em conformidade com a gestão desenvolvida pelo SEBRAE nacional aos estados brasileiros com fins de fomentar a atividade artesanal, através da metodologia dos projetos finalísticos, são definidas as localidades e comunidades a serem trabalhadas, as matérias-primas naturais utilizadas pelos grupos de artesãos, com a finalidade de melhorar a produção artesanal, a gestão da atividade e o processo de exposição e comercialização das peças.

Sendo assim os territórios definidos pelo SEBRAE no Estado do Amapá para a atuação do projeto finalístico foi Macapá, Maruanum e Mazagão no período de 2006 a 2010. Nesta ordem o referido projeto finalístico foi intitulado como "Amapá feito a mão". Na mesma ordem de importância o público-alvo escolhido foi com baseado nas tipologias⁶⁰ de trabalho representado pelas: fibra, semente, madeira e cerâmica. Anualmente definem-se as ações a serem trabalhadas para o público-alvo em questão, sendo estabelecidas as prioridades, levantadas com o propósito de organizar as ações necessárias. Realizado o levantamento das prioridades existentes nos grupos de trabalho em conformidade com sua tipologia, o recurso financeiro do projeto é desembolsado para suprir tais necessidades.

Após a etapa de identificação das prioridades, é definido o plano de ação adotado para dinamizar a execução dos "Projetos Finalísticos" do SEBRAE/AP. Para o acompanhamento eficaz do trabalho dos artesãos são adotados instrumentos de análises que funcionam como sinalizações definidas pelas metodologias e simbologias instrumentalizadas pelo sistema SEBRAE nacional. Esquemáticamente as sinalizações de acompanhamento dos projetos finalísticos são representadas por cores. Cada cor irá identificar o processo de evolução e andamento dos projetos existentes quanto ao desempenho das comunidades em cada território de atuação.

Este método de avaliação da gestão do artesanato do SEBRAE nacional para o desenvolvimento dos projetos finalísticos é aplicado da seguinte forma para acompanhar o desempenho dos grupos de artesãos: a) durante a fiscalização, se o projeto receber um sinal "verde" significa que a ação ainda não se iniciou, caso seja um sinal "azul", refere-se a ação que já foi concluída, e caso receba um sinal "vermelho" é porque a ação está com algum problema em sua execução ou começo.

⁶⁰ Denominação dada ao segmento da produção artesanal, que determina a classificação por gênero, utilizando como referência a matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade (PAB,2008).

Segundo a coordenadora do artesanato no SEBRAE/AP, os projetos de artesanato no órgão já são trabalhados há algum tempo, porém os projetos mencionados eram executados de forma aleatória, o que ela designou como demandas espontâneas. Anteriormente, explica a gestora, que as referidas demandas espontâneas surgiam através de comunidades que iam a procura do SEBRAE/AP, e em conformidade com às necessidades existentes das comunidades, os procedimentos por parte do órgão era atender aos grupos, sem que com isso existissem metodologias, sistemas ou mesmo acompanhamentos adequados.

Desde de 2006 o SEBRAE/AP passou a adotar uma política mais eficaz para o artesanato local, através de estudos e pesquisas quanto a definir uma identidade cultural para o artesanato do lugar que ficou definida como Maracá⁶¹ e Cunani⁶². A iniciativa de reconhecer a identidade cultural para o artesanato do Amapá, foi uma forma de separar do artesanato do Pará, muitas das vezes confundido com o artesanato do Amapá, descaracterizando os produtos artesanais do Amapá, segundo informações da gestora do SEBRAE/AP. Esta análise sugeriu um estudo que buscou definir uma identidade para o Estado do Amapá, bem como a definição de quais iconografias⁶³ deveriam ser adotadas nas peças de cerâmicas, biojóias e madeira para representar o artesanato local.

Contudo o projeto finalístico do Amapá feito a mão-obra surgiu com a metodologia de Gestão Orientada - GO do SEBRAE nacional desde 2008 com prazo de duração até 2010. As informações a respeito da renovação, reformulação ou adaptação de um novo projeto, vão depender se economicamente será viável para o movimento do setor, informa a gestora do SEBRAE/AP. Isto se dará de forma a repensar todo um conjunto de territórios, públicos-alvos, nova denominação e definição de novos segmentos a serem trabalhados em função das variedades de madeiras, cerâmicas e sementes.

Desta forma a preocupação existente do SEBRAE/AP é com as necessidades da demanda de consumo sendo um elemento fundamental, pois apesar de entender da importância em se adotar uma identidade local Maracá e Cunani, não havendo mercado para o artesanato, fica inviável investir comercialmente. Seguindo estes encaminhamentos, as biojóias de acordo com as análises da gestão do artesanato local passaram a ser misturadas

⁶¹ Rio do Estado do Amapá pequeno afluente da margem esquerda do Rio Amazonas, localizado na Região Sudeste no Estado do Amapá, no Município de Mazagão; fases de povoamento no Estado do Amapá que corresponde a uma sequência cronológica. (SEBRAE/AP 2006).

⁶² Vila localizada no Município de Calçoene no norte do Amapá, que possui importância histórica significativa para o Estado. (SEBRAE/AP 2006).

⁶³ Arte de representar por meio de imagem; conhecimento e descrição de imagem; documento visual que constitui e completa obra de referência e/ou de caráter biográfico, histórico, geográfico, etc. (Novo dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 1986).

entre sementes, pedras, metais e produtos industrializados, tornando a peça mais comercializável.



Figura 31: Grafismos Maracá e Cunani. Fonte: SEBRAE/AP (2006)

Estas descobertas se deram ao longo do desenvolvimento do projeto Amapá feito à mão que através do cadastramento dos artesãos por habilidades artesanais foram se formando os grupos e suas respectivas necessidades. As deficiências mais visíveis giravam em torno do beneficiamento das sementes, das fibras e da criatividade no desenho das peças. Após este mapeamento foram adotadas todas as ações que seriam desenvolvidas nos territórios juntamente com o público alvo deste território.

Geralmente a dificuldade identificada no trabalho do artesão no ato da confecção da peça é no aspecto tecnológico, assim definido pela gestora do artesanato no SEBRAE/AP. Nesta ordem as deficiências tecnológicas estão no fato da imperfeição no acabamento da peça, *design*, qualidade, tamanho da peça, variedade de peças e modelos. Esta análise promoveu intervenções junto a todos os grupos envolvidos no projeto Amapá feito à mão. As intervenções assim definidas pelo SEBRAE/AP ocorrem em forma de oficinas, capacitações tecnológicas, cursos de *design*, técnicas para cerâmica, confecção de bijóias em novos formatos e peças, combinação de cores e capacitação na gestão da comercialização das peças.

Outro aspecto identificado como ponto fraco junto aos artesãos no decorrer do projeto foi o desconhecimento de gerir o negócio e com isso obter renda para seu sustento. Não é suficiente, somente o aprendizado das técnicas e outros aspectos referentes a sua confecção, a atividade precisa ser conduzida de forma organizada. Segundo os relatos da gestora, os artesãos produzem suas peças em casa, muitas das vezes misturando questões domésticas com o fazer artesanal, pois os mesmos não conseguem diferenciar os ambientes de forma organizada. Quanto a comercialização das peças, que é o grande gargalo, é outra questão a ser

resolvida que passou a ser uma preocupação maior do SEBRAE, quanto a estudar quais canais de distribuição⁶⁴ são melhores para os artesãos escoarem os artigos produzidos.

Para questões desta natureza é necessário um complexo de opções a fim de tornar a oferta o mais abrangente possível. Sob esta ótica o SEBRAE passou a trabalhar com participação em feiras fora do Estado, feiras locais e atualmente para o ano de 2010 pretende desenvolver parcerias com hotéis e restaurantes. Com a finalidade de seguir neste caminho mais especificamente no segmento hoteleiro, o SEBRAE/AP está promovendo a tematização de ambiente em dois hotéis com o artesanato local em Macapá(AP). O objetivo é promover no espaço de circulação do hotel um ambiente onde o hospede, seja turista ou para negócios sinta-se mais próximo do souvenir⁶⁵ e adquira as peças no próprio hotel. Esta será uma alternativa para escoar a produção das peças artesanais.

Ao término do projeto previsto para o final de 2010, os artesãos serão desligados, porém com possibilidades de acompanhamento periódico. Ao descrever o perfil dos artesãos locais em sua maioria, destaca a gestora do SEBRAE/AP indica que o artesanato com sementes para estes representa um complemento de renda, pois não vêem o artesanato como um empreendimento que possa lhes possibilitar uma renda contínua. Este espírito empreendedor ainda não reside na figura do artesão, pois ele praticamente procura a atividade por estar sem fazer nada e passa a encará-la como um ganho extra na renda familiar.

Este perfil identificado pelo SEBRAE/AP na figura do artesão do projeto tem sido uma preocupação a mais na entidade, que muitas das vezes dificulta um avanço melhor no projeto, pois são pessoas identificadas com baixo nível de escolaridade e baixo nível de renda familiar e que vários aspectos precisam ser trabalhados paralelamente as metodologias desenvolvidas no projeto. Em função deste cenário o órgão disponibiliza todas as ferramentas e metodologias de aprendizado com ênfase no artesanato identificado por tipologia, fazendo com que este artesão desembolse o mínimo de dinheiro possível.

Para que o SEBRAE/AP inscreva o grupo de artesãos no projeto é importante que este faça parte de alguma entidade formalmente constituída, isto facilita o acompanhamento

⁶⁴ Caminho que os produtos seguem do produtor até às mãos do consumidor final (LAS CASAS 2004).

⁶⁵ Objeto característico de um lugar, vendido como lembranças a viajantes, especialmente a turistas. (Novo dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 1986). Objetos representativos de uma região ou evento, adquiridos ou distribuídos com a finalidade de preservar, resgatar memórias e presentear. A aquisição ou distribuição de lembranças/souvenir é prática comum em várias culturas. Sua confecção e comercialização constituem atividade econômica com interface nos setores turístico e de serviços, principalmente os relativos à promoção de eventos. Os artesanatos com identidade cultural são os mais demandados, em geral são pequenos objetos com aplicação de temas regionais, reprodução de obras de arte, miniaturas de monumentos antigos, entre Outros (MDIC/PAB/2008).

estabelecido pelo SEBRAE/AP para a realização do projeto. A qualquer tempo os grupos inscritos podem se desligar do projeto, desde que oficializem seu desligamento através de documentação constante no projeto. A cada grupo de artesãos que é capitaneado pelo SEBRAE/AP, pergunta-se aos seus componentes sobre quais seriam os objetivos deles a serem alcançados em um período de 3 (três) anos, a partir das respostas já se pode ter uma impressão prévia das perspectivas de cada grupo e como trabalhá-las .

Estes estudos são executadas através de empresas de pesquisas contratadas pelo SEBRAE nacional que aplicam os questionários junto ao público alvo para conhecer a realidade do resultado do projeto. Após a efetivação da pesquisa e diante das prioridades que o SEBRAE nacional sinalizou, são apresentados os resultados para a diretoria. Este instrumento segundo a gestora do artesanato é uma forma de justificar o investimento feito pelo SEBRAE nacional em projetos desta natureza.

Para estudar e analisar se os projetos finalísticos adotados pelo SEBRAE nacional em razão de verificar se os resultados esperados foram alcançados, são desenvolvidas todas as ações ao longo do projeto que dizem respeito a comercialização, melhoramento no processo produtivo e número de peças produzidas. Paralelamente o SEBRAE nacional inicialmente mensura este desenvolvimento através de uma pesquisa chamada de T0⁶⁶ que é uma panorâmica, de saber como o grupo está se desenvolvendo. Em seguida é feita a pesquisa a partir de 6 (seis) meses denominada T1, para verificar o que o grupo avançou do início até situação atual, depois de mais 6 meses é colocada em prática a T2 continuação da pesquisa e finalmente a TF para ver o que o grupo evoluiu ao término do projeto. O T⁰ significa o tempo que é acompanhado através de uma sequência numeral.

Alguns questionamentos necessários, são feitos pelos responsáveis na gestão do artesanato no SEBRAE/AP, como: o que poderá realmente movimentar o artesanato do lugar? O que será levado em consideração para se trabalhar este movimento? As manualidades? A marca? O ponto de oferta? A visão empreendedora dos artesãos? Eles tem conhecimento do que realmente significa empreender? Estes questionamentos subsidiarão as análises efetivadas em torno dos projetos futuros para o artesanato na gestão do SEBRAE/AP de acordo com os responsáveis.

Para os artesãos que trabalham com as sementes, a grande dificuldade é exatamente a oferta da matéria-prima, pois segundo o SEBRAE/AP estes artesãos que estão inscritos no projeto em sua maioria não adquirem a matéria prima através da coleta das sementes, eles

⁶⁶ T se refere a tempo, e o numeral ao lado da letra se refere as etapas alcançadas. Informações da gestora do SEBRAE.

compram de algumas pessoas que comercializam as sementes em Macapá, e isto encarece as peças para muitos grupos inscritos.

Com a finalidade de acompanhar mais de perto o trabalho do artesanato no Estado, o SEBRAE/AP contratou o trabalho de um designer.

4.1.1 Trabalho de design do SEBRAE/AP com ênfase no artesanato local

Ainda se tratando dos contextos que são desenhados em função das relações entre grupos de artesãos e entidades governamentais surgem insatisfações de ambas as partes. Primeiramente sob o olhar de alguns profissionais que constituem os referidos órgãos, dentre eles um *designer* contratado pelo SEBRAE/AP que relata uma realidade vista em Macapá em 2001 do artesanato local definida como desorganizada. Nesta ordem, a referência a época na análise do *designer* era a casa do artesão, observando que as peças artesanais eram expostas em prateleiras, e não se sabia ao certo o que significava cada peça, respectivamente o material que foi utilizado para a confecção da peça, quem produziu a peça, concluindo que esta era uma forma desorganizada de trabalhar o artesanato local.

Neste sentido o trabalho que era produzido pelo artesão da madeira, era somente com madeira, e o da semente só com semente, praticamente enfileirada envolvida no cordão. Não havia uma referência, uma identidade que pudesse diferenciar de outros Estados do artesanato local. Decidiu-se então por parte do SEBRAE/AP, fazer um chamamento de todos os artesãos na época a fim de proporcionar o trabalho da grande mistura, assim definido pelo designer, fazendo com que a fibra entrasse na madeira, a madeira se misturasse com as sementes e assim sucessivamente.

Outro fato relevante, aconteceu em maio de 2002 quando na oportunidade o artesanato do Amapá se fez presente na FEIARTE, em Curitiba uma feira internacional de artesanato, e neste momento foi percebida a importância de diferenciar os produtos do Amapá, principalmente em relação ao Pará. Esta confusão acontecia devido os artesãos do Pará terem vindo para o Estado do Amapá, trazendo consigo a referência de seu artesanato Marajoara para o artesanato do Amapá na década de 1980. Esta situação causava uma confusão na feira quanto às peças de cerâmicas produzidas no Amapá, que constantemente eram confundidas com as peças do Pará, que ao chegar o visitante ao estande do Amapá na FEIARTE, logo perguntavam se as peças eram do Estado do Pará.

Após as situações identificadas, em janeiro de 2002, o SEBRAE/AP passou a dedicar a condução do trabalho do artesanato local com o objetivo de tornar o artesanato

esteticamente melhor, mais apresentável e também explorar a diversidade das tipologias como a fibra, semente, cerâmica, cipó títica e produtos de madeira. Foi realizada então a primeira oficina em Junho de 2002 promovida pelo SEBRAE/AP, que teve como direcionamento fazer uma grande mistura de todo o material que compunha o artesanato no Estado do Amapá, a madeira com a semente, a cerâmica com o cipó, as fibras com as sementes e fios dentre outras combinações possíveis e atrativas comercialmente.

Sucessivamente começou-se a trabalhar a inovação dos produtos, através da realização de uma exposição em 2003 no equinócio que aconteceu no SEBRAE/AP, onde o foco era basicamente só a madeira, a fibra e a semente ainda não haviam sido trabalhadas. Esta exposição concretizou a apresentação de um trabalho específico de designer a ser mostrado para as pessoas no Estado. O ano de 2004, para o SEBRAE/AP, representou a maturidade do artesanato do Amapá quando se identificaram as tipologias, as identidades através das iconografias e os artesãos com suas habilidades e particularidades.

Foi dada a devida importância de uma identidade própria e que representasse o Estado do Amapá, resultando no resgate Maracá e Cunani. Deste legado passou-se a trabalhar junto ao artesão da cerâmica inicialmente as iconografias Maracá e Cunani, assim como era trabalhada a Marajoara em Belém do Pará. Necessariamente foi pensado e elaborado um projeto que durante três anos estudou-se através do SEBRAE/AP a identidade Maracá e Cunani, sendo colocado em prática em 2005, culminando em 2006 com a criação do manual de iconografia Maracá e Cunani, e publicado em 2007 no Estado.

Em conformidade com as análises do designer contratado pelo SEBRAE, pode-se registrar segundo ele que de 2006 até 2009 as biojóias não são só sementes elas estão incorporadas em uma cultura que representa uma identidade local no Estado, elas fazem parte de um complemento da divulgação da cultura local. Porém, apesar do salto que o artesanato deu com todo este trabalho, segundo o designer, ainda existem alguns inconvenientes que é a dificuldade tecnológica, de capital de giro, chão de fábrica e falta de visão empresarial dos artesãos.

Se não for trabalhada a organização e a visão empresarial, os artesãos irão recuar ao que era antes, pois nada adianta se trabalhar a técnica, a estética, a tecnologia, se a organização do trabalho executado não for desenvolvida. Tudo faz parte do conjunto. Contudo percebe-se que precisa ser trabalhada toda uma cadeia de fatores que interfere no resultado do produto. Ainda sob suas análises, a respeito do artesanato local frente as peças produzidas, o que se observa é a evolução da qualidade do produto, a identidade ainda está sendo colocada meio que desconexa, sendo que esta identidade deve ser certificada dentro do

conjunto, trabalhando a embalagem, a logística do produto e outros fatores relevantes a atividade artesanal local.

Nesta ordem, há um certo descontrole, ou ainda existe uma falta de orientação, a respeito de como dever ser a gestão da marca Maracá e Cunani, caso isto não aconteça, as pessoas começarão a colocar a venda das peças no poste, na calçada e ai é criada uma descaracterização ocasionando a poluição visual das peças, a exemplo do que está acontecendo em Belém. Conseqüentemente a ausência da gestão da marca prejudica o avanço no trabalho, contribuindo assim para a poluição visual. Saber comercializar a marca, seja em um quiosque no aeroporto ou em uma feira livre na praça, porém com todo um padrão de referência favorecendo a marca Maracá e Cunani.

As instituições que gerenciam o artesanato local é que deverão se unir para poder promover esta organização, pois o artesão ainda está deslocado do contexto da cultura artesanal, contudo o mesmo não tem culpa, pois o que lhe foi repassado não comporta uma informação abrangente, preocupou-se através da gestão apenas em repassar o manual das marcas ofertado pelo SEBRA/AP. Preferencialmente o material que pode acompanhar este produto deve constituir-se de panfletos e outros acessórios que ajudem-no a contar a história do seu artesanato, chamado pelo designer de padrão informativo.

O artesanato ao envolver um conjunto de pessoas, também traz consigo questões culturais relevantes, com o meio social contido. O artesanato de raiz é um exemplo típico desta relação e que segundo as explicações do designer é aquele que tem uma história que identifica a comunidade que o desenvolve, possuindo valor simbólico e identidade cultural, este foi identificado no grupo da Associação de Artesãos do Quilombo Artes Tapuia que passou por capacitações pelo SEBRAE/AP desde 2002 até 2006 e por motivos particulares de sua representante e sua equipe de associados decidiu se desligar do SEBRAE/AP não atendendo mais as diretrizes do órgão.

Seguramente as instituições devem pensar coordenadamente as ações e chegar a este objetivo, organizar e gerenciar as marcas Maracá e Cunani a vista disso o artesão tem-se empenhado, produzindo o produto e adotando técnicas, porém se o mesmo através de ações ordenadas receber de forma correta os direcionamentos da gestão do negócio do artesanato haverá mais resultados. Concomitantemente deve haver todo um conjunto de informações, para que o artesão possa fazer o produto dentro de uma gestão eficaz.

4.2 GESTÃO DO PRODUTO DO ARTESANATO NA SECRETARIA ESTADUAL DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO - SETE

Como órgão fomentador do empreendedorismo no Estado do Amapá, a Coordenadoria do Empreendedorismo na Secretaria de trabalho e empreendedorismo do Estado (SETE) coordena o Núcleo de artesanato e produção familiar, tendo como missão:

Formular, elaborar, promover e coordenar a execução de políticas públicas e ações de empreendedorismo; Apoiar e incentivar as atividades de geração de renda formais e informais, aos trabalhadores autônomos e às micro e pequenas empresas, através do Núcleo de Artesanato e Produção Familiar que Visa promover e desenvolver o potencial da produção artesanal e familiar, a fim de preservar e difundir os aspectos artísticos e culturais do Estado do Amapá; Promover o desenvolvimento e fortalecimento do artesanato e da economia familiar ; Preservar, promover e difundir os aspectos artísticos e culturais do artesanato amapaense; Assessoramento técnico, tecnológico e gerencial aos artesão (GEA/SETE/2010).

Segundo informações da responsável pelo Núcleo de artesanato e produção familiar desde 2008, a finalidade da coordenadoria do artesanato na secretaria é fomentar o artesanato local. Anteriormente, informa a gerente do Núcleo, a secretaria era denominada de Secretaria de trabalho e cidadania (SETRACI), sendo que ao longo do tempo houve um desmembramento no órgão, que resultou em dois órgãos distintos da seguinte forma: a Secretaria de Inclusão social (SIS) e a Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (SETE) esta última, adotando uma política de trabalho e de empreendedorismo com vias de tratar o artesanato como política geradora de renda, aos grupos de artesãos cadastrados.

Essencialmente a política de artesanato que a Secretaria desenvolve já existe há 8 (oito) anos, sendo uma continuidade da SETRACI, visto que a data de criação da SETE aconteceu em 03 de Janeiro de 2005 segundo os dados existentes no regimento da Secretaria. Sistemáticamente a filosofia que a SETE adota para a gestão do artesanato é com ênfase no empreendedorismo. Nesta ordem a abordagem empreendedora que a secretaria conduz sugere o encaminhamento do artesanato para geração de emprego e renda, preconizada pela coordenação através da aplicação de metodologias que destaquem a cultura de empreendedorismo existente na secretaria, como qualificação, reuniões, treinamentos e definição de recursos financeiros para o artesanato local.

Entender da melhor forma a gestão aplicada para fomentar o artesanato pela SETE, torna-se fundamental analisar as diretrizes emanadas pela secretaria no que refere às políticas públicas e ações provenientes destas que se desdobram em segmentos, através das tipologias,

seguindo um cadastro de artesãos existente na secretaria. Neste cadastro estão registrados os ceramistas, pessoas que trabalham com sementes, com as biojóias e com as fibras de tururi⁶⁷, cipó títica (*Araceae, Heteropsis*⁶⁸) e madeira⁶⁹.

Visto que os referidos encaminhamentos, e ainda as prioridades e critérios definidos para trabalhar as tipologias do artesanato na secretaria devem seguir direcionamentos com base no que é mais procurado pelas pessoas no consumo do artesanato local, segundo informações da gestora refere-se o que está mais em evidência. Todavia os artesãos ainda não se sensibilizaram com a valorização que deve ser dada ao artesanato, informa a responsável pelo setor. Procura-se inicialmente por parte da coordenadoria do núcleo do artesanato da secretaria, tomar conhecimento a respeito do que está sendo mais procurado para consumo do artesanato local, tendo como referência a Casa do Artesão, que é um órgão gerenciado pela SETE.

Com base nestas informações, explora-se a possibilidade no sentido de identificar quais tipologias tem mais destaque que outras na produção artesanal dos artesãos cadastrados na secretaria. Trabalha-se no sentido de atender a todos, entretanto, dá-se ênfase para o que é mais procurado, a fim de que os artesãos busquem melhorar mais o seu trabalho, desenvolvendo a técnica que pode atrair melhor os consumidores do artesanato. Assim é definido o critério de priorizar a capacitação para o artesão na secretaria.

Em sua maioria, o público de artesãos que procuram a secretaria para buscar incentivo à atividade artesanal produzida, são pessoas que já tem um trabalho com uma tipologia definida, que na maioria das vezes, segundo a gestora, a secretaria é que vai em busca deles. Deste modo a SETE trabalha em parceria com o SEBRAE/AP para realizar as capacitações. Portanto a ação é da secretaria quanto a estabelecer o conjunto de prioridades para o trabalho do artesão cadastrado na secretaria. Analisa a gestora, que a iniciativa deveria partir dos artesãos, pois existem algumas dificuldades em trabalhar com eles, devido os mesmos não estarem disponíveis para participar das capacitações, quando são convocados em sua maioria.

Para a responsável do Núcleo da SETE, este comportamento de descaso existente por parte dos artesãos foi gerado em função das gestões passadas voltadas para o artesanato local.

⁶⁷ Fibra é a denominação genérica de qualquer estrutura filamentosa, geralmente sob forma de feixe, encontrada nos tecidos animais e vegetais ou em algumas substâncias minerais. São matérias-primas moles e flexíveis e que, trançadas, possui diversos usos, principalmente na manufatura de cestarias e móveis (MDIC/PAB/2008).

⁶⁸ (MDIC/PAB/2008).

⁶⁹ Nesta tipologia serão considerados os produtos confeccionados com madeira e seus derivados (MDF, aglomerados e compensados), compreendendo desde móveis e utilitários produzidos na marcenaria, objetos e adornos feitos com madeiras torneadas e outros decorrentes das diversas técnicas existentes para processamento da mesma, excetuando-se os papéis artesanais que constitui uma tipologia específica (MDIC/PAB/2008).

Anteriormente relata a gestora que os encaminhamentos tomados como políticas de fomento ao artesanato local acontecia através da celebração de convênios⁷⁰, através dos referidos convênios era repassado o dinheiro diretamente para o artesão, que segundo a gestora é uma política paternalista e ineficaz.

Atualmente os procedimentos adotados à política do artesanato não acontecem nesta ordem, primeiramente é feita uma pesquisa por parte da secretaria a fim de verificar em que nível está o produto dos artesãos e priorizar o que realmente eles estão precisando, desta forma terá maior aceitação no mercado, se for melhorado. Porém percebe-se que os artesãos gostariam que fosse feito da maneira que era realizado anteriormente, recebendo recursos em suas mãos para fazer como eles imaginam que deve ser feito. Para a gestora ã eles ainda não despertaram realmente para se qualificar com a finalidade de crescer como artesãos e ofertar um bom produto ao público consumidor do artesanato, preferindo assim o modelo anterior de repasse de recursos.

Nas observações da responsável pelo artesanato da SETE à época, o grupo da Amarte do Município de Laranjal de Jarí foi um exemplo citado quanto a confecção de peças de bijóias, que através do Grupo Orsa⁷¹, é o grupo que serve de exemplo aos demais artesãos do Estado, em tratamento da semente e beneficiamento da mesma. Este grupo passou por uma capacitação muito grande, viabilizada pela fundação Orsa, e também pela secretaria, e os resultados foram muito positivos.

Segundo a gestora do artesanato da SETE, as ações desenvolvidas pela secretaria para o artesanato no Amapá são provenientes das avaliações efetivadas a cada ano, em função dos resultados alcançados pelos grupos e suas tipologias, tendo como ponto de referência os artigos em exposição na casa do artesão bem como em sua área externa. Sequencialmente e ao longo do ano em razão do que deve ser melhorado e com base na avaliação do artesanato produzido em conformidade da capacitação promovida, analisam-se os resultados. Haverá continuidade do treinamento se os resultados forem positivos, que significa dizer que o produto melhorou, o artesão aderiu ao treinamento dentre outros aspectos. Caso contrário será feita uma reavaliação e identificação de possíveis falhas no processo de produção, significando que não houve os avanços que a SETE esperava.

Sob outras perspectivas, a maioria dos artesãos na visão da gestora da Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (SETE) encaram a atividade como um passatempo, e não

⁷⁰ Acordo voluntário e lícito entre duas ou mais pessoas, físicas ou jurídicas, que se atribuem direitos e obrigações (LACOMBE,2004).

⁷¹ Uma das principais organizações brasileiras no setor de madeira, celulose, papel e embalagens, com atuação

como algo que realmente possa lhes gerar uma renda, e por isso segundo ela, alguns não levam a sério a atividade do artesanato. Logo, apesar do trabalho realizado pela secretaria, o artesão ainda não despertou o seu espírito empreendedor, por conseguinte a gestora relata que o trabalho com o artesão local segue uma sequência de a fundação da Casa do artesão no ano de 1981.

Conseqüentemente os artesãos se queixam que os produtos artesanais estão perdendo espaço para os produtos industrializados, porém a gestora da secretaria analisa que o artesanato precisa é ser melhor trabalhado. Principalmente para atrair a atenção do consumidor amapaense, pois quem mais compra artesanato é o turista. O turista se encanta com a simplicidade do artesanato local, mas ao mesmo tempo, quando eles voltam sempre encontram a mesma coisa. Então falta ao artesão o desenvolvimento de novas peças, com novas técnicas e segundo suas explicações neste processo é fundamental a adesão do artesão à política de capacitação que a SETE promove anualmente.

Por conta desta análise, a secretaria decidiu diminuir o grupo de artesãos a serem capacitados, visto que a entidade optou por investir em quem realmente tem interesse em se comprometer com a atividade e crescer com ela e sobreviver como artesãos e fizeram dessa atividade um sustento em suas vidas, encarando-a realmente como uma profissão e tem interesse em aprender técnicas mais avançadas e conseqüentemente vão melhorar o seu produto. Estes artesãos segundo a gestora servirão de exemplo para os demais, pois através deles os outros perceberão a importância em se capacitar para melhor ofertar seu produto.

Atualmente todos os artesãos trabalham no mesmo nível, mas com estas capacitações haverá concorrência entre eles, e quando os demais perceberem que estão ficando para trás eles vão entender que deverão também se capacitar para melhor ofertar seus produtos. Então está faltando uma concorrência mais efetiva entre os próprios artesãos de acordo com cada tipologia trabalhada, o que levará aos demais atentarem para o tempo que estão perdendo em não se capacitar. Além das capacitações existentes para elaboração das peças, há também um trabalho voltado para a gestão do negócio que a secretaria desenvolve, ora as dificuldades existentes em comercializar as peças sendo outra problemática encontrada pelos artesãos, visto que em sua maioria eles não sabem abordar o consumidor, formar preços e organizar suas atividades, segundo os relatos da gestora do artesanato na SETE.

Geralmente as peças com sementes e as biojóias são as que tem mais saída, e por conta disto, o cuidado é maior por parte da SETE, logo é importante o conhecimento do

beneficiamento da semente. Por mais que se coloque uma pedra preciosa ou um metal e se a semente não for beneficiada de forma eficaz isto irá comprometer a peça. Palavras da gestora do artesanato na SETE. Sob as referidas observações em função do artesanato com as sementes, em razão das abordagens da gestão dos órgãos sediados no Estado do Amapá para a contento fomentar o artesanato da biojóia, faz-se necessário ainda e na mesma ordem analisar seu crescimento econômico no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indispensavelmente faz-se necessário destacar, que os grupos de sujeitos pesquisados são heterogêneos em gênero, idade, localização geográfica, formação, e tempo de criação. Apesar destas diferenças, seus objetivos são similares, pois se formaram em função de obter uma atividade que lhes renda um sustento, lhes dê opção de aprendizado e principalmente por ordem de seus representantes que seja duradoura e lhes proporcione perspectivas de um futuro promissor.

Os grupos estão formalmente constituídos e reconhecidos pela natureza de associação e projeto na escola, sendo que a oficialização dos referidos grupos ocorre através de documentos comprobatórios que lhes permitam dar entrada nos referidos órgãos, tais como estatutos, planos de ação ou simplesmente o cadastro dos responsáveis através de seus Comprovante de Pessoa Física (CPF). Esta identificação organizacional possibilitou aos grupos a abertura necessária para obter apoios de entidades públicas e privadas. A condição de uma identificação formalizada é fundamental para que os grupos desta natureza passem a ser vistos como um canal de ação de políticas públicas e de diretrizes corporativas particulares de fomento.

O processo investigativo mostrou uma realidade que foi construída com o compromisso de cada grupo e não pelas ações governamentais locais. A Amarte resultou do apoio de uma fundação localizada no município de Vitória do Jarí e se sustenta até então com o compromisso das associadas para que não deixe de existir; o Projeto ponte para o futuro da Escola Igarapé da Fortaleza em Santana resultou da iniciativa de professores da Escola que para a sua continuidade conta com a fundação de um banco privado e o apoio de uma multinacional para sua existência; a Associação dos Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia foi fruto do trabalho de moradores da Vila do Coração que se reuniram e foram com seus esforços ao longo do tempo gerando oportunidades conquistadas por eles mesmos e que devido a falta de uma orientação específica à sua atividade, desistiu da produção de biojóias.

O sistema de cooperação foi observado em todos os grupos no que se refere ao processo de organização da produção artesanal desenvolvido por cada conjunto. No que diz respeito a Amarte, suas integrantes, levam em consideração as habilidades desenvolvidas pelas componentes do grupo. As associadas identificam-se com as atividades dos processos na produção das sementes, significativamente, as mulheres do grupo, passam a exercitar suas habilidades, conforme a produção das biojóias vai se desenvolvendo, resultando no

aprendizado conjunto, logo, cada componente se sairá melhor naquela tarefa que tem mais habilidade de praticar, na mesma ordem multiplicando para as demais.

Na mesma ordem os artesãos da Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia, também adotam um sistema conjunto de produção artesanal, desde a coleta de sementes se desdobrando para o processo produtivo das peças. Os integrantes trocam experiências e descobertas, dando muita ênfase no conjunto de sua cultura local e aprendizado passado de pai para filho e entre familiares e moradores às proximidades da associação. Conjuntamente decidiram migrar para outra atividade artesanal.

Particularmente em relação ao Projeto Ponte para o futuro, a produção ocorre de forma dirigida (professor-aluno), pois os alunos do projeto são capacitados e não tem inicialmente habilidade alguma para a produção artesanal das biojóias, com tempo e a cada capacitação alguns permanecem ou se afastam, porém é desenvolvida ao longo do processo a importância de produzir, aprender e multiplicar como metodologia pedagógica por parte dos professores a colaboração e o sentido de equipe no grupo.

Em razão das diretrizes da Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (SETE) é seguido um cronograma de ações que o órgão oferece aos artesãos. Porém, estas ações não seguem necessidades dos grupos demandantes, com base nas especificidades de cada grupo em função das tipologias trabalhadas. Consubstancialmente a secretaria possui um cadastro de todos os artesãos que trabalham com sementes, segundo a gestora do artesanato, os artesãos não atendem ao chamamento para as capacitações, pois estavam acostumados com governos anteriores, em receber uma determinada quantia em dinheiro através de repasses/convênios e produzir de forma independente, seus produtos artesanais. Contudo as ações da Secretaria ainda não conseguem sistematizar um ordenamento das demandas provenientes do artesanato da biojóia. Esta forma de gestão do artesanato da biojóia causa insatisfação dos dois lados: artesãos e gestão governamental do artesanato.

Com base nesta análise pode-se confirmar a hipótese de pesquisa descrita inicialmente que estabelece que o artesanato da biojóia em Macapá é uma atividade pulverizada em virtude da ausência de políticas públicas que diante da inexistência de um plano de ação com programas sistematizados para atender demandas provenientes deste setor, inviabiliza perspectivas de melhores condições de vida às comunidades envolvidas.

Na sequência a segunda hipótese, estabeleceu que a ausência de iniciativa dos artesãos envolvidos com a atividade artesanal da biojóia não gera perspectivas de melhoria de sua condição social, possibilitada pela referida atividade, pois se estivessem conscientes de suas potencialidades no uso das sementes utilizadas na produção de biojóia, obteriam

melhores resultados. O processo investigativo mostrou que os grupos procuram por iniciativa própria meios que solidifiquem sua produção artesanal, sendo desta forma a referida hipótese refutada.

Comprova-se que a procura pela descoberta de técnicas, produção de embalagens, busca por parcerias e aprendizado contínuo resulta no crescimento destes grupos, pela suas ações que ao se depararem com uma técnica ineficaz, buscam logo outras voluntariamente, apesar de não encontrarem até então, uma técnica eficaz para manter as sementes em condições de uso adequado, longe do mofo e da deterioração, contando apenas com a sorte, e que certa forma, este desconhecimento compromete todo o trabalho do grupo.

No que se refere ao objetivo da pesquisa baseado na análise das etapas de criação, desenvolvimento e oferta de produtos artesanais com sementes através da biojóia, aplicada pelos grupos envolvidos, foi construído com base na formação acadêmica da ciência da Administração os quais possibilitaram direcionamentos norteadores pautados nos princípios básicos da referida ciência guiados através do olhar de uma gestão flexível, sistematizada e estruturada com ênfase na importância das pessoas por ordem de seus objetivos conjuntos.

Nesta ordem os sistemas organizativos das organizações de cada grupo são particulares e seguem em conformidade com a natureza de cada conjunto de pessoas reunidas de acordo com suas peculiaridades e recursos disponíveis, esta lógica foi observada nos grupos pesquisados. Referida análise permitiu entender que não existem fórmulas padrões para conduzir estruturas organizativas, dependerá principalmente da dimensão e natureza de cada conjunto organizacional.

Quanto aos recursos existentes para a produção artesanal de biojóias, no que se refere à matéria-prima, em grande parte é originado da natureza, que são as sementes. A forma de aquisição das sementes para poder acionar a produção de cada grupo é realizada através de agricultores da localidade e de coletas feitas pelos próprios componentes dos grupos no seu entorno e das batedeiras de açaí, estes procedimentos não constataram uma atividade predatória e tampouco inconsciente pelos grupos que ao longo da pesquisa destacaram sua preocupação com o ambiente natural que lhes cercam.

Notadamente percebeu-se os cuidados voluntários que os grupos tem com o ambiente natural que lhes confere a principal matéria-prima de sua atividade artesanal, uma vez que os mesmos não usam de métodos mecânicos, predatórios e degradantes do meio ambiente, apenas procuram por formas de obter as sementes que estão na natureza e que podem ser coletadas manualmente ou ainda por pessoas que conhecem o meio ambiente e que vivem dele também, como os agricultores. Desta forma os grupos tem a plena consciência da

sobrevivência de sua produção artesanal estar associada a uma atividade muito próxima dos recursos da natureza.

Em função do problema de pesquisa ter tido seu ponto de partida com ênfase em procurar responder como **a atividade do artesanato da biojóia no Estado do Amapá está organizada sob o prisma da finalidade de proporcionar sobrevivência aos grupos sociais envolvidos**, possibilitou caminhar em uma direção específica a conhecer as realidades de cada grupo nesta ótica. Primeiramente constatou-se um forte sentimento de cooperação entre os indivíduos do grupo, que de toda ordem conhecem suas potencialidades e fragilidades e têm a plena consciência de que sem um apoio de nível governamental ou de outra entidade capaz de fomentar sua organização produtiva dificilmente poderão dar continuidade aos seus objetivos.

A capacidade de organização e iniciativa constante de alguns indivíduos do grupo funcionam como um estímulo ao conjunto de todos os integrantes, que efetivamente levou ao reconhecimento de algumas integrantes por entidades públicas a exemplo do SEBRAE nacional que premiou a Tesoureira do grupo Amarte vencedora do prêmio nacional "Mulher de Negócio", do ano de 2010 que foi amplamente divulgado em todos os meios de comunicação local inclusive em outdoor na cidade de Macapá. A líder da Associação de Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia que após se formar em designer na Faculdade Centro de Ensino Superior do Amapá (CEAP) recebeu uma premiação devido sua participação em um concurso em nível nacional de inovação através do SEBRAE que envolveu faculdades de Designer de todo o país, através da descoberta de uma massa feita do bagaço do açaí que é coletado como lixo nas bateadeiras de açaí da Vila do Coração, onde está localizada a referida associação.

O território como uma das categorias de análises conceituais forneceu base suficiente para entender a ação dos agentes existentes no território composto da sociedade, governos e entes empresariais privados e não governamentais. O processo verticalizado adotado pela dimensão governamental em sua maioria não contempla a participação democrática e inclusiva de segmentos da sociedade a exemplo dos grupos pesquisados, que estão sempre esperando o atendimento de suas solicitações que giram em torno de aprendizado, espaço para produção, maquinário e acesso a conhecimentos específicos no trato com as sementes.

A categoria conceitual de rede associada a gestão territorial foi exercitada através da possibilidade de uma ótica mais democrática e inclusiva dos agentes constantes no território, visto pela ação dos grupos sistematicamente associada a outros agentes do território, emergindo a necessidade de analisar outra categoria conceitual representada pelo capital

social, fator principal para se adotar um sistema de redes. Ao estudar o território sob a abordagem em rede, através do capital social, ficou claro a importância de todos estes conceitos analisados de forma integrada com a finalidade de entender a participação efetiva da cooperação dos atores hegemônicos e hegemoneizados constantes no território representados respectivamente pelos grupos sociais, governos e empresas, estes últimos como detentores das regras de domínio econômico local.

Reforçando a visão sistematizada dos atores dos território na pesquisa pode-se identificar a participação dos grupos de artesãos, os agricultores locais, a comunidade local, empresas privadas, empresas públicas, escola pública, Sebrae, Infraero e batedores de açai dinamizando uma economia baseada no protagonismo local no Estado do Amapá através dos recursos naturais representado pelas sementes do lugar. Este processo conjunto sugere uma estrutura com ênfase ao desenvolvimento regional através da ação do Arranjo Produtivo Local do Turismo que é uma prioridade do Programa de Desenvolvimento Integrado Amapá Produtivo, portanto fazendo-se necessário elaborar um Plano de Desenvolvimento do Turismo no Amapá mais consistente, contando com consultoria com experiência nesse segmento econômico.

Como políticas representativas de apoio ao desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais em Macapá, consta nos registros do Manual Operacional das Entidades Parceiras do Ministério da Indústria e Comércio a criação do APL do artesanato através do SEBRAE/AP. Referidas possibilidades são apenas planos de ação para todos os estados brasileiros, no que se refere ao Estado do Amapá como um todo, estão previstas ainda APLs das culturas da mandiocultura, bubalinocultura, cerâmica para construção civil, fruticultura do açai e hortifrutigranjeiros, madeira-móveis, pesca e turismo, este último pode agir interligado ao artesanato e outros setores, promovendo o desenvolvimento regional no Estado.

Neste sentido o turismo como atividade intersetorial, contemplaria o artesanato como um instrumento dinamizador econômico e social ao conjunto dos atores do sistema, onde o artesanato da biojóia pode encontrar um ambiente acolhedor para o sustento dos grupos envolvidos com a referida atividade artesanal. Necessariamente será fundamental identificar todos os elementos constantes do território, sugerindo um processo inovador e integrado, fortalecendo assim a competitividade territorial no segmento do artesanato do lugar.

Com perspectivas futuras a pesquisa mostrou que o artesanato local precisa ser gerenciado de melhor forma no Estado do Amapá, desta forma, poderá mitigar o abismo existente entre os discursos dos artesãos e os órgãos públicos que em sua tônica, são dissonantes. A Casa do artesão como canal de escoamento da produção dos artesãos locais

não funciona como deveria, partindo do princípio que a atividade artesanal envolve cultura e identidade regional e cada peça exposta deve conter o registro de sua criação. Percebeu-se que esta prática não é adotada no referido ponto de venda. Como ponto turístico, a Casa do Artesão perde até o significado de seu nome, uma vez que os funcionários não sabem dar informações a respeito das peças expostas tampouco o nome dos artesãos que a produziram.

Em virtude de uma falta de gestão ou desorganização, os próprios artesãos desconhecem a marca Maracá e Cunani. Necessário se faz dar identidade ao artesanal local que através das marcas Maracá e Cunani desde 2006, passou a ser trabalhada com propósito de possibilitar um registro cultural para representar nominalmente os produtos do artesanato no Estado do Amapá, este intento ainda não é visível e nem perceptível pelos grupos pesquisados, os integrantes produzem suas biojóias, mas não sabem associar o produto a uma história com nome cultural que contempla parte da história do Estado. Isto acontece devido a ausência de políticas e gestão pública adequadas a este segmento econômico que poderia ser associado ao turismo e constituir uma estrutura organizacional eficaz para a organização dos artesãos no Estado.

Este estado de descontrole gerencial resulta em um artesanato pulverizado no Estado, onde os organismos representativos locais para dar conta do setor adotam procedimentos imediatistas sem se tornar assertivos e efetivamente contínuos, em função da própria falta de continuidade de uma governança pública planejada e equilibrada em torno de planejamento baseados em objetivos concretos e estratégias focadas na vocação do território do Amapá que publicamente é destacado pela sua máxima em preservação ambiental.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Conselhos além dos limites**. Estudos avançados 15 (43), 2001.

ALBAGLI, Sarita. **Territórios e Territorialidade**. In LAGES, Vinicius, BRAGA, Cristiano, MORELLI, Gustavo. Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Ignacy, Sachs, prefácio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Distrito Federal, DF: SEBRAE, 2004.

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro editora, 2005.

BECKER, Bertha K. **Modelos e cenários para a Amazônia: o papel da ciência Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?** Parcerias Estratégicas - número 12 - setembro 2001.

BENKO, George. **A recomposição dos espaços**, In: Revista internacional de desenvolvimento local. Vol. 1, N.2, p.7-12, mar. 2001.

BRASIL um país de todos. **Política de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais**. Termo de Referência para Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais. Versão para Discussão do GT Interministerial. Versão Final (16/04/2004).

BRASIL um país de todos. **Política de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais**. Manual Operacional para Instituições Parceiras. Versão Final (19/05/2004).

CAPRA, Fritjot. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**: tradução Newton Echemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASAROTO Filho, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 2001.

CASSIOLATO, Helena Maria Martins e Lastres, José Eduardo. **O Enfoque em sistemas produtivos e inovações locais**. In FISCHER, Tania. **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais**: marcos teóricos e avaliação. São Paulo. Editora: Casa da Qualidade, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. (A era da informação: economia, sociedade e cultura: V2)**. 3ed. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edna. **Estado e Políticas Públicas na Amazônia em Face da Globalização e da Integração dos Mercados**. In, Estado e Políticas Públicas na Amazônia: gestão do desenvolvimento regional/ organização: Maria Célia Nunes Coelho, Armim Mathis, Edna Castro, Thomas Hurtienne. ó Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 2001.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. **Sociologia aplicada à administração.** São Paulo: Atlas, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

COLEÇÃO de biojóias Palmae é apresentada em Feira Internacional em São Paulo. Disponível em: <<http://www.otca.org.br/salaandesmazonia/index/2008>>. Acesso em 25 jun.2010.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology, v.94, supplement,p. 95-120, 1988.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: Atores e Cenários em Mudança.** Fortaleza: EDUECE, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2006.

COSTA, Marcondes Lima, RODRIGUES, Suynane Flávia Santos e HOHN, Helmut . **O marfim das biojóias da Amazônia.** UFPA, 2005.

COSTA, Antonio Roque; CRESCITELLI, Edison Gomes. **Marketing promocional para mercados competitivos.** São Paulo. Atlas, 1996.

COSTA NETO, S. V. ; SILVA, M. S. ; RABELO, B. V. ; CARVALHO, F. P. . **A vegetação do litoral estuarino amazônico do Estado do Amapá.** In: 52º Congresso Nacional de Botânica, 2001, João Pessoa. Resumo do 52º Congresso Nacional de Botânica. João Pessoa : Universidade Federal da Paraíba e Sociedade Botânica do Brasil, 2001. v. 1. p. 266-266.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Redes, sociedades e territórios.** Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2005.

DELEAGE, Jean Paul. Uma ecologia mundo. In: CASTRO, Edna & Pinton. Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: CEJUP: UFPA ó NAEA, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria método e criatividade;** Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

Estudo de Mercado de Sementes Florestais de Espécies Nativas em Rondônia. Manaus (2005)

ETZIONE, Amitai. **Análise comparativa de organizações complexas**. São Paulo: Zahar, 1974.

GEA (Governo do Estado do Amapá), Secretaria de Estado de Planejamento Orçamento e Tesouro (SEPLOT), Coordenadoria de Pesquisa e Estratégias Socio-econômicas e Fiscais (CPESE). **Histórico do Municípios do Estado do Amapá** ó 2005.

GEA (Governo do Estado do Amapá) Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico. **Plano de Desenvolvimento Integrado**. Amapá Produtivo Macapá-AP, 2005.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; tradução de Vera Mello Joscelyne. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso** ó São Paulo: Atlas, 2009.

GTI (Grupo de trabalho Interministerial) Brasil um país de todos. **Política de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais**. Termo de Referência para Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais. Versão para Discussão do GT Interministerial. Versão Final (16/04/2004).

HAESBAERT, Rogério. **O mito da des-territorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____, Rogério. **Territórios Alternativos**. 2 ed. São Paulo. 2006

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro ó 11. Ed. ó Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGGINS, Silvio Salej. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005. 263p.

HUNT, E.K. **História do pensamento econômico**; tradução José Ricardo Brandão Azevedo. - 7ª edição . ó Rio de Janeiro: Campus, 1989.

ISOLDE D. K. Ferraz, Sidney A. N. Ferreira e Daniel F. O. Gentil, Conselho Editorial. **Informativo Técnico Rede de Sementes da Amazônia**. - INPA, Manaus-AM Coordenação do projeto: Manuel Lima - UFAM, Manaus-AM Projeto gráfico: Tito Fernandes. Versão on-line ISSN 1679-8058 ó 2003. Disponível em: < <http://www.rsa.ufam.edu.br>>. Acesso em: 25 de junho de 2010.

KICKERT, Walter J.M.; STILLMANN (Ed). **The modern State and its study: new administrative sciences in a changing Europe and United States**. Cheltenham, UK, Northampton, MA; Edward Elgar, 1999.

LACOMBE, Francisco José Masset. Dicionário de Administração. ó São Paulo: Saraiva, 2004.

LAS CASAS, Alexandre. **Marketing: Conceitos, exercícios e casos.** São Paulo. Editora Atlas 1997.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias.** Tradução de Lucie Didio ó Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

LUDKE, Menga e André, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MATIAS, Pereira, José. **Manual de gestão pública contemporânea.** 2^a.ed. ó São Paulo : Atlas 2009.

MELO, Neli Aparecida de. **Políticas Territoriais na Amazônia.** ó São Paulo: Annablume, 2006.

MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), Secretaria de Comércio e serviços (SCS) e Departamento de Micro, Pequenas e Médias Empresas (DMPME). **Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Glossário,** 2008.

MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) Portaria do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Nº 187, de 31 de Outubro de 2006. **Manual de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais Grupo de Trabalho Permanente Para Arranjos Produtivo Locais,** 2006.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORIN, Edgar. Por um pensamento ecologizado. In: CASTRO, Edna & Pinton. **Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** Belém: CEJUP: UFPA ó NAEA, 1997.

NOGUEIRA, Ellen Aparecida. **Insetos broqueadores de sementes e aproveitamento de sementes para confecção de biojóias e artesanato.** Monografia (apresentada ao final do Curso de Graduação de Engenharia Florestal) ó Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro ó Instituto de Florestas, Seropédica ó Rio de Janeiro. 2008, 33p.

PASE, Hemerson Luiz; SANTOS, Everton. **Capital Social e Desenvolvimento no Rio Grande do Sul.** In BAQUERO, Marcello; CREMONESE, Dejalma. Desenvolvimento Regional, democracia local e capital social. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008 ó 328 p.

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca: expressividade e sensorialidade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PAULA, Juarez De. **Território, redes e desenvolvimento**. In LAGES, Vinicius, BRAGA, Cristiano, MORELLI, Gustavo. Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Ignacy, Sachs, prefácio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Distrito Federal, DF: SEBRAE, 2004.

PIORE, M. J & SABEL, C.F. **The second Industrial divide possibilities for prosperity**. New York: Basic Books, 1984.

PORTER, Michael. **Estratégia Competitiva**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

PORTO, Jadson Luís Rebelo. **Amapá: Principais Transformações Econômicas e Institucionais (1943-2000)**. Macapá: Edição do Autor, 2007.

PRZEWORSKY, A. **A democracia e mercado: reformas políticas e econômicas na Europa Oriental e na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**; tradução Luiz Alberto Monjardim. - 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RAFESTIN. Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo. Editora: Ática, 1999.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do artesanato indígena**. Ilustrações de Hamilton Botelho Malhano. Itatiaia: São Paulo: editora Universidade Federal de São Paulo. 1988.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas / Colaboradores José Augusto de Souza Peres...(et al)**, - 3. Ed ó 8. Reimpr. ó São Paulo: Atlas, 2008.

ROOSEVELT, Ana C. **Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia**. In NEVES Walter org. (origens, adaptações e diversidades biológicas do homem nativo da Amazônia. Belém, set/CNPQ- Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. 4, reimpr. ó São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10ª Ed. ó Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2002 ó 126 p.

SEBRAE/AP. **O legado das civilizações Maracá e Cunani: o Amapá revelando sua identidade.** Cyntia Malaguti colaboradora. ó Macapá:SEBRAE/AP, 2006.

SEBRAE/AP. **Mãos do Amapá ó Identidade Maracá e Cunani. O legado Cultural das Civilizações Maracá e Cunani como identidade nos Produtos do Artesanato do Amapá.** Macapá,2007.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social.** Tradução [da 2ª Ed. Inglesa], Vera Ribeiro: revisão técnica, Berta Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SPÓSITO, Eliseu Saveiro. **Redes e cidades.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TRILHAS DA ESALQ. Jarina; <<http://www.esalq.usp.br/trilhas>> ; Acesso em 10/08/2010.
Manejo da Jarina (Phytelephas macrocarpa) para produção de sementes por Neuza Teresinha Boufleuer e outros. Rio Branco: Secretaria de Extrativismo e Produção Familiar, 2005. 31 p. il, (Seprof. Documento Técnico, 6)

VALADARES, Maurício Castelo Branco. **Planejamento estratégico Empresarial: foco em clientes e pessoas.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

VALLE, Maria Joana Lima Valente do. **Sementes utilizadas em artesanato no Rio de janeiro.** 2008. 43 f. Monografia (apresentada ao final do Curso graduação de Engenharia Florestal) ó Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro , Instituto de Florestas, Seropédica - Rio de Janeiro.

VARGAS, Ricardo. **Gerenciamento de Projeto.** 6ª edição, São Paulo: Brasport, 2006.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da Cultura.** Tradução Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru, Sp: EDUSC, 2003.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos.** Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3 ed. Itatiaia: São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS GESTORES DO ARTESANATO DO SEBRAE AMAPÁ E SECRETARIA DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO

- 1) Como são conduzidas as diretrizes do artesanato no Estado?
- 2) Qual o público-alvo a ser atingido?
- 3) Quais os grupos que mais se destacam com a produção de biojóias?
- 4) Quais as dificuldades enfrentadas para trabalhar com os grupos?
- 5) Existem critérios para a escolha dos grupos? Como focá-los?

APENDICE B

PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AO DESIGNER CONTRATADO PELO SEBRAE EM 2002 COM A FINALIDADE DE ESTUDAR O ARTESANATO LOCAL.

- 1) Como começou o trabalho de capacitação do artesão em razão do design?
- 2) Como foram escolhidos os grupos de artesãos?
- 3) Quais os entraves gerenciais das entidades para desenvolver o trabalho?
- 4) Quais os entraves por parte do artesão para a adesão ao trabalho?
- 5) Em que evoluiu o trabalho do artesanato local?
- 6) O que precisa para que o artesanato local amadureça e se transforme em uma possibilidade de vida melhor aos artesãos locais?

ANEXOS

- 1) Estatuto da Amarte e ata da assembléia de mudança do nome da associação
- 2) Documento de formação do projeto ponte para o futuro
- 3) Documento comprobatório da associação Quilombo Artes Tapuia
- 4) Relação dos artesãos cadastrados na SETE que trabalham com sementes
- 5) Documento do SEBRAE/AP do Plano Plurianual para o artesanato
- 6) Matéria de Jornal Premiação da líder da Associação dos Artesãos do Quilombo de Artes Tapuia
- 7) Material Informativo do SEBRAE/AP sobre premiação nacional da tesoureira da Amarte sobre Mulheres empreendedoras.